

SER-TÃO:

A FLOR(A) E O LICURI

As escritórias das Mulheres-Mães do Subaé e a Educação do Campo



Kelly Santiago Oliveira



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Kelly Santiago Oliveira

SER-TÃO: A FLOR(A) E O LICURI

As escritórias das Mulheres-Mães do Subaé e a Educação do Campo

Produto final apresentado no Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como requisito para obtenção do título de mestre em Educação do Campo.

Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação do Campo.

Orientadora: Prof(a) Dra. Ana Cristina Nascimento Givigi.

AMARGOSA – BAHIA

2020

O48s

Oliveira, Kelly Santiago.

Ser-tão: a flor(a) e o licuri: as escrituras das mulheres-mães do Subaé e a Educação do Campo. / Kelly Santiago Oliveira. – Amargosa, BA, 2021.

155 fls.; il. color.

Orientadora: Prof. Dr. Ana Cristina Nascimento Givigi.

Produto (Mestrado Profissional em Educação do Campo) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. – UFRB – Amargosa, BA. 2021.

1. Educação do Campo. 2. Identidade - território. 3. Memória. I. Givigi, Ana Cristina Nascimento. II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. III. Título.

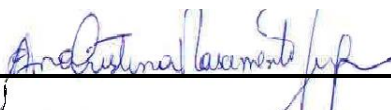
CDD – 379

Kelly Santiago Oliveira

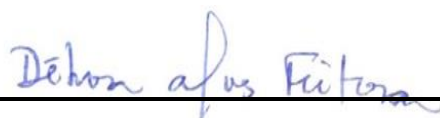
SER-TÃO: A FLOR(A) E O LICURI

As experiências das Mulheres-Mães do Subaé e a Educação do Campo

Produto final apresentado no Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como requisito para obtenção do título de mestre em Educação do Campo, perante a Banca:



Prof(a). Dra. Ana Cristina Nascimento Givigi – Orientadora
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB



Prof(a) Dra. Débora Alves Feitosa – Examinadora interna
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB



Prof(a) Dra. Livia Tavares Mendes Froes – Examinadora externa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IF BAIANO



Prof(o). Dr. Davi Silva – Examinador externo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IF BAIANO

AMARGOSA – BAHIA

2020

SER-TÃO:

A FLOR(A) E O LICURI

As escrituras das Mulheres-Mães do Subaé e a Educação do Campo

Kelly Santiago Oliveira

Amargosa, Bahia

2020

SER-TÃO: A FLOR(A) E O LICURI: *As escritivências das mulheres-mães do Subaé e a Educação do Campo*

Produto final do Mestrado Profissional em Educação do Campo, através do Programa Pós-graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) por Kelly Santiago Oliveira, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Cristina Nascimento Givigi.

Ilustrações: Arielle da Silva Meireles

Fotografias: Kelly Santiago Oliveira, Maria Zilda Santiago Oliveira, Kauany Rodrigues Santiago, Maria Ecicleide Santiago Oliveira, Maria Ecicleide Santiago Oliveira, Gabrielle Santiago e Santiago, Sidna Santiago de Oliveira, Derivaldo Santiago Oliveira, Rafael Santiago Souza.

DEDICATÓRIA

Essa produção é dedicada à todas as gerações de mulheres que, antes de mim, andaram descalças pelos caminhos pedregosos e quentes do semiárido.

Essa produção é dedicada à todas as crianças que vieram e virão depois de mim e poderão conhecer um pouco da trajetória bonita do nosso povo.

Essa produção é dedicada ao Subaé e seus ensinamentos! É um modo singelo de eternizar a história de vida de Dona Flora (in memoriam), minha avó, que inspirou gerações de mulheres a voar sempre mais alto.

Eu sou a primeira mulher da minha linhagem a ter liberdade de escolha. A construir um futuro como bem entender. Dizer o que vier a mente quando eu quiser. Sem ouvir o barulho do chicote. São centenas de primeiras vezes pelas quais sou grata, cenas que a minha mãe e a mãe dela e a mãe dela não tiveram o privilégio de viver. É uma verdadeira honra. Ser a primeira mulher da família que pode sentir seus próprios desejos. Não é toa que quero experimentar esta vida ao máximo. Antes de mim tenho gerações de barrigas famintas. As avós devem estar gritando de tanto dar risada, reunidas em volta de um fogão de barro lá do outro lado. Bebericando masala chai leitoso em copo fumegante. Elas devem achar uma loucura ver uma das suas mulheres vivendo de um jeito tão grandioso.

(ode à cena do vilarejo 1938, de amrita sher-gil)

RESUMO

As mulheres-mães da roça sempre representaram sinônimo de luta, resistência e (des)construção de paradigmas dentro do feminismo e da Educação do Campo, entretanto, poucas vezes tiveram as suas histórias contadas dentro dos espaços acadêmicos. Dentro dessa perspectiva, a partir das histórias de vida das mulheres do Subaé e seus entrelaçamentos com a militância e a luta política pelo desenvolvimento comunitário, nasce o Livro Popular intitulado de “SER-TÃO – A Flor(a) e o Licuri: As escrevivências das mulheres-mães do Subaé e a Educação do Campo”, fruto de uma construção coletiva junto as mulheres da Comunidade de Subaé, município de Serrinha, Bahia. Tem com o intuito de contar e recontar as histórias do Subaé e de vida dessas mulheres e suas lutas diárias da roça, nos caminhos a busca dos Licuris, a desconstrução da maternidade, a educação das crianças pequenas, e o fortalecimento das suas identidades coletivas. Esta pesquisa foi construída durante a pandemia da COVID-19, por essa razão a metodologia utilizada precisou ser adaptada no decorrer do processo. Para tanto os caminhos metodológicos trilhados embasaram-se no conceito de Escrevivências de Conceição Evaristo (2017), e utilizamos das ferramentas digitais por meio de entrevistas narrativas com eixos norteadores: infância, trabalho, lugar como mulher, brinquedos e brincadeiras, as buscas do Licuri; as fotografias: onde cada mulher participante desse livro disponibilizou fotografias de sua trajetória de vida. Importante ressaltar que, dentro dessa construção destacamos a história de Flora Gomes, uma mulher política, lutadora e matriarca da comunidade. A escrita desse livro trará resultados significativos para a Educação do Campo, para que a comunidade de Subaé, sobretudo as crianças, conheçam os caminhos que percorremos, os legados que construímos e as estratégias de resistência adotadas pelo povo, mas principalmente pelas mulheres, para que o Subaé fosse reconhecido como um espaço político e de emancipação de uma cultura patriarcal e machista. As mulheres, trabalhadoras, educadoras e políticas da minha família e da minha comunidade, construíram através das rodas cantadas de Licuri processos educativos de vida que resultaram na construção das identidades coletivas de inúmeras gerações.

Palavras Chave: Identidade, Escrevivências, Educação do Campo, Feminismo.

ABSTRACT

The women-mothers of the country have always represented synonymous with struggle, resistance and (de) construction of paradigms within feminism and rural education, however, their stories have rarely been told within academic spaces. Within this perspective, from the life stories of the women of Subaé and their intertwining with militancy and the political struggle for community development, the Popular Book entitled “SER-TÃO - A Flor (a) eo Licuri: As escritôncias” was born. of the women-mothers of Subaé and Educação do Campo”, the result of a collective construction with women from the Subaé Community, Serrinha, Bahia. Its purpose is to tell and retell the stories of Subaé and the life of these women and their daily struggles in the fields, in search of Licuris, the deconstruction of motherhood, the education of young children, and the strengthening of their collective identities. This research was built during the COVID-19 pandemic, so the methodology used had to be adapted during the process. For that, the methodological paths followed were based on the concept of Escritôncias by Conceição Evaristo (2017), and we use digital tools through narrative interviews with guiding axes: childhood, work, place as a woman, toys and games, Licuri searches ; the photographs: where each woman participating in this book provided photographs of her life trajectory. It is important to note that within this construction we highlight the story of Flora Gomes, a political woman, fighter and matriarch of the community. The writing of this book will bring significant results to the Education of the Field, so that the community of Subaé, especially the children, will know the paths we have traveled, the legacies we have built and the resistance strategies adopted by the people, but mainly by women, so that Subaé was recognized as a political space and for the emancipation of a patriarchal and sexist culture. The women, workers, educators and politicians of my family and my community, built through the Licuri wheels sung educational processes of life that resulted in the construction of collective identities of countless generations.

Keywords: Identity, Escritôncias, Rural Education, Feminism.



Foto – Casa de Dona Flora, 2016

SUMÁRIO

BEM VINDAS/OS.....	09
Capítulo 1: SER-TÃO SUBAÉ – A APRESENTAÇÃO DA NOSSA RODA DE LICURI.....	13
Capítulo 2: AS MANDONAS DO SUBAÉ.....	18
Capítulo 3: SUBAÉ – POVO FORTE, RESISTENTE E POLÍTICO.....	74
Capítulo 4: QUEBRA-HISTÓRIA-QUEBRA: O LICURI ALIMENTANDO GERAÇÕES.....	98
Capítulo 5: O NOSSO SER-TÃO SUBAÉ – MUITAS HISTÓRIAS PARA CONTAR.....	107
Capítulo 6: AS SEMENTINHAS DE LICURI – A CONTINUAÇÃO DA NOSSA HISTÓRIA.....	116
A CHEGADA E A PARTIDA... E SEUS ENSINAMENTOS.....	120

BEM VINDAS/OS

Sejam bem-vindos e bem-vindas a esse **livro popular** escrito por muitas mãos. As mãos calejadas e corajosas das mulheres incríveis da minha comunidade. Essa é uma escrita para mulheres do Subaé. *De mulheres para mulheres*. Mulheres retadas, que com muita luta conquistaram o seu espaço no mundo.

Mas não só para mulheres... mas para a minha avó, meu avô, minha mãe, meu pai, minha tia, minha sobrinha, meu filho, minha família, minha comunidade, saberem que o que nós produzimos comunitariamente partilhando saberes é **EDUCAÇÃO. É EDUCAÇÃO DO CAMPO!**

Uma educação dessa terra, que entrelaçou meus dedos enquanto eu era criança, molhou minha face quando chovia de alegria no semiárido e sobretudo me educou para conquistar o meu lugar no mundo.

Uma educação desse *Licuri*, que a gente quebrava e contava segredos uma para outra. Desse *Licuri* que a gente escolhia o fruto, se alimentava e ao mesmo tempo partilhava e construía estratégias de resistência. O *Licuri* na comunidade de Subaé, desde que nos entendemos como gente, alimenta e educa gerações, através de rodas de colheita e partilha, que reúne mulheres, adultos e crianças nas tardes da comunidade.

Esse livro popular conta a **História do Subaé** a partir do olhar das suas **mulheres mandonas**, e uma delas sou eu...

O Subaé, uma pequena comunidade, que segundo relatos “*não parou no tempo*”, dividido em ruas, caminhos e casas que cultivam entre os moradores e os enraizados (como eu), amor, conhecimento e resistência política.

Um povo que sempre buscou se posicionar e exigir seus direitos sociais. Um povo que educou suas crianças para voar e retornar para o ninho, sempre buscando contribuir com o desenvolvimento da comunidade.

Mas afinal, por que falar do Subaé na voz das mulheres? Por que relatar e eternizar essas histórias nas vozes que foram silenciadas durante tantos séculos? Por que construir saberes para Educação do Campo a partir dos caminhos trilados pelo meu lugar?

Porque, antes mesmo de compreender sobre os conceitos *feministas*¹ e sobretudo, sobre a importância da *educação popular*² para o desenvolvimento comunitário, já estávamos nós, ***mulheres e crianças do Subaé***, construindo histórias e encorajando nossos pares a ocuparem os seus espaços de direito.

Em roda, um movimento cíclico de educação acontecia, enquanto, alimentavam-se as crianças com o fruto precioso do semiárido, as mulheres da minha comunidade relatavam suas labutas diárias de manutenção da vida e desenvolviam estratégias de resistência.

No centro dessa roda uma grande mulher contribuiu para que muitas histórias se transformassem: Flora Gomes de Oliveira, conhecida também como Florinda, Cangaceira, Tia Fia ou Maria Bonita do Subaé. É por ela que construímos esse registro, e é por ela que continuaremos contando essa história, reestabelecendo laços e (re)existindo dentro da luta feminista e da Educação do Campo.

Este registro histórico-educativo-afetivo é fruto da minha pesquisa do Mestrado em Educação do Campo, pela Universidade Federal do Recôncavo da

¹**Feminismo** é o projeto político, social e econômico que visa à equidade entre os gêneros, uma vez que a falta de oportunidades e a existência do machismo em todas as áreas vinculadas ao meio social atuam como impasse no avanço feminino. Ideais arcaicos oriundos de construções sociais são repassados de geração em geração sem nenhum questionamento\fundamento. Sendo assim, o movimento feminista atua de forma direta na desconstrução de paradigmas implantados por uma sociedade patriarcal. Desde o início o feminismo, segundo Goldinho (2008), busca explicações com bases teóricas sobre o cotidiano das mulheres e o modo como o processo histórico, social e cultural supervaloriza as existências masculinas em detrimento das femininas, se configurando enquanto movimento pautando práticas teóricas e políticas a fim de trazer uma construção igualitária de sociedade para mulheres e homens.

² “A **educação popular** mudou o modo de fazer ciência: primeiro a experiência, depois a conceitualização” (Pereira, p.143, 2008). A construção de conhecimento através da Educação Popular vem contribuindo significativamente para a transformação social principalmente na democratização da cidadania, através de metodologias que trazem como protagonistas as comunidades e seus sujeitos. Visto que “a participação popular tem por finalidade transformar (subverter = outra versão) a ordem social mediante um processo de criação do poder popular” (PEREIRA, 2008, p. 155). Desse modo, o mesmo autor, ao se referir ao papel das práticas educativas críticas, afirma que: “[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que [...] a relação de uns com os outros [...] ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicativo, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.” (FREIRE, 2011, p. 46) Dentro deste processo, implica-se a mudança de pensar e dessa forma faz-se necessário uma releitura do mundo, a confiança em si mesma e, conseqüentemente, acreditar que a mudança é possível. Caracterizando-se como uma ação política que dialetiza a denúncia da situação desumanizante e anuncia a sua superação, expressando através desse ato sonhos e desejos de alteração da realidade (FREIRE, 2011).

Bahia – UFRB, e foi construído de forma coletiva com a comunidade e as protagonistas dessa história.

Durante essa escrita o mundo resiste a pandemia da COVID-19, o que fez com que muitas famílias passassem mais tempo juntos, e desacelerassem os seus tempos e espaços, bem como, resignificassem suas relações. Foi dentro desse novo contexto (triste e desafiador) de vida que compreendemos a importância das nossas relações afetivas e sociais, a importância de ouvir as histórias da nossa ancestralidade e nos conectarmos com as nossas raízes.

Com um pouco de imaginação, amor e identidade, queremos dividir as nossas histórias bonitas da infância e da vida na roça com as crianças, jovens e adultos que atentamente leem cada pedacinho de letras aqui registrados.

Esse livro é registra de uma forma leve as histórias que contarei para o meu filho, que decidiu nascer com 34 semanas e participar fora da barriga da escrita final desse trabalho, bem como, para eternizar a história de minha avó, que partiu no dia dois de outubro de dois mil de vinte, e contribuiu em vida para as histórias contadas aqui.

Esperamos que gostem dos nossos contos e encantos!



Foto: Pé de licuri e plantações de milho, 2020

Capítulo 1

SER-TÃO SUBAÉ – A APRESENTAÇÃO DA NOSSA RODA DE LICURI

Cá estou eu, no lugar que mais amo no mundo inteirinho, ao lado das mulheres que fizeram parte da minha trajetória e alimentando a minha alma com o nosso rico Licuri.



FOTO 1 RODA DE LICURI DO SUBAÉ - Zilda Santiago, 2020.

Alimento de gerações, esse coquinho já proporcionou reuniões



FOTO 2 CONEXÃO MATERNA COM O LICURI - Kauany Santiago, 2020.

comunitárias, rodas de apoio e diversão de um povo (sobretudo mulheres) que construiu sua história com garra, empoderamento e comprometimento político.

Hoje (ano de 2020), após anos registramos e fortalecemos a nossa cultura, momento tão importante, que

LICURI – o coquinho da Bahia que alimenta gerações

Nomes vulgares: aricurí, coqueiro cabeçudo, coqueiro dicorí, licuri, licurizeiro, nicurí, ouricurí e urucurí, (o nome mais divulgado e conhecido é licuri)

Nome científico: Syagrus coronata (Mart.) Becc.

Família botânica: Arecaceae Subfamília: Arecoideae. Segundo Uhl et al. (1995), essa subfamília reúne atualmente 115 gêneros e 1500 espécies, sendo a maior entre as Arecaceae

O Licuri, como é popularmente conhecido, é uma palmeira vistosa predominante no bioma Caatinga. A palmeira guarda nela não apenas a beleza do seu cacho de flores, mas um coquinho precioso que vem alimentando gerações de comunidades rurais e povos tradicionais, principalmente no Nordeste.

Podemos considerar que o Licuri é uma das plantas de maior importância cultural e socioeconômica, sobretudo na agricultura familiar, contribuindo para a geração de renda e empoderamento de famílias inteiras.

Atualmente na Bahia há duas cooperativas que organizam Agricultores e Agricultoras Familiares na produção e comercialização de produtos oriundos do Licuri, dentre eles, granola, cerveja, azeite, e que são valorizados e utilizados pela alta gastronomia do Brasil.

Do Licuri é possível aproveitar praticamente tudo, das folhas se produz artesanatos originais e de uma beleza genuína, os frutos (nossos amados coquinhos) são utilizados na alimentação familiar há gerações e de animais domésticos, das amêndoas se produz um óleo peculiar, muito nutritivo e bastante usado na culinária. Dessa forma, podemos perceber que o Licuri é um rico alimento e fonte de renda para diversas famílias.

No Subaé (comunidade específica que estamos tratando nesse livro) o consumo do Licuri é voltado para a alimentação de diversas formas: seco, cozido ou maduro, e proporciona reuniões entre a comunidade.

sempre passou tão despercebido aos nossos olhares. Hoje, crianças, mulheres e nossos bebês (ainda na barriga) re-significam esse momento tão importante para nós, que durante anos ficou escondido no quintal de casa.

Nas rodas de Licuri, as mulheres (em sua maioria) e as crianças dividiam suas experiências e escutavam as histórias – místicas ou não-fabulosas do Subaé.

Nesse encontro de gerações não havia distinção de faixa etária para aprender tratar o Licuri. As crianças alcançavam sua autonomia, enquanto amassavam o dedo entre uma quebrada e outra, aprendiam a escolher o melhor coquinho. E ainda trocavam experiências com as mais velhas que lá estavam.

Nesse encontro de pessoas de tempos diferentes, as mães-mulheres dividiam as suas angústias e conquistas, falavam sobre a educação das

filhas e dos filhos, a organização da casa, a política local e divertiam-se com a partilha.

A hora de começar era sempre a mesma: a hora da fome da tarde, a hora de terminar?! Não tinha... apenas quando todos os cachos se acabassem entre uma quebrada e outra.

O Licuri do Subaé, sobretudo o piquenique da Rua do Campo, e toda a sua trajetória para o fruto chegar até a panela de água fervendo no fogão de lenha, proporcionou momentos educativos, lúdicos e imaginários na vida das crianças (hoje adultas) desde a barriga de suas mães.

Não há registros escritos ou fotografados de como essa cultura começou, mas há muitas histórias sobre como esse momento sempre foi tão fundamental para fortalecer o espírito comunitário e de partilha do Subaé.

Escrever essa história dentro da academia/universidade me faz perceber que a cultura popular e o protagonismo do povo do campo construíram durante anos metodologias educativas, e tal questão sempre foi tão pulsante na minha comunidade e na trajetória da minha família, mas sempre passou despercebida enquanto um momento educativo, composto de práticas pedagógicas que poderiam dialogar com a educação e as instituições educacionais.



FOTO 3 ARTHUR SE ALIMENTANDO DO NOSSO LICURI - Kelly Santiago, 2020.

Mas, de algum modo, a Educação do Campo quebra esses paradigmas, e proporciona que as/os protagonistas contem a sua história. A Educação do Campo possibilita que as vozes silenciadas durante séculos gritem e ocupem o seu espaço na história!

Esse livro é um escrito de muitas mãos, muitas lutas e muitas histórias de empoderamento político, cultural, e sobretudo, de encorajamento das mulheres de uma comunidade, que graças a sua união e sabedoria conquistou seu espaço e fortaleceu a sua comunidade.

Esse livro é escrito por mim e pelas mulheres da minha família e da minha comunidade, sendo essa uma das minhas missões mais bonitas na terra: Eternizar em palavras a nossa história e principalmente a história de minha avó, que partiu, mas plantou muitas sementes nessa terra.



FOTO 4 BUSCA DO LICURI - Ecildeide Santiago, 2020.

Esse produto do mestrado em Educação do Campo tem por objetivo relatar os segredos e estratégias adotadas pelas mulheres mais fortes que conheço, as mulheres da minha família, que educaram, educam e educarão as nossas crianças em

rodas, cheias de afeto, amor e responsabilidade (social, ambiental, cultural). Optar por construir dentro desse Produto um recorte feminino e materno é optar pela valorização do espaço das mulheres dentro do campo, optar pela valorização da educação e da vida proporcionado pela partilha coletiva de conhecimentos dessas mulheres.



Foto: Vovó Flora e Madrinha Iaia, 1998

Capítulo 2 AS MANDONAS DO SUBAÉ



Essas são as mandonas do Subaé...
Mulheres, crianças.
Fortes. Resistentes. Lutadoras. E muito mais.



Eu, Kelly Santiago Oliveira. 1994. Subaé, Serrinha, Bahia.

Hoje eu sou mãe. E é para essa criança que escrevo. Escrevo minha história e a história do meu povo. Escrevo a luta pela valorização da identidade e da cultura coletiva do Subaé.

Hoje eu sou mãe. E amanhã eu serei também. Mãe é um ser eterno. Mãe é luta. Luta por educação e amor.

Hoje eu sou mãe, e entendo a minha mãe e a mãe dela e mãe da mãe dela... Entendo o cuidado, o labor e o materno. Entendo a necessidade de contar as crianças a nossa história e não deixar apagar a chama da identidade das mulheres do campo.



FOTO 5 CONEXÃO MATERNA – Kauany Santiago, 2020.



FOTO 6 ARTHUR PIETRO - Kauany Santiago, 2020.

Hoje eu sou mãe de Arthur Pietro Santiago Nunes, prematuro de 34 semanas, que graças a conexão com as minhas ancestrais hoje respira o mesmo ar e pisa na mesma terra que eu. Pequeno guerreiro que enfrentou uma bolsa rota, dezoito horas de trabalho de parto, a pandemia e o isolamento do coronavírus, os problemas decorrentes da prematuridade e um parto, como diz minha avó “sem água”.

Hoje eu sou mãe, mas não sou só isso... sou feminista, mulher, mestranda, pedagoga e da roça.

Nascida e criada na zona rural do semiárido, sou filha de Maria Zilda Santiago Oliveira, professora leiga e uma mulher retada, que me ensinou a batalhar pelos meus sonhos e objetivos, e José Carlos Santiago Oliveira,

agricultor familiar, que com muita simplicidade e bom coração contribuiu muito para que me tornasse quem sou hoje. Meus pais, primos carnis – assim como grande parte da minha comunidade – caminharam por chãos duros e áridos para construir a nossa família.

Quase filha única, tenho um irmão/pai, Derivaldo Santiago Oliveira, dezenove anos mais velho que eu, alçou voos muito jovem. Foi embora morar na cidade e logo se envolveu nos movimentos sociais de esquerda e no cooperativismo, ressaltava em suas falas *“olhai acima do muro, Kelly, o Subaé é pequeno demais para você”*.



FOTO 7 MEUS PAIS - Luan Nunes, 2018.



FOTO 8 MEU IRMÃO - Arquivo Pessoal, 1995.

plantavam milho, feijão, mandioca, batata, e nosso pomar sempre muito frutífero nos alimentava o ano inteiro.

A alimentação saudável e cheia de identidade perpassou toda a minha infância, alimentos típicos do semiárido enchiam a nossa barriga durante os lanches da tarde e a sua busca na roça tornava-se uma aventura sem tamanho. Buscar Licuri, umbu e cajá na nossa roça e na roça dos outros contribuiu muito para a construção da minha história e da história de muitas mulheres da minha comunidade.

Sempre acreditei nas suas palavras, porém dentro de mim aquele pequeno mundo era o meu paraíso, e me questionava: *“o porquê preciso sair daqui”* e o porquê a educação formal me distanciava tanto das minhas raízes.

Cresci presenciando toda a resistência da mulher e do homem do campo. Meus pais, em seu pequeno pedaço de terra



FOTO 9 ALIMENTANDO NOSSO CABRITINHO - Arquivo pessoal, 1999.

Fui uma criança livre, quase um passarinho, o qual em meio a quedas e voos pequenos foi se constituindo enquanto mulher, da roça e militante da Educação do Campo.

Minha infância foi marcada pelo verde ou pela seca* do semiárido, os espinhos dos mandacarus, as *balanças*

*de madeira*³, o contato com a terra (tão importante e significativo pra mim), a roça no fundo de casa, o brincar de faz-de-conta, e a escola.

A terra, sua textura, o modo como os grãos molhados e secos entrelaçavam por entre os dedos do pé, da mão, sujavam o cabelo, marcou muito minha infância. Desde os cinco anos precisei usar botas ortopédicas para corrigir “defeitos” nos meus pés, por essa razão, tinha pouco tempo do dia, no qual meus pés podiam correr livre e sentir todas as texturas do campo.

O espaço de representação da escola marcou fortemente a minha construção identitária, se tornando grande influência nas minhas escolhas de caminhos e de vida. Minha mãe, levou-me para a escola



FOTO 10 ESCOLINHA EM FRENTE A MINHA CASA - Arquivo Pessoal, 1999.

onde trabalhava desde muito cedo, portanto, o contexto escolar sempre foi um ambiente familiar para mim. Não tive primeiro dia de aula, a primeira letrelinha,

³ As balanças de madeira ou gangorras construídas por meus pais na frente da minha casa sempre foram uma recordação de infância para mim, haviam quatro balança que utilizávamos para brincar, conversar e observar a estrada e a escola que ficava na frente de casa. Tais momentos proporcionaram muitas trocas e produções identitárias na minha formação enquanto pessoa.

ou a adaptação que eram normais para as crianças da minha idade. Todo esse contexto era parte do meu cotidiano, que acabei assumindo uma postura de “ajudante” da minha mãe dentro da sua sala de aula.

Cresci ouvindo que precisava estudar para “ser alguém na vida”, como se meus pais que não estudaram por ausência de oportunidade não fossem ninguém. Tinha uma pulga atrás da orelha com isso.

E estudei. Aluna nota dez, textos notas dez. Dezesesseis anos com diploma de Ensino Médio na mão, precisava dar continuidade na universidade, que visando as condições financeiras da minha família precisava ser pública - sem mensalidade, e próxima da residência, já que não havia recursos para me manter em outro município.

Em 2011, prestei meu primeiro vestibular e ingressei na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XI, situada no município de Serrinha, para cursar Pedagogia. No primeiro ano tive muita vergonha de assumir a minha origem, visto que, para mim, residir em zona rural não era bem visto pelas pessoas. Durante o curso de pedagogia, no 3º semestre, iniciei a disciplina que iria mudar os rumos da minha vida: a disciplina de Educação do Campo.

Com a finalização do curso de Pedagogia passei a atuar como coordenadora pedagógica da União das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária - UNICAFES BA, uma instituição de representação política das cooperativas do estado da Bahia.

Dentro desse contexto, surgiu também à oportunidade de cursar a Especialização em Educação do Campo, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IF BAIANO. A proposta de trabalho com a metodologia da pesquisa-ação que lá desenvolvi, atrelada aos novos caminhos e experiências vivenciados na UNICAFES BA, trouxeram contribuições significativas para a minha vida de pesquisadora e militante.

O Mestrado em Educação do Campo e suas tantas contribuições para a minha vida pessoal e acadêmica, proporcionaram principalmente o retorno à minha casa. Voltar a pesquisar a minha comunidade e contar a sua história através de algo tão marcante para mim, que é o caminho educativo das Rodas de Licuri, sempre tão marcantes em minha história e na minha identidade, me completa e me reluz de felicidade.



FOTO 121 A CONEXÃO COM A ROÇA - Arquivo Pessoal, 2013.

Mesmo vivendo a dicotomia entre campo e cidade estabelecida tão fortemente nas relações sociais, viver na roça sempre foi um deleite para mim. As férias, que consigo traziam a “Rota do Licuri”, momento único no qual adultos e crianças desbravam

Caatinga a dentro para encontrar os melhores cachos de Licuri e em roda quebravam o coquinho, eram momentos singulares. Sentados, girando, discutíamos sobre a vida, contávamos os ‘causos’ da comunidade e nos divertíamos. O Licuri, além de fonte de alimento, também era a nossa fonte de interação, construção de relações sociais e, conseqüentemente, espaço de produção de identidades, uma vez que ali partilhávamos um legado, modos e jeitos de viver.

Cresci ouvindo que o estudo me levaria para longe e que meu sucesso profissional era nítido, mas ninguém imaginava que o meu estudo me traria para tão perto de casa, perto da minha mãe, da minha avó, da minha maior riqueza: estar e viver dentro do campo, dentro do Subaé.



FOTO 11 A LEITURA SEMPRE MUITO PRESENTE EM MINHA VIDA - Arquivo pessoal, 2014.

Dessa forma, esse livro conta um pouco da minha história, da minha identidade, da minha luta e do amor que carrego pelo meu cantinho no mundo: o SUBÁE. De algum modo, este livro também é autobiográfico. Este modo de construir conhecimento tem visibilizado histórias de vida de mulheres, dantes esquecidas como produtoras de saberes.



FOTO 13 TRÊS GERAÇÕES - Kauany Santiago, 2020.

Relatar e eternizar essa história, carregando no colo o meu filho, que dará continuidade a todo o nosso caminho, claro que dentro dos seus passos e escolhas, sem dúvidas é uma contribuição não apenas acadêmica, mas uma contribuição de amor. Amor por quem sou hoje, por quem fui ontem e principalmente por quem serei amanhã.

AS MULHERES MANDONAS DO SUBAÉ

As Protagonistas Dessa História

Os poderes femininos sempre estiveram muito presentes em minha história, e sobretudo na história da minha comunidade.

Minhas avós, minha mãe, minhas tias e primas tiveram histórias fortes e construíram legados significativos cheios de coragem, força e luta contra o patriarcado e tomaram conta de suas próprias vidas e narizes desde sempre.

Lideranças femininas que quebravam correntes e abriam caminhos para as novas gerações... essas são as mulheres do Subaé.



Flora Gomes de Oliveira.

Flora, a grande protagonista desse livro e grande referência para todas as mulheres que tem suas histórias aqui contadas. Faleceu no ano de 2020, com 90 anos. Nasceu na comunidade de Matinha e veio morar no Subaé quando se casou. Grande referência na comunidade em vários segmentos, sobretudo na política e no esporte. Sendo ela considerada uma das maiores lideranças políticas do município de Serrinha. Esse livro eternizará a sua história através de uma sistematização de sua contribuição política e feminista na vida de tantas mulheres da comunidade.



Maria Zilda Santiago Oliveira.



Nora e sobrinha de Flora Gomes. Tem 63 anos. Nasceu e mora até hoje no povoado Subaé, com seu esposo. Zilda é aposentada por tempo de contribuição, mas ainda trabalha muito, na roça, em casa, com a costureira... estudou até a quarta série, mas isso não impediu que lecionasse turmas de alfabetização durante onze anos. Trouxe muitas contribuições para a educação da comunidade.

Maria Santiago Oliveira.



Cunhada de Flora. Tem 69 anos. Nasceu e mora até hoje no povoado Subaé, com suas filhas. Viúva, Margara, como é conhecida na comunidade é aposentada como trabalhadora rural. Atualmente devido a problemas de saúde não contribui mais no trabalho da roça, mas ainda é grande referência dentro da comunidade, principalmente dentro do segmento religioso.

Ecicleide Santiago Oliveira.

Filha de Margara. Tem 43 anos. Nasceu no Subaé onde vive até hoje com seu esposo e seus filhos. Empreendedora, possui um mercadinho na comunidade e sempre foi uma grande referência de educação e de ludicidade dentro da comunidade. Líder das caçadas ao Licuri, Keu, como gosta de ser chamada, tem grande contribuição nas histórias contadas nesse livro.



Ecildeide Santiago Oliveira.



Filha de Margara. Tem 45 anos. Nasceu no Subaé onde vive até hoje com seu esposo. Trabalha como auxiliar de serviços gerais na escola primária próximo ao povoado de Subaé. Referência em educação, com seu jeito “rígido” e brigão de ser contribuiu muito na educação das crianças, com as suas bancas no turno da tarde.

Sidna Santiago de Oliveira.

Neta de Flora Gomes. Tem 38 anos. Nasceu no Subaé, mas passou boa parte distante, viajou cedo e foi conhecer o mundo, mas retornou para seu cantinho para cuidar de seus dois filhos. Referência de empoderamento e coragem para as gerações mais jovens, construiu vida na capital e voltou para buscar suas irmãs (que seguiram seus passos) e irmãos para escreverem sua história na cidade grande. Mesmo distante de seu povo, nunca abandonou suas origens.



Kauany Rodrigues Santiago.



Neta de Zilda. Tem 17 anos. Nasceu no município de Serrinha, mas tem grande vínculo com o Campo. Integrada dentro dos processos educativos do Subaé, Kauany apresenta um olhar sensível para fotografia, sobretudo no contexto do campo. Ligada as discussões sobre o feminismo e as questões de gênero, Kauany traz sua visão mais jovem sobre o ser mulher no Subaé.

Gabrielle Santiago e Santiago.

Neta de Margara. Tem 16 anos. Nasceu no município de Serrinha, e mesmo não residindo no Subaé possui um vínculo identitário muito grande com o campo. Gaby era uma das crianças envolvidas nas rodas de Licuri, e sempre foi parte ativa na organização, mobilização e execução das ações comunitárias.





Flora Gomes De Oliveira. 1929 – 2020. Matinha, Serrinha.

Dona Flora, mulher, forte, lutadora e política, sempre foi uma grande referência na comunidade de Subaé, nasceu no dia 23 de dezembro de 1929, na Fazenda Matinha, localizada na cidade de Serrinha, faleceu no dia 03 de Outubro de 2020, deixando na terra um legado extremamente importante para o Subaé e o município de Serrinha. Filha



FOTO 14 FLORA RECEBENDO HOMENAGEM COMO REFERÊNCIA DO ESPORTE NA COMUNIDADE DE SUBAÉ - Kelly Santiago, 2016

de Vital e Totonha – agricultores familiares e negociantes de vendas, única filha mulher de quatro irmãos (Argimiro, Leovegeldo, Valdemar e Manuel – in memória), pertencente a uma família muito pobre, típica do semiárido baiano, lutou contra a fome, a injustiça e o machismo da época, quebrando paradigmas e tornando-se ícone da luta feminina dentro da cidade de Serrinha.

Durante a sua infância e adolescência, sofreu muito com o machismo de seu pai, um homem muito valente, que não permitia que sua única ‘filha mulher’ participasse da sociedade, não autorizava que a mesma fosse a nenhum lugar, mesmo que acompanhada de sua mãe. “*Eu chorava de desgosto, mas não podia fazer nada que as promessas eram feias*” (Flora Gomes, 2019), quando Totonha, sua mãe, pedia



FOTO 15 AS FLORES SEMPRE FORAM A SUA PAIXÃO - Kelly Santiago, 2017

para que ele autorizasse a menina a participar dos eventos da igreja, “*ele não aceitava e saia para vendas, bebia muito e chegava brigando e chutando tudo*” (Flora Gomes, 2019).

E assim, foram seguindo a vida, trabalhando na enxada, com o sol ardente na cara, para ajudar a colocar comida na mesa, e vivendo em uma prisão, “*sem gostos e sem alegria*” (Flora Gomes, 2019).

Minha vida era trabalhar na enxada para limpar a mandioca, para quando tivesse com oito meses para gente rancar e fazer a farinha para comer. Da farinha a gente tirava a gominha e fazia uns bejuzinhos para fazer uma merenda e tomar café. Eu no meio sempre trabalhando, que se eu não trabalhasse para ajudar meus irmãos e minha mãe a gente não tinha o que comer. Para eu comprar uma ‘percata’⁴ eu entrava num matinho para arrancar pindoba para fazer uma trancinha e vender, para eu poder comprar minhas coisinhas. - Entrevista oral com Flora Gomes, 2019.



FOTO 16 FLORA EM FRENTE A SUA CASA - Kelly Santiago, 2017

⁴ Sandália de dedo.

Aprender a ler e escrever sempre foi um sonho, gostaria de dançar com as palavras e mostrar para o mundo a sua história e a história de sua família:

Eu tinha tanta vontade de aprender a ler que meu avô comprou um catecismo para mim, para eu aprender o ofício, porque eu gostava e achava bonito. Depois meu pai, que a escola era muito longe, meu pai arrumou um professor e pagou para ficar dentro de casa, enquanto ele pode ele pagou. Eu graças a Deus para o que eu precisava eu aprendi, e meus outros irmãos um aprendeu o nome e os outros não aprenderam nada. Ai onde eu vim morar apareceu o mobral e outras coisas, aí eu fui aprendendo mais e mais. (...) o que eu aprendi a ler e a escrever me ajudou a escrever meu livro que até hoje mostro a minha família um pouco da nossa história. - Entrevista oral com Flora Gomes, 2019

A infância foi difícil, cresceu dentro de uma prisão regida pelo machismo, principalmente, quando a menina passou a se tornar uma moça, e a pensar em conhecer novas pessoas e construir uma família. “Meu pai não queria que eu namorasse com ninguém. Eu tinha muito medo, ficava só pensando em como fazer” (Flora Gomes, 2019). Até que um dia, apareceu um rapaz muito elegante,



olhos verdes, cabelo castanho claro, muito bonito, porém tão pobre quanto Flora. Seu Vital até que gostou, mas implicava com tudo e Flora seguiu insistindo com o seu amor.

Quando casou-se com Rafael aos 17 anos, mudou-se para o Subaé e passou a contribuir para o desenvolvimento daquela comunidade, mal sabia que a sua liberdade enquanto mulher viria acompanhada deste casamento, Rafael era um homem muito compreensivo e foi um grande apoiador da mulher.

FOTO 17 FLORA E RAPHAEL - Arquivo pessoal, 2006

(...) me criei presa, que meu pai não me deixava sair, eu não tinha gosto para nada. Sabe quando eu me libertei? Quando me casei, porque meu marido não era nojento, eu fazia campanha, eu tomava conta de futebol, eu tomava conta de política, ajudava, o que eu pudesse fazer eu fazia. Até hoje eu tenho alegria! –Entrevista oral com Flora Gomes, 2019

Mãe de seis filhos (duas moças e quatro rapazes) buscou trazer a educação para próximo deles, sempre com a perseverança de dias melhores para si e para sua família, como relata em seu livro:

Com oito meses de casada, apareci para ter meu primeiro filho, foi uma linda menina, que chama Maria de Lurdes. Seguimos eu e ele lutando para dar assistência da Filha. Com um ano e seis meses eu ganhei outro filho, o segundo, era um homem, muito bonito que dei o nome de Antônio. Foi aí que começou o sofrimento de novo, apareci doente com um grande tumor em um seio, quase morro. E meu marido não tinha emprego, era apenas um trabalhador de roça e não me faltava nada, vivia alegre comigo e meus filhos. Mas ele saía e comparava muita galinha e levava para a rua de Serrinha, vendendo em uma mulher chamada Julieta. Com mais dois anos, nasceu o terceiro filho, era homem, uma criança linda de olhos azuis que eu dei a ele o nome de José Carlos. Mas eu adoeci de novo, com depressão, não ficava em casa sozinha sem o marido. Mas ele não se zangava, era sempre alegre, tinha o pai dele perto e as irmãs, somos todos unidos até hoje. Eu ia ficava na casa dele, para ele ir trabalhar ou negociar, quando ele chegava do trabalho a gente ia para casa. Chegou um tempo de inverno muito chuvoso, aí o pai dele disse a ele (Raphael) que eu sempre não ficava sossegada, que me ‘trazesse’ para casa dele que era melhor ele vim. Passei seis meses com a família dormindo em um forno grande com meus três filhos e meu marido. Porque o pai dele tinha muito filho, era pelo menos uns 15. Nessa época quando foi um dia, Raphael foi trabalhar, o pai dele chamou os filhos mais velhos e disse: Vamos marcar o lugar da casa dele perto de minha. Fizeram está surpresa a ele, eu chorei de gosto, ele ficou muito alegre. No outro dia começaram a trabalhar derrubando a outra e fazendo de novo. Mas no mesmo Subaé, foi aí que veio o quarto filho, era outro filho homem, muito lindo de olhos de olhos azuis, eu dei o nome de João Batista. (...) Raphael

adoeceu com uma quizema nas duas pernas, não andava só dentro de casa, aí eu, Flora resolvi botar um negócio ver se ia vivendo, para eu, ele e meus filhos, só que era muito difícil para mim sozinha cuidar, os filhos pequenos. Então eu arranjei dois garotos de doze anos para viajar comigo, buscar mercadoria na rua de Serrinha, viajava em quatro animais de carga e eu em um burro (...) Fui levando a vida assim até que apareci grávida de uma menina, Maria Conceição. A gente tinha nossa casa, de tudo a gente precisava para vender, até boi matava de oito em oito dias (...) passei 15 anos sem ter mais filhos, aí foi que veio o caçula, era um menino, homem galego dos olhos verdes, muito lindo, dei o nome dele de José Rubem. - Trecho retirado do livro de Flora, p. 5, 2011.

Visando contribuir para a educação, não só de seus filhos e netos, mas também de toda a comunidade, bem como, buscar o sustento para a família, Flora intermediou a construção da segunda escola da comunidade, ano de 1979, dessa



FOTO 18 - ESCOLA/CRECHE MARILIA QUEIROZ AO LADO DA CASA DE FLORA - Kelly Santiago, 2011.

vez mais próximo da sua casa. Tendo em vista, que ela exercia a função de merendeira no Ginásio Jonice Silva Lima e precisava deslocar toda a merenda da sua casa, situada na rua do campo, em um carrinho de mão, para o prédio próximo à praça, cerca de 500 metros de distância.

(...)Depois que meus filhos cresceram, a gente já cansado deixamos os negócios e eu fui trabalhar na escola como merendeira, levava a merenda na cabeça com a ajuda de Raphael (meu marido). Muito cansada pedi ao Prefeito Aloisio que ele fizesse um prédio para mim, pegado na minha casa, porque ficava pertinho. Aí ele fez o prédio junto com o polo Nordeste. Aí eu fiquei bem, eu zelava o prédio do mesmo jeito que zeleava minha casa. Se eu enfeitasse a

minha casa em uma passagem eu ia lá e fazia também. - Entrevista com Flora Gomes, 2019.

Com a abertura da escola-creche muitas mulheres da comunidade tiveram seu primeiro emprego formal dentro da comunidade, dentre elas a minha mãe, Maria Zilda Santiago Oliveira, primeiro como merendeira e auxiliar de serviços gerais e depois como professora de “pré” e que por muito tempo se dividiu entre professora e merendeira, garantindo a alfabetização de quase todas as crianças da comunidade.

A creche ficou durante muitos anos fechada, devido a sua estrutura precária, porém, Flora buscou junto ao prefeito Adriano Lima que fizesse uma reforma e reabrisse a Creche. Buscando atender o seu pedido, e contribuindo para a educação da comunidade, no ano de 2019 a creche foi reaberta.



FOTO 19 - REABERTURA DA CRECHE MARILIA QUEIROZ - Foto divulgação da prefeitura, 2019

Uma mulher sempre muito envolvida na política e na cultura da comunidade, Flora contribuiu com a disseminação do esporte dentro da comunidade, junto com seu sogro, o Velho Zú, construíram o campo da comunidade, que é palco até hoje de grande alegria para todos.

Uma mulher sempre muito envolvida na política e na cultura da comunidade, Flora contribuiu com a disseminação do esporte dentro da

comunidade, junto com seu sogro, o Velho Zú, construíram o campo da comunidade, que é palco até hoje de grande alegria para todos.

Eu que comecei a arrumar o esporte do Subaé, pedindo pedaço de terra a um a outro, para emendar. Aí antes era lá onde é a casa de seu Pai (José Carlos), de Margara e de Batista. Foi o VeiZú que deu. Ficava de frente da minha casa. Aí depois os meus filhos casaram e o VeiZú vendeu o terreno para construir as casas.(...) Depois eu pedi a Mariano pra ele comprar um pedaço de terra ao Veio zú, só que era pequeno, então não



FOTO 20 - DONA FLORA SENDO HOMENAGEADA NOS CAMPEONATOS DE FUTEBOL - Kelly Santiago, 2017.

tinha como fazer os campeonatos como a gente queria. Mas meu sogro não queria vender o terreno todo, eu fui ajeitando, ajeitando, e aí ele pegou e vendeu o resto que faltava pra Mariano, aí a gente fez o campo, a quadra. Lá no lugar da quadra tinha uma casa, aí o prefeito teve que fazer uma casa para dona Quinha e seu Neném. E aí derrubaram a casa de baixo e fez a quadra, que hoje é aquela quadra daquele tamanho. Foi luta minha fia, mas com conversa a gente resolveu. – Entrevista oral com Flora Gomes, 2020.

A sua concepção política sempre foi de envolver o bem comum da comunidade, trabalhou de forma árdua para conquistar muitas coisas para a comunidade, sobretudo dentro do esporte, que era sua maior paixão.

Eu amava o esporte. Era minha alegria. Ver os meninos jogando e as meninas com a cara pintada batendo tambor. O primeiro jogo eu bati na porta do prefeito e do deputado, e pedi a farda, pedi a chuteira dos meninos, eles me deram ... ai no dia da inauguração eu entreguei para eles e falei, que a gente ia jogar e ia fazer a diversão do povo da roça, que só trabalhava. Hoje eu fico triste porque eu não tenho mais condição de fazer essas coisas. Colocava as meninas para cortar flor do quintal e a gente fazia o caminho dos jogadores. Desde

quando eu libertei e me entendo como gente eu já fazia essas coisas de esporte, já treinava as equipes, via quem tinha melhor desenvolvimento do lado de cá ou do lado de lá e arrumava o time para ir para ganhar. (...) e outra, eu colocava ordem, ninguém brigava no meu terreiro. Se eu visse uma diferença eu saía de onde eu tava e resolvia, e ninguém brigava. (...) na época dos campeonatos uma pessoa veio me pedir para eu dar o registro do campo veio, quer dizer, ele queria ficar com o lucro e a boniteza e eu com o trabalho, ai eu disse 'diga a ele que eu mandei dizer que se quiser conversar comigo venha, agora que eu para fazer isso tudo aqui eu tive que trabalhar, não fiz somente na boca não, ele foi lá? Raiá!'. – Entrevista oral com Flora Gomes, 2020.



FOTO 21 - JOGOS ORGANIZADOS POR FLORA NA COMUNIDADE - Arquivo pessoal, 2015

Para contribuir com o desenvolvimento da comunidade Flora sempre foi muito articulada politicamente, para isso, desenvolveu um poder de mobilização popular, que fomentou o acesso da comunidade a muitos benefícios.

Eles queriam os votos, e a gente queria nossos direitos... Eles precisavam do povo, e o povo precisava dessa coisas da ser feliz. Então a gente fazia política para isso. Eu via o candidato que tinha mais chance de ajudar... escolhia o que minha natureza pedia, chamava o povo para ver se concordava, e a gente ia dizer o que era as coisas que a gente queria para comunidade. E se não desse bom, no outro ano a gente tirava e colocava outro. E nisso conseguimos escola,

a creche, o campo, a estrada. Minha fia, tudo abaixo de Deus aí, foi minha cabeça e minha vida que ajudou. Né me gavando⁵ mas essas coisas daí a gente conseguiu com muita luta. E outra, nunca ganhei ‘um conto’ fazendo isso, porque eu nunca dei ousadia, eu só queria que fizesse as coisas de direito do meu povo, e só, para ajudar a comunidade. - Entrevista oral com Flora Gomes, 2020.

Para isso, Flora buscava organizar a comunidade e o povo de modo que, todos se sentissem parte do desenvolvimento e das conquistas alcançadas pela comunidade.

O povo seguia o que eu falava, porque eu não fazia nada atoa. Chegou uma seca aí numa vez, o povo tudo com fome, sem água, sem dinheiro... um monte de pai e mãe de família, aí o que eu fazia: Conversava com um e com outro, e aí eu via quem tava trabalhando na roça, e pedia para dividir com quem não tava, sabe? Se um dia um ganhava esse dinheiro destocando a roça, no outro ele não ia, quem ia era a outra pessoa que tava precisando também, entendeu? Para todo mundo ganhar o seu dinheiro e ter o que comer dentro de casa. Não adiantava esse tá comendo e o outro tá com fome. Graças a senhora Santana, fiz setenta e tantos anos nessa de ajudar o povo do Subaé e nunca tive um inimigo, até hoje o povo vem me visitar, agora não por causa dessa doença braba, mas minha casa sempre foi cheia de amigos e amigas. (...) na estrada mesmo, tinha dias que tava horrível. Aí chegava dia de sexta-feira as pedras na frente da casa tava horrível, aí eu gritava ‘tá na hora da gente trabalhar’ vinha o lote todo correndo, com carro de mão, vassoura, com tudo... para limpar tudo e deixar no domingo tudo bonito. De homens a mulheres. Tinha não tinha isso. - Entrevista oral Flora Gomes, 2020.

⁵ Palavra utilizada para expressar que a pessoa que sente orgulho de si mesma.



FOTO 22 - FLORA EM FRETE A SUA CASA ONDE COSTUMAVA REALIZAR AS REUNIÕES COM A COMUNIDADE. Kelly Santiago, 2012

Flora precisou articular a comunidade para que aprendessem a ler e escrever, com o objetivo de que todos, sem exceção exercessem o seu direito à cidadania – votar nas eleições, para isso como conta, precisou levar boa parte dos moradores para o município, com o objetivo de segundo ela

“resolver esse problema, e poder ajudar no desenvolvimento da nossa comunidade”. (Flora Gomes, 2020).

Eu juntava o grupo de pessoas, independente de quem eu sabia que votava ou não no meu partido, porque eu sabia que tinha traição de gente que dizia que ia votar em um e votava em outro. E nas conversas, a gente levava esse povo para resolver os documentos. Porque antes a maioria dos pais não registravam os filhos quando nascia, aí para votar precisava registrar e fazer título. Aí eu juntava todo mundo em cima de um carro e levava para Serrinha para fazer o título e votar. A maioria desse povo eu que ajudei a fazer os documentos. Ainda ensinava (...) e na época dos comícios, que eu saía em cima de um caminhão, com umas 20 a 30 pessoas para ir acompanhar os carros... pena que eu não to nova e que não tem mais isso. Hoje é briga por tudo ... eu sabia fazer, não brigava com ninguém, a gente só tomava talagada de bosta na cara do povo que não gostava da gente. E depois para lavar esses panos de cocô? Porque não podia jogar fora, ajuntou todo mundo na Cacimba para lavar essas roupas. Que tempo bom. – Entrevista oral Flora Gomes, 2020.

Flora era referência, como uma grande líder política, que lutou e conquistou muitas coisas para a comunidade. Durante os seus setenta anos fazendo política, nunca foi sabotada e sempre ocupou o seu lugar como mulher,

protagonista de sua própria história. O casamento foi uma das suas maiores libertações para o mundo e para tudo que lhe esperava.

Raphael sempre foi meu companheiro. Adoeceu cedo coitado, ficou 10 anos sem andar, eu precisei correr com meus filhos para colocar comida na mesa. E ele me incentivava em tudo, quando apontava um carro, ele gritava logo ‘corre lá fia, que já ta vindo as políticas’, nunca me disse um pio, de nada que eu fazia. Eu que decidia tudo, lutava com tudo... – Entrevista oral com Flora Gomes, 2020.

Mulher *retada* e mandona, criou seis filhos de barriga e mais um bocado de consideração, que cresceram na política e na divisão justa de tarefas, como ela mesmo relata:

Meus filhos foram crescendo e eu pelo mundo, fazendo política, e eu falava quando eu chegar quero as coisas tudo no lugar. Eu chegava tinha carne cozinhada, carne assada, casa arrumada, de homens a mulheres, eles faziam tudo. Aí eu dizia como fazer de noite e no outro dia eles faziam. Era difícil para mim sair e deixar meus filhos pequenos chorando, perguntando que horas eu ia voltar. Era difícil para mulher se envolver em política, porque a maioria tinha que ficar em casa porque o marido não deixava ir. E política era coragem, eu aguentava ouvir as piadinhas porque tinha raça, coragem e talento. E tenho até hoje, só não tenho idade mais.



FOTO 23 - FLORA EXPLICANDO SOBRE A BOTANICA DAS FLORES. - Kauany Santiago, 2016.

Mesmo com todas as adversidades Flora Gomes construiu um legado dentro da comunidade de Subaé e se tornou referência para a construção de outras histórias, de outras mulheres-meninas-mães na busca por autonomia, identidade e liberdade.

O seu legado histórico ficará marcado na vida de todos aqueles que conheceram a sua história, infelizmente no dia dois de outubro de 2020, ela partiu, mais uma vítima da COVID-19.



FOTO 24 - AS MARCAS DA VIDA. Kelly Santiago, 2011.

Foram noventa anos de muita simplicidade, transformação, feminismo, identidade e autonomia. Flora plantou as suas sementes e florescerá na vida de muitas outras mulheres, que seguirão os seus passos e continuaram o seu legado.



M^a Zilda Santiago Oliveira. 1958. Subaé, Serrinha.

A resolvidora de Problemas da Rua do Campo, Dona Zilda (Mainha), nasceu em 17 de dezembro de 1958, de parto normal e natural, na comunidade de Subaé, onde vive até hoje.

Filha mais velha de 14 irmãos e irmãs, Zilda sempre foi uma mulher aventureira, força bruta e a “valentia em pessoa”. Precisou desenvolver estratégias educativas e brigonas ao mesmo tempo, desde muito novinha, para contribuir na criação dos irmãos e irmãs.

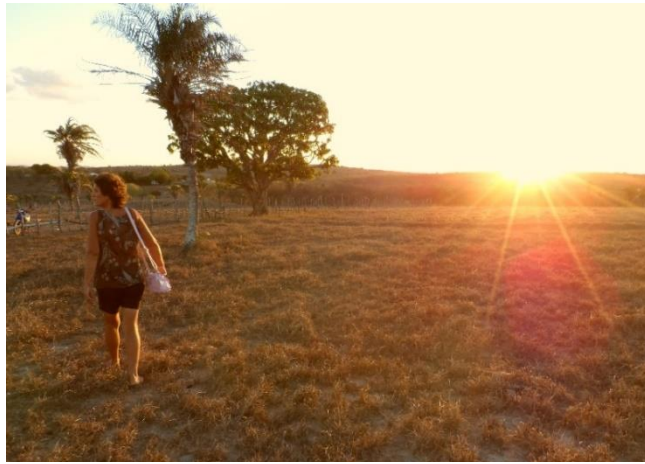


FOTO 25 - ZILDA NO MEIO DA ROÇA - Kelly Santiago, 2011

Na nossa vida lá em casa todo mundo trabalhava, dos maiores aos menores, depois que foi aparecendo estudo. A gente estudava pouco porque trabalhava muito. Ai os mais novos começou a estudar mais. Mas a gente? Nossa vida era pegar água na Cacimba, um tanque que tinha aqui, e lavar roupa. Nós não teve essa infância que todo mundo tem hoje não, nosso divertimento era esse mesmo. De noite que a gente ia brincar de esconde-esconde e de caçar lobisomem. Entrevista oral Zilda Santiago, 2020

Sua mãe partiu cedo, aos 43 anos, devido a complicações causadas pela diabetes e o colesterol. Por conta das gestações e da sua doença não conseguia acompanhar as aventuras dos filhos, por isso, ficava mais reclusa dentro de casa, cuidando das crianças menores e vendendo as roupas que costurava.

Minha mãe era aquela pessoa que só vivia em casa, arrumando, lavando roupa. A gente dividia as tarefas, mas eu preferia mais ir com meu pai para roça. Ela fazia tudo para gente e apoiava tudo que a gente fazia. E ela também era doente, vivia no hospital. Metade dos filhos ficava com ela e a outra parte

acompanhava papai. Ela morreu cedo, era muito nervosa, muito estressada. Mas toda vida nos apoiou. E todo ano ela tinha filho também, aí era saindo de um e indo para outro, não podia nos acompanhar tanto, aí foi meu pai que ensinou essas coisas todas a gente. E ela assim mesmo doente, era quem fazia as coisas dentro de casa, costurava e tinha uma vendinha de pano. Lá em casa não tinha divisão, todo mundo aprendeu a fazer tudo, de comida, de roça e de estudo. - Entrevista oral Zilda Santiago, 2020

Estudou até a 4^a série do primário com muita dificuldade, mas sempre muito empenhada:

A gente começou a estudar com Dona Zefinha, ela era do Saquinho e nós do Subaé. Quando ela passava chamava a gente e ia todo mundo de pé, já estudando no caminho para não perder tempo. Andava um tempinho de pé e ela ia fazendo a lição. Lá em casa era painho que ensinava os 'dever', ele ficava até meia noite com os filhos tudo na mesa com a vela, ensinado a fazer a lição e estudar as provas. Ele fazia as perguntas e a gente ia respondendo. Entrevista oral Zilda Santiago, 2020

Cultiva no sangue a herança do trabalho da roça, o qual sempre alimentou sua família. Na infância, precisou desde pequena trabalhar na roça para ajudar na criação dos irmãos e irmãs, mas mesmo dentro de uma dura realidade do semiárido era feliz.

No meu tempo? Ah no meu tempo não era os dias de hoje não. Era aquele caso de amanhecer o dia, ir para roça plantar milho e colher para fazer angu, para ir pro curral tirar leite mais meu pai. Levantava 5 horas da manhã. Cessar a fubá para fazer o cuscuz do milho da roça. (...) a gente quando era maiorzinha pega os jegues e colocava cangaia para ir para matinha, catar feijão de corda. Os meninos vinha tudo nos cassuá. (...) minha juventude só foi isso, ir para roça levar comida para papai. Já cozinhava na roça mesmo... Não tinha festa. A única festa que a gente conhecia era sair com Flora, ir para os comícios de caminhão na Boa Vista, na Ladeira. A gente não ia não. Só ia mais vovó (Flora) que foi quando eu comecei a namorar com seu pai. A gente ia para as sentinelas,

quando morria criança de sarampo, tosse braba, de mal de umbigo, a gente passava a noite cantando para esses meninos e arrumando os namorados também(...). Quando eu era pequena de uns 5 anos por aí, meu pai já levava a gente para a roça e ia todo mundo com um chapeuzinho na cabeça, um facão e um balde para catar Licuri seco, para quebrar esse Licuri e fazer doce, para comer com merenda na escola. As merendas da gente era essas coisas. Tirava os cachos e cortava, colocava no fogo do terreiro e de noite tinha o compromisso de quebrar o tanto de comer na escola no outro dia. Fazia tipo um batalhão de ver quem quebrava mais Licuri, e nisso o lote todo cantava e conversava das coisas. - Entrevista oral Zilda Santiago, 2020

Viveu muitas aventuras dentro da Caatinga, as caçadas, a busca pelo Licuri, os ensinamentos às crianças. Ao lado de seu Marido e primo carnal José Carlos (meu pai e filho de Flora), agricultor familiar, contribuiu na educação de muitas crianças da comunidade.

Foi uma das mulheres mais corajosas de sua família, criava estratégias para ter liberdade de ser quem era e de fazer aquilo que queria fazer, sem se limitar dentro de um contexto que mulher não poderia fazer determinadas coisas.

Tinha uma igreja perto lá de casa. Minha mãe saía com a gente tudo pequeno e levava uma esteira e chegava lá abria as esteiras tudo e a gente sentava tudo olhando os mais pequenos e elas assistindo a missa. Tive que aprender a olhar menino desde cedo. Não tinha energia, então tinha que tomar conta. Fazia fifó (candeeiro) e vinha alumando as estradas. Aí os meninos que queria namorar com a gente vinha protegendo nas estradas a gente e as crianças que eram pagãs, porque o povo dizia que tinha muito lobisomem que pegava criança assim. Aí voltando das despalha de milho a gente pegava e namorava também.

(...)

Eu mesmo era muito retada, pegava uma roupa vestia e pegava os cavalos no pelo e passava o dia todo na roça indo atrás do gado de papai. Ai ia para um canto e para outro na roça tangendo o gado. Tinha um jegue que era conhecido como mansinho e aí para divertir a gente eu pegava colocava cinco menino pequeno no jegue e ficava tangendo ele o dia todo com as crianças. Aí juntava

um lote todo para ver os meninos tocando violão na casa de vovó Flora, seu pai, baeta, batista, tocando e cantando, aí a gente batia nos tambores e ajudava a cantar também. - Entrevista oral Zilda Santiago, 2020

Uma grande referência de encorajamento, sempre foi “a de frente” e a “retada”, que com a orientação de Flora (a líder matriarca da comunidade) viveu muitas histórias de luta dentro da comunidade.

Eu sempre fui a de frente das coisas, tinha jogo aqui que as torcidas começavam a brigar tudo, aí eu ia e separava. E as vezes eu brigava também, acho que é por isso que o povo me chama até hoje para resolver problema. Porque eu ganhava no grito. Era muito bom, hoje não se vê mais nada disso. Tudo acompanhando sua avó (Flora) porque ela era a de frente e que colocava a gente nessas coisas de política, de jogo, de ir para os lugares. Na época de política quando a gente ganhava? Ahh... ia para a frente da casa dos rivais com uma panela de um pedaço de pedra para fazer zoada. - Entrevista oral Zilda Santiago, 2020

Casou-se aos 19 anos, já grávida do primeiro filho, em 1975, e iniciou sua carreira como professora na escola em frente à sua casa, na qual ensinou durante 11 anos, mesmo possuindo apenas o primário. Sempre trabalhou fora, tinha na sua máquina de costura seu complemento e na roça a sua alegria. Criar bicho, construir gambiarra, plantar “pé de coentro”, e ensinar na escola.

Depois que eu casei comecei a trabalhar na escola como professora, ensinei 11 anos. Eu ensinava era muito menino, 25 a 30 menino, tudo misturado. Alfabetização, primeira série, segunda, quarta ... foi tudo passado pelas minhas mãos. A maior parte desses meninos hoje é tudo médico, doutor, professor, outro é dentista, tudo profissional de muitas coisas. Quase tudo foi tudo de faculdade, fiz um bom ensino. Até hoje eles me chamam tudo de pró, passo tempo sem ver, mas quando eu vejo eles vêm e falam comigo.... Depois eu fui cansando e foi parecendo aqueles professores tudo formado, aí eu passei a tomar conta de outras coisas, a tomar conta da escola, igual a diretora. Eu trabalhei 40 anos, e depois disso, eu me aposentei, mas tô no desvelo de voltar

a trabalhar, porque é bom. É liberdade de dentro de casa. Ficar só em casa deixa a gente agoniada. (...). Eu aprendi a costurar com 8 anos, para poder ajudar minha mãe a fazer as roupas dos irmãos, sentada no chão e fazendo na costura de mão. - Entrevista oral Zilda Santiago, 2020

O trabalho sempre foi sua maior alegria. Sendo ele na escola, “ensinando as crianças a ser gente, e gente boa” ou sendo ele na roça “para passar o tempo e sair de dentro de casa”. Zilda nunca foi uma mulher que se prendesse em paredes de uma casa pequena. O marido e os dois filhos só a motivaram a buscar mais caminhos para trilhar.

(...) eu só esperei o resguardo do primeiro passar para eu voltar a trabalhar fora. Quando eu já estava com muita vida só de trabalho, e meu filho mais velho já morando na cidade e trabalhando também. Eu engravidei de novo. Para mim foi um susto, porque 20 anos não é pouco tempo não. Eu já pensava ter que parar de novo para ficar no resguardo. Mas foi minha maior alegria. Assim que ela nasceu eu já levei ela para o colégio, passei muito tempo ensinando na sala com ela do lado me ajudando a fazer as coisas. Aí depois de um tempo eu passei para outra área da escola, que foi quando começou a ter que ter estudo para ficar como professora, aí eu fiquei merendeira. Mas eu que tomava conta da escola. Recebia merenda, botava menino de castigo, ensinava. Tenho saudade de voltar a trabalhar, mas agora meus filhos querem que descanse. - Entrevista oral Zilda Santiago, 2020

Na escola, como professora, utilizava da educação contextualizada para ensinar as crianças a ler e escrever, mesmo sem dominar a teoria da academia:

Eu me criei na roça, os meninos que eu ensinava também. Então o que eu fazia, para ficar mais fácil de aprender as coisas e até para o ‘adivirtimento’ deles eu fazia com eles as festas dos Licuris, levava para a roça, os meninos da escola e meus filhos, e ia ensinando e soletrando as palavras e fazendo conta. As mães confiavam na gente. A gente pedia os vizinhos das roças para entrar na roça deles para pegar pindoba, Licuri e umbu. Ensinava a tecer na escola, fazer vassoura, os meninos tinham a tarefa até de capinar o terreiro do prédio. E isso

ensinou os meninos tudo. Eles aprenderam tudo a ler também e fazer conta, fazendo essas coisas. Hoje ninguém faz mais nada disso não. Até hoje já to com 62 anos eu nunca larguei de ir tirar Licuri na roça e cozinhar os cachos. O tanto que tiver na roça eu e Zé Carlos a gente tira. É uma alegria, ver o povo tudo junto sujando as unhas e comendo Licuri. Ainda enfrento vaca parida e tiro o leite. Gosto dessa vida assim. - Entrevista oral Zilda Santiago, 2020

Dentro da comunidade, sempre foi uma referência de educadora, e durante gerações levou as crianças pequenas e grandes para desbravar as aventuras e as brincadeiras da roça. Principalmente nos meses de chuva de verão e de férias escolares.

A maioria desses meninos aqui do Subaé, quando começava a fazer 6 anos a gente levava logo para o tanque para aprender a nadar. Cada um levava sua toalha e sua merenda e a gente ia para o tanque que painho cavou no meio da roça. Amarrava uma corda na cintura, uma cabaça na cintura, e eu fui ensinando a nadar. Tinha cuidado quando via que estava afogando eu puxava. E quase todos aprenderam e nunca teve perigo. A gente marcava o tanque todo nos lugares fundos, e aí os meninos com os litros de guaraná amarrado na cintura e aprendia a nadar. E não tinha escolha se era homem ou mulher não. Não tinha isso. Se chovesse na trovoada a gente ia para os 'sangrador' dos tanque e ia nadar, catar piaba, tudo junto. E ninguém morreu, graças a Deus, se ficasse enganchado nos arames a gente ia lá e tirava. Pronto. - Entrevista oral Zilda Santiago, 2020

Mulher corajosa e independente, nunca se restringiu as correntes que a sociedade machista e antiquada impões para as mulheres. Teve dentro de sua família um grande incentivador, seu pai, que sempre ensinou que o lugar das mulheres era vivendo de forma livre e impendente.

Para mim a liberdade é a mais importante da vida, é você ser mulher e ser independente. Todo mundo ser independente de si, porque a pior coisa da vida é você depende de outra pessoa para fazer suas coisas. Tive dois filhos, e ajudei muitos, tudo ensinando isso: a ser independente. Meu pai foi o primeiro

a dar esse sinal na minha vida, ele falava assim: ‘minhas filhas e meus filhos, tanto faz ser homem ou mulher, vocês têm que ser independente de tudo, saber fazer tudo, porque a gente sabe de hoje e não sabe o dia de amanhã, o que você vai passar... então seu pai vai lhe ensinar a fazer isso para você ensinar na sua família ou a seus alunos, de quem você quiser ensinar’. Tudo que eu fiz na vida foi ensinado por meu pai, não tenho separação de ninguém. A gente foi criado tudo igual. Até de motor de Sisal eu já trabalhei com meus irmãos, carregando peso, competindo com meus irmãos ver quem ia ser mais rápido. - Entrevista oral Zilda Santiago, 2020

Não sentir o peso das correntes do machismo, pois, a educação que recebeu dentro de casa e dentro da sua comunidade não lhe restringiu a espaços domésticos e de cuidados, que em sua maioria estão atribuídas as mulheres.

Construiu a sua liberdade, a sua vida, o seu trabalho. Foi protagonista da sua própria história! Zilda é uma mulher forte, que se tornou grande referência para as mulheres de sua comunidade.



Maria Santiago Oliveira—Margara. 1951. Subaé, Serrinha.

A sabedoria e serenidade da comunidade e de Subaé, Maria, mais conhecida por todos como tia Margara, nasceu em 1951, na comunidade de Subaé, onde vive até hoje. Filha mais velha da segunda esposa do Velho Zú, Dona Maria, conhecido pelo povoador da comunidade, Margara sempre foi sinônimo de sabedoria, serenidade e fé. Teve uma infância simples, mas cheia de amor.

A minha infância foi muito boa, me criei com minha família, tivemos muita coisa boa e também coisa ruim. Mas tudo a gente venceu, e hoje a gente tem que procurar vencer em nossa vida, com amor, com saúde, com fidelidade. A gente brincava roda nos terreiros, a gente tecia trança para ajudar a sobreviver e tinha muita coisa que a gente gostaria de fazer, mas que as crianças de hoje nunca sabe como fazer, porque não viveu a infância que a gente viveu. (...) Na minha juventude a gente viveu de trabalho em roça, trabalhando junto com meu pai. E para gente foi para tudo na vida, enquanto tivemos ele. Vivi muito feliz com meus irmãos, meus colegas, as festas de Senhora Santana, da igreja. Tinha as despaldas de milho, ia tirar ‘capuco’ de noite, cantando, brincando ... com todos os amigos e foi tudo para a gente. Não tinha nada de convivência ruim, de um querer ser melhor que o outro. Tanto fazia ser irmão, ser primo ou ser de fora, não tinha diferença. – Entrevista oral com Margara, 2020.



FOTO 26 MARGARA NA SUA ROÇA, Kelly Santiago - 2020

Teve uma vida regrada, como a de outras meninas da comunidade, não era de sair muito, mas graças a Flora e sua articulação com os pais e mães da comunidade, conseguia participar dos espaços de lazer, da política e da cultura.

As vezes a gente queria ir para os lugares e nossos pais não deixavam e Flora chegava e falava 'a compadre, eu vou levar eles todo mundo' e aí chegava e conversava com ela e dizia 'só que a senhora vai ser responsável por elas tudo' aí ela dizia assim 'não se preocupe, para mim é tudo meus filhos e meus irmãos'. E foi assim que a gente se criou tudo, um caía o outro levantava. – Entrevista oral com Margara, 2020.

Precisou sair muito jovem para morar em outro município e trabalhar, lá conheceu seu primeiro e único marido, pai de seus cinco filhos/as, o mesmo faleceu jovem e ela sozinha cuidou e educou com suas crianças.

Eu fui para Araci com 18 anos, para passar os resguardo da minha cunhada e acabei ficando. Aí conheci meu marido, pai dos meus filhos lá e acabei ficando. Morei lá 15 anos e vim embora para Subaé porque lá não tinha escola para os meus meninos estudar, e eu fiquei viúva, tive que vir embora. – Entrevista oral com Margara, 2020.

Não teve muitas oportunidades de estudar, aprendeu a ler e escrever para tirar os documentos e exercer seu direito como cidadã, votando nas eleições, com a contribuição de Dona Flora.

Não tive estudo, mas quem me ensinou a fazer meu nome foi Flora, ela colocava eu e os meninos dela, chegando para os 15 anos para votar, ela escrevia no papel o nome e ia ensinando. Depois do nome a gente foi aprendendo outras palavras. – Entrevista oral com Margara, 2020.

Viúva e sozinha, precisou se reinventar e se virar para cuidar de seus filhos. E ainda se tornou uma grande liderança na comunidade, sobretudo nas causas sociais e ligadas a igreja.

Eu trabalhei de tudo quando vim embora, Flora me ajudou muito, conseguiu um trabalho de merendeira no Marília Queiroz com o prefeito da época. Mas eu também trabalhei muito na roça e tinha uma barraca de lanche na escola. E coloquei um mercadinho e um bar do lado da minha casa. (...) eu ajudei muita gente, levava as pessoas para médico e ir em Serrinha, quando precisava. Fui ministra das enfermas da igreja durante muitos anos. Com isso Deus me ajudou, fui levando até uns anos atrás, hoje eu não pude continuar porque fiquei doente, mas ainda cheguei a fazer algumas coisas da igreja indo de casa em casa com meus filhos, mas hoje não dá mais certo. Mas amanhã quem sabe eu não volto. – Entrevista oral com Margara, 2020.

O comércio era um desafio, já que conhecia pouco das palavras escritas, mas com a ajuda das filhas conseguia organizar as vendas:

Eu comecei a vender doce e bolo no carro de mão, e aí eu fui tentando, quando um comparava coisa fiado eu não sabia escrever, aí eu marcava e coloca um x, aí quando as meninas minhas filhas, foi me ensinando a fazer outras. Aprendi a escrever anotando as próprias vendas que eu tinha na barraquinha. Vendia tudo, bolo, geladinho, um bocado de coisa. – Entrevista oral com Margara, 2020.

Passou por muitas dificuldades, mas com o apoio da família conseguiu superar, se reerguer e criar seus filhos dentro dos valores que cultivava, e continuar dentro da luta por uma comunidade mais unida através da fé.

A gente não passou fome, porque graças a Deus, o nosso pai era muito cuidadoso, muito carinhoso. Não conheci minha mãe, mas fui muito bem-criada. Hoje sou mãe, sou vó e ensinei o que pude ensinar meus filhos. (...) Trabalhando na roça, tratando “fato de boi” para dar comida. Meus meninos foram criados pelas famílias da Rua do Campo, principalmente por meu irmão Duca (Pai de Maria Zilda e cunhado de Flora), que foi me buscar lá em Araci quando meu marido morreu. E lá na rua foram criados tudo como irmãos com as outras crianças. – Entrevista oral com Margara, 2020.

Enquanto mulher e mãe solo, Margara, conseguiu vencer suas batalhas, criou seus filhos e tornou-se uma grande referência de sabedoria para a comunidade, sendo determinada e forte, como ela mesmo pontua:

Eu nunca dei meus direitos. Nunca vou dar. Nunca fui machista, mulher tem que ter seus direitos na sociedade. Sou uma mulher forte, determinada, sei me defender. E vamos vencer a batalha, você a sua e eu a minha. – Entrevista oral com Margara, 2020.

Margara, com muita fé, sabedoria, e apoio da família, construiu a sua história e o seu legado dentro da comunidade, principalmente no âmbito social e da igreja.



Fotos: Ecicleide e Ecicleide, 2020

AS FILHAS DE MARGARA.

Representação de educação dentro da comunidade.

Margara, mãe de cinco filhos, três mulheres e dois homens, retornou para a comunidade de sua origem com o objetivo de criar seus filhos próximo da sua família e da sua história.

Duas das filhas de Margara, Ecicleide mais conhecida como Si, e Ecicleide, mais conhecida como Keu, sempre foram muito envolvidas dentro da organização da comunidade, sobretudo da educação das crianças. Ambas passaram uma parte da infância no município de Araci, e voltaram para o Subaé após o falecimento do seu pai.



FOTO 27 ECICLEIDE E SUA FILHA FAZENDO GOMA - Kelly Santiago, 2020

A infância da gente foi boa demais, apesar da gente ter que trabalhar para sobreviver. Apesar das brigas da gente, era todo mundo muito unido. A gente brincava até 12 horas da noite, nem ligava para tomar banho e escovar o dente, porque chegava cansado e bufo na cama. A gente corria, brincava, guerra (era uma brincadeira de enrabar para pegar, e dividia em dois times, tipo a brincadeira de baleô, tinha cada lado as bandeiras.), eu sou pobre-pobre... uma coisa que ficou marcado para todo mundo era toda terça ir dormir na casa de Duca só para merendar. – Entrevista oral, Si Santiago – 2020.

Nossa infância foi muito boa, apesar da gente passar por algumas necessidades financeiras, não tínhamos muito o que comer, na verdade. Chegou uma época que tivemos que trabalhar para ajudar minha mãe a colocar a comida dentro de casa. Porque nós perdemos nosso pai muito cedo, mas mesmo com essa perda que nós tivemos não nos desanimamos, nós superamos junto a nossa mãe, e ajudamos a colocar o sustento de dentro de casa. Estudamos também, continuamos brincando, proporcionando também dentro da

comunidade outras brincadeiras com as crianças, entre a nossa família e primos. Apesar da gente ter que ter responsabilidade muito jovens no trabalho, em casa de família, na roça dos outros, em catar feijão, a gente sempre se divertiu muito. – Entrevista oral de Keu Santiago – 2020.



FOTO 28 FAMILIA DE MARGARA - Kelly Santiago, 2020

Ambas contam que contribuíram para a reconstrução da família no retorno a comunidade, que mesmo com muitas dificuldades financeiras não deixaram de estudar e ainda de ajudar na educação das crianças da rua.

A gente estudou uma parte em Araci, atravessava a cidade com os meninos tudo pequeno com medo do papa figo, com medo do carro preto e estudava. Quando a gente veio para cá foi em 1987. A gente estudava e trabalhava na roça, catava feijão para juntar um dinheiro...foi um tempo muito bom pois era uma época de descoberta, pois tudo era novidade, não tinha internet, no Jonice Silva Lima escola do povoado, sim vivi muita aventura inesquecíveis com os colegas e apontamos muito também. – Entrevista oral, Si Santiago – 2020.

A nossa época de estudo foi muito boa também, estudamos aqui no Subaé mesmo, a maioria dos colegas eram primos, vizinhos, todo mundo sempre muito próximo. Estudava e trabalhava, na maioria das vezes no período de inverno tinha que faltar aula, para ir trabalhar na roça ou ganhando o dinheiro ou

plantando para a gente mesmo. Já chegamos a estudar segurando um vaso de feijão em uma mão e um livro em outro. A gente tinha muita força de vontade, nada nos abalava de baixar a cabeça e ficar se lamentando. – Entrevista oral, Keu Santiago – 2020.

Com essa força coletiva, ambas as filhas de Margara foram forte influência na organização das crianças, com objetivo de fortalecer a cultura do local, a coletividade e a união do grupo. Por trabalharem “nas casas de família” as crianças tinham muito respeito e seguiam os seus passos para as aventuras na roça, como relata Keu:

Antigamente a gente trabalhava mais nas casas de família e na roça. Hoje eu tenho meu comércio aqui, e me considero também a líder da rua, porque na igreja mesmo, eu sou a representante da Rua do Campo para organizar as coisas, nas férias dos meninos eu que levava para catar Licuri, ir com Zilda nas expedições de tanque. Até hoje ainda enfrento muitas críticas de gente que não entende a nossa vontade de fazer as coisas no coletivo, mas eu continuo lá fazendo e com muito orgulho. – Entrevista Oral com Keu, 2020.

Nesse processo de organização comunitária, as filhas de Margara tiveram na rua do campo grandes aprendizados e passaram de geração em geração esse espírito de coletividade.

Keu, sempre mais doce organizava as crianças para a caçada do Licuri, Si com seu jeito mais durão colocava ordem na meninada. Cada uma com sua identidade e sua personalidade, proporcionaram diversos momentos de aprendizagem dentro da comunidade.



Foto: Sidna Santiago, 2016.

Sidna Santiago De Oliveira. 1986. Subaé, Serrinha.

A liberdade em forma de mulher, Sidna, nasceu em 16 de abril de 1986, na comunidade de Subaé, onde viveu por pouco tempo. Logo bateu asas e voou para conquistar o mundo. Hoje, retorna a seu pedacinho de céu,



FOTO 29 - Sidna na roça de seu pai. Arquivo pessoal, 2016

como ela mesmo chama, para cuidar dos filhos e da família.

Neta de Flora, filha mais velha de Ivete e Batista (Filho de Flora), Sidinha como era conhecida, sempre foi sinônimo de liberdade, batalha e energia. Independente, ajudou sua mãe a cuidar dos seus 4 irmãos muito jovem, e assumir esse lugar lhe trouxe muitas responsabilidades.

Minha infância, eu me lembro de quando eu tinha uns 5 a 6 anos, e eu já tinha 2 irmãos e já era

afoita. Eu brincava de arrumar a casa. Hoje a gente fala que é fobia, mas eu tinha muito medo dos meus irmãos morrerem. Não sei ... e a gente foi crescendo, tinha que tipo um tormento, eu sempre tava cuidando deles. Eu acabei atropelando minha infância, e cuidei muito deles. Como a gente não tinha condições de ter brinquedos, a gente brincava de coisas de fazer, vira-lata, limpar a casa dos tios, não assistia TV porque em casa não tinha, então eu nem sabia o que era desenho. Eu tive uma infância muito conturbada porque eu já tinha responsabilidade com meus irmãos. – Entrevista oral, Sidna Santiago – 2020

Assim que completou 13 anos, percebeu que precisava ir além e buscar conhecer novos caminhos, de forma que almejar esses sonhos era a combustão que precisava para acordar e ajudar a sua mãe na criação dos seus irmãos.

Minha adolescência foi um segmento dessa minha criança, que eu continuei cuidando dos meus irmãos, que aí vieram mais dois e hoje eu sou irmã de 4. Eu tive uma vida precoce, cuidar de irmão e ajudar minha mãe em casa. Com 13 anos eu quis sair de casa para ajudar meus pais, aí eu ia embaixo de um pé de árvore para escrever tudo que eu queria fazer da minha vida, tipo carta para mim mesma. E eu falava que queria ir embora para trabalhar e ajudar meus pais... eu nunca imaginei sair para estudar, sempre foi para trabalhar. Toda a minha vida era pensada nos meus irmãos e na minha família, que era muito pobre e não tinha condição de fazer as coisas. Eu saí quando tinha 15 anos de idade, foi quando eu fui embora daqui do Subaé, justamente pensando em trabalhar ... minha irmã casou eu que ajudei a criar. – Entrevista oral, Sidna Santiago – 2020

O trabalho sempre esteve muito presente em sua vida, já o estudo, principalmente o formal, sempre ficou para segundo plano em sua vida.

Eu estudei aqui no Subaé até a 8ª série, meu primeiro e segundo grau eu fiz em Serrinha. Depois eu fui para Aracaju, foi quando eu fiz o vestibular, mas não fiquei. Foi quando eu fui para Salvador e fiz Marketing, que inclusive não foi concluído até hoje.... Eu nunca fui muito de estudar, trabalhar era uma prioridade, porque eu precisava me manter e ainda pagar os estudos. Além de mandar dinheiro para ajudar e manter minha família. E meu trabalho não dependia do estudo, então preferi focar. E eu nunca vivi só para mim e minhas coisas pessoais, e como eu trabalhava na área de eventos eu viaja, perdia aula, não me dedicava aos trabalhos e as disciplinas. Então tive que optar. – Entrevista oral, Sidna Santiago – 2020

Dentro da comunidade, Sidna era muito articulada, organizava os grupos de jovens da igreja, contribuía na realização dos eventos culturais, e segundo ela, isso contribuiu para a escolha do seu segmento profissional. Além de ter como

referência seu primo mais velho, Derivaldo, filho de Zilda, que incentivou a buscar novos horizontes.

Aqui na comunidade antes de eu sair, as minhas contribuições eram na igreja, participar nos grupos de jovens, organizar leilão e evento cultural.... Minha contribuição aqui foi muito pouca, pois eu saí muito jovem. E como meu trabalho era na área de eventos, eu acredito que minha experiência aqui nos grupos de jovens me incentivou a organizar outras equipes. E assim, eu via Dery, trabalhar com essas coisas de informática e computador, e ele foi uma referência muito grande para mim. E assim de certa forma, minha família me induziu a entrar nesse ramo. – Entrevista oral, Sidna Santiago – 2020

Por conta de ser uma mulher “muito para frente” enfrentou diversos posicionamentos machistas dentro e fora da comunidade, sobretudo quando decidiu sair de casa tão jovem.

Eu já saí enfrentando daqui um posicionamento machista, porque as pessoas que encontravam meu pai já falavam, como é que aceitava eu sair daqui, pois a minha vida seria de prostituição...e eu levei isso dos meus próprios parentes, da minha comunidade. E foi isso já foi um processo machista que eu tive que enfrentar. E foi isso que me conduziu ser uma pessoa perfeccionista e praticamente ditadora do meu próprio negócio e da minha vida. Eu nunca bebi, nunca curti, eu só ia trabalhar. E eu disse para meu pai assim, lembro como se fosse hoje ‘se o senhor deixar eu ir, eu lhe prometo que eu irei fazer o contrário do que as pessoas dizem, vou trabalhar, vou ajudar vocês e vou construir a minha família... então assim, eu voltei para mostrar as pessoas que tudo que se falava não concretizou. Então como mulher eu sofri muito, eu fui a primeira mulher das netas de vovó a sair de casa sem ter casado ou construído família. E a segunda neta a buscar outros ares fora o Subaé, porque o primeiro neto a fazer isso foi Derivaldo. E quando eu saí a minha ousadia foi muito grande, porque eu não fiquei em Serrinha, eu fui para Aracaju e depois para Salvador. – Entrevista oral, Sidna Santiago – 2020

Nesse contexto Sidna foi se tornando uma grande referência para as gerações mais jovens da comunidade. Conquistou muitas coisas com o esforço do seu trabalho, mas sem perder jamais o vínculo com sua família e com suas raízes.

Quando eu fui para Salvador eu já fui cheia de responsabilidades, assim que eu cheguei e me organizei, eu levei minha segunda irmã para morar comigo, Ariana, ela tinha 15 anos na época. Eu assumi o lugar de mãe mesmo. E depois fui levando os outros. E nesse sentido a minha posição como mulher sempre foi muito materna, de ajudar as pessoas, de cuidar delas. E orientando do meu ponto de vista, sem base, porque lá fora eu não tinha base familiar, eu mesmo que me virei. – Entrevista oral, Sidna Santiago – 2020

Uma menina da roça, que tão jovem conquistou espaço dentro da capital, organizando um dos maiores eventos do país, Sidna alcançou um de seus maiores objetivos na vida era contribuir com a melhoria das condições materiais da sua família, e com muita batalha e trabalho duro. Mas isso jamais lhe afastou das suas raízes e da sua base familiar, que era o Subaé.

(...)

Eu construí uma empresa de eventos com 24 anos, foi o que me deu sustento e ajudou a minha família, foi o que permitiu que eu contribuísse com a criação dos outros. Foram 11 anos trabalhando para mim mesmo, em uma coisa sempre gostei, porque eu sempre fui muito comunicativa. E até hoje, eu tenho meu crédito dentro da capital, onde eu cheguei sendo uma mera desconhecida. E mesmo ficando muito em Salvador, eu nunca esqueci meu cantinho, meu lugar. Foi aqui que a nossa história começou a ser escrita e vai continuar sendo. Por exemplo, agora mesmo eu voltei depois de 23 anos morando fora, para dar uma qualidade de vida melhor aos meus filhos. Aqui é a nossa referência de carinho e de afeto. De base familiar. As quedas de bicicleta ... os banhos de chuva ... eu trouxe os meus filhos para viver isso, hoje minha filha é apaixonada por esse lugar. A melhor coisa para ela é estar no Subaé, e porque eu fiz isso, larguei minha vida na capital para morar no interior novamente, porque meus filhos precisam conhecer a origem deles, a história deles... A gente não pode querer criar um filho só com PlayGround, porque eu não sou disso, eu sou da roça,

minha origem e legado é da roça. E em qualquer lugar que eu chego e que eu fui eu nunca esqueci das minhas origens... – Entrevista oral, Sidna Santiago – 2020

Todas essas conquistas foram sonho de adolescência, e mesmo assumindo uma posição que muitas vezes lhe foi negada, Sidna conseguiu com muita ousadia conquistar o seu lugar no mundo.

Tudo que eu escrevi na adolescência eu concretizei, realizei os meus sonhos e ainda tive a oportunidade de voltar para minha terra e para as minhas origens. Eu retornei para o Subaé, passei minha gravidez aqui, e todas as vezes que eu posso estar aqui eu estou... porque aqui tem muita coisa, tem carinho, afeto, família e lá fora a gente tem oportunidade de trabalho, a gente tem como ganhar dinheiro, mas a gente não tem amor e carinho, a gente tem é muita falsidade. Principalmente nós mulheres, inclusive na minha área, quando eu organizava os camarotes do carnaval de Salvador, eu coordenava equipes em que a maioria eram homens. Imagine, você coordenar uma equipe com mais de 150 pessoas, sendo mulher e do interior, era muito duro. Mas como era muito ousada, não tinha problema, porque eu batia de frente mesmo. – Entrevista oral, Sidna Santiago – 2020

Sidna enfrentou as amarras do machismo da sua comunidade, voou para longe de casa e precisou por vezes se reinventar para conquistar ainda mais o seu espaço. Conheceu lugares, pessoas, histórias e mesmo assim jamais esqueceu a sua. Voltou para suas raízes com o intuito de escrever ao lado de seus filhos uma história simples, mas cheia de identidade e de significados. Sidna é uma referência de mulher forte, guerreira, que contribuiu muito para a educação das novas gerações, sobretudo das meninas-mulheres.

AS NOVAS GERAÇÕES

As mais jovens, meninas-mulheres, que conviveram pouco com as grandes referências da comunidade, mas que carregam consigo o legado, o orgulho e a história do nosso povo, a partir das referências femininas e feministas que tivemos dentro da comunidade.



FOTO 30 Gaby e Kauany - as novas gerações, Arquivo pessoal, 2014

Cada uma do seu jeito, com visões diferentes sobre o seu lugar como mulher e sobre as suas contribuições para a comunidade e para vida de tantas outras meninas-mulheres que por sorte do destino conviveram com elas. As mulheres do Subaé carregam consigo histórias de luta, superação e alegria.

Kauany, jovem, comunicativa e “para frente”, neta mais velha de Zilda, nasceu em 31 de março de 2003, no município de Serrinha. Não morou no Subaé, mas viveu grande parte de suas aventuras nesse lugar, dividindo experiências com as gerações mais velhas, colhendo Licuri e participando dos momentos coletivos da comunidade.



FOTO 31 Kauany pilotando motocross na pista da comunidade - Arquivo pessoal, 2020

Kauany deu os passos como seu pai, hoje pratica um esporte quase que majoritariamente masculino, que é o *MotoCross*, e possui um forte posicionamento feminista dentro das suas relações.

Gabrielle Santiago e Santiago, jovem, retada e trabalhadora. Neta de Margara, nasceu em 22 de julho de 2004, no município de Serrinha. Não morou no Subaé, mas viveu grande parte de sua vida dentro da comunidade, dividindo seus dias com sua avó e sua família na roça.



FOTO 32 - Gaby contemplando o pôr-do-sol na casa de sua avó. Arquivo pessoal, 2019

Gaby traz consigo um legado já em seu nome, fruto da união entre primos, a escolha dos sobrenomes iguais partiu de um desejo de seu pai em valorizar o sobrenome da família. Atualmente, além de estudar também trabalha nos finais de semana como recepcionista no Salão de Beleza de sua madrinha.

A infância foi repleta de brincadeiras e diversão junto a outras crianças, a partilha e a coletividade sempre muito presente nas falas das meninas, retrata a história de um lugar que a identidade do coletivo sempre foi muito forte:

Eu brincava na roça, e muito mais nas férias quando as minhas primas vinham de Salvador. A gente brincava na estrada sempre, rodávamos bicicleta, sempre tirávamos Licuri, subíamos em árvores e brincávamos de macaquinho nos pés de cajá. Isso tudo se tornava uma diversão para a gente. (...)eu sempre brinquei com as crianças da rua, do campo, em todos os quintais das casas que tem lá. Então essa rua me traz várias lembranças boas da minha infância.– Entrevista oral Gaby, 2020.

A minha infância não poderia ter sido melhor... a fase mais mágica da minha vida, em que desde o início do ano desejava que as férias chegassem, para passar várias semanas na casa de minha avó. Tirando os finais de semana que eu sempre estava lá (inclusive hoje, né?), mas as férias eram os momentos que estávamos todos juntos, as primas de Salvador, os vizinhos e amigos ... brincávamos de tudo. Todo dia era uma brincadeira nova. A maioria do nosso grupo era feminina, então ganhar dos meninos nos jogos de futebol, por exemplo, era bem empoderador. Talvez isso seja a origem da minha personalidade competitiva, e principalmente por conviver com todas personalidades diferentes tenha me ajudado na empatia em relações pessoais, além é claro, da noção de união feminina no Subaé. Eu podia ser eu, sem nenhum tipo de regulação... – entrevista oral, Kauany 2020.

Essas gerações mais novas possuem uma visão bem leve do Subaé, o trabalho já não é mais tão presente em suas falas, mas a cultura da coletividade e a diversão encontrada nesse lugar fica nítido em suas falas:

A Rua do Campo tinha um valor muito significativo para mim, pois era onde o encontro de amigos e das turmas acontecia. As brincadeiras sempre partiram dali. Era a nosso parque de diversões, nós conhecemos cada pedacinho da rua. Todo mundo da rua sempre teve muito vínculo com a gente, todos cuidam da gente e nos educavam também. – Entrevista oral Kauany – 2020.

Eu sempre brinquei com as crianças da Rua do Campo, em todos os quintais das casas que tem lá. Então essa rua me traz várias lembranças boas da minha infância. – Entrevista oral Gaby – 2020.

Essas meninas-mulheres trazem consigo a continuidade do legado das mulheres do Subaé, mesmo que inconscientemente as suas formas de expressão e de protagonizar as suas histórias tem traços fortes das identidades das mulheres que lhes criaram.

Kauany, neta de Zilda, tem uma escolha por um esporte masculino e perigoso, assim como sua avó a aventura e a adrenalina sempre lhe encantou. Já Gaby, neta de Margara, apresenta um comportamento mais coletivo e união com as pessoas próximas a ela. Ambas tem raízes em um lugar que a figura feminina é forte, determinada e não se prende a estereótipos e correntes sobre o lugar da mulher no mundo.



Foto: Janela de casa, 2020

SER-TÃO SUBAÉ.

“O Subaé é muita coisa para mim... morei quase a minha vida toda aqui. A importância do Subaé na minha vida é que o primeiro filho que eu tive foi no Subaé, e o último filho no Subaé. E eu só saio desse lugar aqui, morta.” – Flora Gomes.

“Aqui é sol que aquece, estrela que nos guia, chuva que traz nosso alimento e lua para abrilhantar as nossas noites.

É minha base, o cantinho do céu como costume dizer. Aqui vivemos a verdadeira irmandade, somos uma só família. É diferente!

Meu Subaé é onde relaxo e recarrego as energias, respiro ar puro e recebo tudo de bom que a vida simples tem para dar.

Saí daqui para trabalhar, mas jamais esqueci minhas origens. Depois que me casei e tive filhos, vim com mais frequência para eles vivenciar um pouco de cada coisa”. – Sidna Santiago

“Subaé para mim foi tudo na vida, foi onde eu nasci, me criei, criei meus filhos e graças a Deus hoje to aqui. É meu lugar, é um lugar de pessoas boas” – Margara Santiago

“O Subaé um refúgio. É o momento de relaxar e esquecer os problemas, é onde eu quero estar com minha família, com minha avó, meu avô... além disso, a gente pode ir para pista que foi construída na roça de meus avós para poder pilotar, e isso une ainda mais a gente”. – Kauany Santiago

Como eu sempre fui desde novinha para o Subaé e sempre brincava muito, vejo o lugar como um que traz felicidade. – Gaby Santiago

(...)é muito bom apesar de alguns problemas, é um lugar que todos gostam de se reunir para fazer as coisas acontecerem, é o lugar do aconchego onde mesmo tando fora sempre quer tá lá junto com todo mundo. – Si Santiago.

O Subaé para mim é um lugar maravilhoso, a gente só não nasceu aqui. Mas a maior parte da nossa vida foi no Subaé. Sempre vivendo unido com todo mundo! **O Subaé é um lugar mãe**, sempre muito amoroso, cuidadoso... a gente vive em um ambiente que a gente não vê problemas de marido e mulher, espancamento de crianças, a concepção de família aqui é diferente dessas coisas que a gente vê na televisão. – Keu Santiago.

O Subaé para mim é meu canto, é um lugar que cuida das pessoas, principalmente aqui na Rua do Campo, é família, é coração, é fortaleza. Se um der um grito todo mundo aparece para ajudar. A gente é alegria e amor! – Zilda Santiago.

Capítulo 3

SUBAÉ – POVO FORTE, RESISTENTE E POLÍTICO.

Meu povo eu cheguei agora
Com muita coragem e muita fé
Para falar a verdade
Botar o ponto no “É”
Sem mentira e sem bondade
Vou contar para a mocidade
Quem já foi o Subaé.

Aqui era uma caatinga
Que ninguém dava valor
Sem ter roças nem estradas,
Muito pior morador
O tempo foi se passando
E o povo tão perguntando
Como o Subaé criou.

Esse Subaé querido
Que o povo quer saber
Como ele foi nascido
Eu passo agora a escrever
O nome dos mais velhos
Que fez o Subaé crescer.

Primeiro foi Mané Alves
Segundo Zé Mariano
Terceiro foi Veio Bitú
Cada um trouxe um só plano
Todos conseguiu família
E o Subaé foi começando.

A família dos Bitu
Foi a que deu mais andamento
Porque somente o “veio” Zú

Conseguiu 3 casamentos
Arrumou 40 filhos
E o Subaé encheu de gente.

A depois de muito tempo
Todo mundo já criado
Junto a outras famílias
Que também deu resultado
Com a força do amor
Todo mundo se casou
E formou nosso povoado.

Depois de todos casados
Conseguiu a união
Construiu a nossa igreja
Pra se fazer oração
Depois veio o ginásio
Na parte de educação.

Aqui me sinto feliz
Aqui não nos falta nada
Tem ali o cemitério
A nossa última morada
A luz não falta um momento
E pra saúde da gente
Ainda tem água encanada.

Com tanta graça alcançada
Eu vou pedir ao povo
Que não seja irresponsável
Tanto velho quanto novo
Que ninguém pode esquecer
Tem que vir a agradecer
Ao nosso pai poderoso.
(Zezinho)



Foto: O pôr-do-sol da Rua do Campo, 2020

O semiárido, o Subaé... terra rachada, o olhar ao horizonte de quem espera e clama por chuva, a cultura viva de saberes e fazeres criativos e inerentes a um povo cheio de vida, e os espinhos das nativas plantas, que resistem e persistem em enfeitar aquele lugar.



FOTO 33 - Placa da entrada do Subaé, Kelly Santiago, 2016

O lugar... que lugar é esse, que mesmo com tantas adversidades climáticas constrói e reconstrói conhecimentos que transformam a vida do seu povo?

Ahhh o Subaé e seus encantos.

Um povo cheio de garra para lutar pelos seus direitos. Direitos esses como o voto, a educação, a saúde, a segurança...

Mulheres *retadas* que sempre buscaram através do encorajamento uma das outras superar as amarras do patriarcado, que dentro da

SERRINHA – LOCALIZE-SE!

O município se caracteriza como o centro urbano do território do Sisal que corresponde ao maior contingente populacional. No último Censo (2010), apresentava 76.762 habitantes, entretanto, a maior parte do seu território geográfico é rural, sendo trinta bairros e setenta e oito povoados. Serrinha é uma cidade interiorana, que geograficamente, caracteriza-se como um entrocamento rodoviário que liga os municípios limítrofes à capital.

A singela Serrinha foi se desenvolvendo e se tornando uma grande referência dentro do território do Sisal, sobretudo no ramo comercial e educacional.

No comecinho de sua história, as atividades econômicas desenvolvidas no município tinham como base a Agricultura Familiar (voltada para o autoconsumo e a venda de excedente) e a criação de gado (bovinocultura), tal questão ocasionou na disseminação da figura do vaqueiro, que atualmente se transformou na maior festa cultural da cidade – A vaquejada de Serrinha.

Atualmente Serrinha é palco de muitas histórias, atraindo inúmeras pessoas de municípios próximos que vem para o município em busca de trabalho dentro polos comerciais, dentre eles o grande mercado da rede ASSAÍ Atacadista, o G BARBOSA, as lojas Americanas, além de um Shopping (ainda que tímido) com cinema, praça de alimentação e algumas lojas, uma fábrica de calçados, dentre espaços que propiciam trabalho e renda para a população.

Além desse comércio tradicional há iniciativas que visam não apenas a geração de renda, mas também o empoderamento social e político, sendo elas a Rede Arco Sertão Central, que fundou em 2013 o Armazém da Agricultura Familiar e Economia Solidária, que organiza e comercializa os produtos de Agricultores e Agricultoras Familiares de diversos municípios e Territórios, a COOPAF SERRINHA, Cooperativa da Agricultura Familiar e Economia Solidária, que produz e comercializa para mercados locais e institucionais os produtos de Agricultores Familiares de diversas comunidades do município, inclusive a comunidade de Subaé, e a ASCOOB SISAL, cooperativa de crédito rural fundada 1999 visando ofertar serviços de crédito para seus associados, e tendo na sua história de fundação uma participação significativa da comunidade de Subaé na sua constituição e organização.

Com relação à educação pública e de qualidade, o município tem duas renomadas instituições a Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus XI e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IF BAIANO. Ambas instituições com vasta contribuição territorial para o desenvolvimento educacional, social e cultural do município, sobretudo com relação ao fortalecimento das discussões voltadas para o empoderamento dos sujeitos coletivos do campo.

comunidade foi sendo quebrado por uma figura importante como Flora Gomes, grande referência política.

Crianças que aproveitam cada grão de terra e educam-se em comunidade, enquanto aprendem sobre a cultura da solidariedade do campo.

Subaé, ou como era conhecido popularmente (como forma de menosprezar o lugar) Subaco da água ou subaco da jega, é uma comunidade rural cerca de 18 km da cidade de Serrinha, semiárido baiano, possui aproximadamente 580 famílias, que em sua maioria são assalariados (pela prefeitura, comércio ou efetivados por tempo de trabalho), aposentados/as autônomos/as e agricultores/as familiares.

Uma escola nucleada, uma creche, uma igreja, um comércio relativamente movimentado, uma cultura forte do esporte, um povo politizado e cheio de ousadia. Esse pedacinho de chão batido, com famílias trabalhadoras, crianças sorridentes e vegetação semiárida é o palco dessa história aqui relatada.

A comunidade de Subaé sempre foi uma das grandes referências políticas dentro do município de Serrinha, na qual o povo organizado que buscou construir e batalhar para o desenvolvimento social e cultural da sua comunidade.



FOTO 34 - Seu Zezinho, Arquivo pessoal, 2018

Segundo José Alves Santiago, seu Zezinho (*in memoriam*), que sistematizou e transformou a história do Subaé em verso cantado, conta que três famílias construíram a comunidade, tais versos narram o legado de conquistas dessas famílias, a construção da primeira escola, a igreja, a energia elétrica e água encanada.

Historicamente não há registros formais sobre a construção dessa comunidade, porém conforme contam os mais velhos, o desenvolvimento da comunidade se deu a partir da chegada do Manoel Alves, descendente de Holandês, que junto com Zé Mariano e o Velho Bitú, se ampliaram e agregaram-se a outros imigrantes, constituindo as primeiras famílias nascidas em solo subaense.

Segundo Matos (2011) pertencem a descendência dos **Bitú, o sobrenome Santiago**. E a família de Zé Mariano, os Pinheiros. É importante

ressaltar que o Subaé sempre teve “fama” de casamento entre primos de primeiro e segundo graus, construindo assim um povoado com traços parecidos, sobretudo a cor da pele e dos olhos, e laços de consanguinidade.



FOTO 35 - "Veio" Zu - Arquivo pessoal

Um dito popular sobre o Subaé se refere às características físicas das pessoas, sobretudo das mulheres, nas quais eram conhecidas como as “galegas do Subaé”, segundo Matos (2012) “os primeiros habitantes descritos no verso tinham características caucasianas, o que refletiu na predominância de uma população branca” (p. 21).

O Velho Zú (meu bisavó de parte de mãe e parte de pai) segundo a história foi o que deu “mais andamento” na população da comunidade, pois casou-se três vezes (com duas irmãs e uma prima) e teve quarenta filhos e filhas que povoaram essa comunidade, principalmente na localização próximo a sua casa, conhecida como “Rua do campo”.



FOTO 36 - Parte da família do velho zú. Arquivo pessoal

A igreja e Escola Jonice Silva Lima citados no verso, são a grande riqueza da comunidade – como na maioria das comunidades do campo. A maioria da população se considera católica, mesmo não frequentando a igreja em todos os

seus cultos religiosos, e até o momento não há nenhum outro templo religioso na comunidade.



FOTO 37 Manifestação religiosa - Arquivo pessoal

A educação nessa comunidade sempre foi uma grande referência em todo o município, lembro-me claramente durante as gincanas realizadas com todas as escolas da cidade de Serrinha, o Jonice dos roceiros do Subaé (como era conhecida a escola e seus estudantes) ficava entre as melhores nas competições, isso sempre gerou um descontentamento com os estudantes cidade, que por diversas vezes não aceitava o fato da escola ser sempre tão organizada em competições estudantis.



FOTO 38 - Escola Jonice Silva Lima, Rafael Santiago, 2020

A escola, hoje creche, Marília Queiroz, trouxe para Subaé as primeiras turmas de primário e alfabetização, e contribuiu para a educação do povo e o acesso aos primeiros empregos formais da comunidade.



FOTO 40 - CRECHE ESCOLA MARILIA QUEIROZ,
Rafael Santiago, 2020



FOTO 4039 – Dona Flora reinaugurando a creche
Marília Queiroz – divulgação prefeitura, 2019

O esporte também se configurou como um grande legado da comunidade, o campo foi cenário de inúmeras vitórias do time do Subaé, como também um espaço de lazer da comunidade e das comunidades vizinhas.



FOTO 41, 42, 43 e 44 – Campeonatos de futebol do Subaé, Arquivo pessoal

Os campeonatos e jogos de futebol carregam uma história de mais 40 anos, ninguém sabe ao certo qual foi o primeiro ano que iniciou, e sempre foram grande atração da comunidade, na qual o futebol uniu famílias na torcida do time da comunidade. Esses eventos eram um misto de emoções, brigas históricas e

famílias foram constituídas a partir dos jogos de futebol entre o Subaé e outros tantos municípios.



FOTO 45 – Campeonatos de motocross do Subaé, Arquivo pessoal

O MotoShow também foi uma grande iniciativa de um grupo de amigos do Subaé, que transformaram a comunidade em um palco de show de manobras radicais e adrenalina de pilotos do Nordeste inteiro. Durante 15 anos o campeonato fez a alegria da comunidade e das comunidades vizinhas.



FOTO 46 – Derivaldo Santiago, filho de Zilda, mentor desse esporte na comunidade. Kauany Santiago, 2020

O passeio a cavalo era um grande evento para a comunidade, idealizado pelo grupo de jovens da igreja, durante aproximadamente 20 anos trouxe para a comunidade a cultura da vaquejada e do povo sertanejo.



FOTO 47, 48 e 49 – Passeio a cavalo no Subaé, arquivo pessoal.

A comunidade sempre muito envolvida nas questões políticas e de cunho coletivo, buscaram junto as lideranças políticas trazer melhorias para a população. As associações, o sindicato de trabalhadores rurais e o conselho comunitário, criado com o intuito de resolver demandas referentes a representação e ocupação de espaços tanto no âmbito educacional, quanto



FOTO 50 – delegacia sindical – Rafael Santiago, 2020.

religioso ou político, desempenharam um papel de relevância dentro da comunidade.

A exemplo da liderança sindical, natural de Subaé, Maria Zilda Oliveira Ferreira, que presidiu o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Serrinha/BA durante os anos de 1991 a 1994. Que através de sua luta conseguiu organizar o povo e trazer o sindicato para dentro da comunidade no ano de 1988, e no ano de 2006 a delegacia sindical do povoado inaugura sua sede com um salão que serve para reuniões e confraternização dentro da comunidade.

A renda da comunidade versa entre a aposentadoria previdenciária, concursados que em sua maioria trabalham na Escola Jonice Silva Lima ou na Creche Marília Queiroz, Agricultura Familiar (em sua maioria para autoconsumo e venda do excedente) e empregos temporários dentro da gestão do município. A maioria dos funcionários da escola e da creche são oriundos do povoado, o que é motivo de orgulho para a comunidade.

Dessa forma, Subaé em muitos âmbitos é conhecido como um “lugar que não parou no tempo” e emancipado do ponto de vista cultural e político. Entretanto, podemos perceber que não existem iniciativas governamentais que fomentem o desenvolvimento da comunidade, sobretudo dentro do âmbito das políticas públicas para o meio rural.



Foto: Cemitério do Subaé, 2020

A RUA DO CAMPO

Uma Família Cheia De Histórias Para Contar

A família dos Bitu
Foi a que deu mais andamento
Porque somente o “veio” Zú
Conseguiu 3 casamentos
Arrumou 40 filhos
E o Subaé encheu de gente. – Zezinho



FOTO 51 e 52 – Rua do Campo, arquivo pessoal

O José Alves Santiago, mais conhecido como “VéiZú”, nasceu dia 10 de julho de 1904 (registrado 4 anos depois) e falecido no dia 09 de abril de 1999, no município de Serrinha, filho do Vitoriano Alves Santiago, “Veio Bitu” e da Barbara Maria de Jesus, trabalhadores rurais e comerciários, foram os primeiros habitantes da Rua do Campo – comunidade de Subaé. Sua passagem no Subaé foi a que deu mais andamento, pois constituiu família com três esposas (duas irmãs e uma prima) e teve 39 filhos/as.



FOTO 52 – Velho Zu, arquivo pessoal

Zú teve uma infância e adolescência simples e humilde, de um trabalhador de roça, não há muitos registros da sua infância e da sua adolescência, falava pouco sobre isso com seus filhos e filhas. Como já relatado, teve três casamentos.

A sua primeira esposa, Deolinda Josefa de Queiroz, com quem teve 22 filhos e filhas (contabilizando os fora do tempo), não há muitos dados sobre sua morte, e hoje seus filhos/as apenas 18 ainda estão vivos.

Após o falecimento da primeira esposa, Zú passou a relacionar-se com Maria Queiroz de Carvalho, com quem teve 3 filhos/as, infelizmente o destino a levou cedo demais, com morte de parto do terceiro filho. Importante ressaltar que a segunda esposa era prima da primeira esposa e irmã da terceira esposa.

Após a morte da segunda esposa e já desesperanças com a vida, Zú se relacionou com Davina Queiroz de Carvalho, que nasceu no ano de 1930, e com ela teve mais 14 filhos. Sua sina era ficar sozinho, no ano de 1991 sua terceira esposa faleceu e ele passou a viver em função dos seus filhos/as alguns já criados, outros pequenos.

Um fato curioso sobre o VêiZú, diz respeito a sua relação com mulheres da mesma família, e com as três esposas Zú deixou um legado de 39 filhos/as, alguns permaneceram no Subaé e outros ganharam o mundo.



FOTO 53 – Parte da família do velho Zú, arquivo pessoal

Foi com a chegada do Vei Zú que a Rua, cenário que dará vida a todas as histórias aqui contadas foi criada. A Rua do Campo como é conhecida na comunidade, tem esse nome por conta da sua localização próximo ao campo de futebol, e hoje a quadra poliesportiva.



FOTO 54 – Rua do campo visão panorâmica – Kelly Santiago, 2020.

A Rua do Campo é composta por 20 famílias que são filhos, netos e bisnetos do velho Zú. Um fato curioso dessa rua diz respeito à união matrimonial entre primos e primas, e os seus laços de consanguinidade. Há poucas pessoas que residem na Rua do Campo que não são parentes de primeiro ou segundo grau, isso contribuiu e muito para a união das famílias, principalmente nas datas comemorativas e nas manifestações culturais.

A Rua não possui praçinha ou pontos de encontros para a juventude, como na cidade, mas isso nunca impediu que os jovens e as crianças se reunissem para bater papo, queimar uma fogueira e construir momentos de lazer.



FOTO 56 – Redondo da rua do campo, arquivo pessoal.

O redondo sempre foi o grande “point” de encontro da galera. A casa de Zú o espaço de campeonatos de dominó, baralho, ou concursos de dança. A casa de Dona Flora espaço de debate político e de organização de campeonatos ou eventos de modo geral. Nesses três espaços a vida circulava na comunidade, e o coletivo sempre ficava muito evidente.



FOTO 57 – Redondo da rua do campo – Rafael Santiago, 2020.

Um fato curioso referente a Rua do Campo foi a construção do Redondo, que historicamente foi construído para ser o ponto de água potável da comunidade de Subaé e das comunidades circunvizinhas, mesmo após a chegada da água encanada, o símbolo do redondo ficou tão marcado nas pessoas que foi mantido e hoje é o ponto de encontro das pessoas da Rua do Campo.



FOTO 58 e 59 – Forro do redondo, arquivo pessoal

Um aspecto cultural da Rua do Campo é a realização do forró “venha tomar no redondo”, que idealizado pela família do Velho Zú, e reunia todas as

comunidades e até pessoas de fora, que vinham se divertir e tomar aquele velho licor no histórico redondo.



FOTO 60 e 61 – Motocross, arquivo pessoal.

Além dos campeonatos de futebol, outro esporte que ganhou vida no Subaé e sobretudo na rua do campo foi o MotoCross, idealizado por Derivaldo Santiago Oliveira, filho de Zilda e neto mais velho de Flora. No ano de 2004, iniciou-se a Copa Sisal, que reunia pilotos e amantes da adrenalina no centro do campo de futebol para assistir as disputadas corridas. O campeonato durou 5 anos sendo realizado na Rua do Campo, e após isso, devido ao aumento de expectadores precisou ser mudado para outro espaço, também no Subaé.



FOTO 62 – Natal da Rua do Campo, arquivo pessoal, 2018

Sinônimo de muita união das famílias, a comemoração do Natal com a tradicional Amiga Secreta que já possui mais de 10 anos, contava com a participação de mais de 100 pessoas, todas da família do Velho Zú.



FOTO 63 – Serenatas na casa de Zé Carlos, arquivo pessoal.

As serenatas cantadas por Baeta, Zé Carlos e Zezinho também eram a grande diversão desse povo simples, que ao som da viola e do luar conversavam sobre a sua vida e suas histórias.

Outro fato curioso foi a criação da rádio comunitária de Erisvaldo, filho de Margara, que depois de muito labutar conseguiu um sinal de rádio de forma clandestina e criou a rádio, que tinha até ouvintes. A programação seguia com as notícias da rua até as músicas cantadas por Baeta e Zé Carlos, essa rádio lhe rendeu o apelido de Sonzão, que ele carrega até hoje.

Dessa forma, percebemos que a Rua do Campo além de ser um espaço de



FOTO 64 – Criação de borregos enfeitados – arquivo pessoal

união de pessoas, e sobretudo, de união de família, era um espaço coletivo e também educativo, por meio das ações comunitárias de esporte, cultura e lazer.

A educação nesse entorno acontecia dentro dos espaços formais e comunitários, no qual as crianças e jovens sempre eram incentivados a participar dos diálogos e das ações realizadas pelas famílias.

As crianças tinham que respeitar os mais velhos. As brincadeiras eram combinadas, cada dia ia brincar de uma, a gente fazia reunião desde criança para organizar quais as brincadeiras que a gente ia ter na semana. Isso desde a minha época, e as crianças do tempo dos meus filhos era a mesma coisa. Tinha muita competição de saco, de roda, de sorteio, de apresentação de teatro, apresentação de gincana. As crianças mesmo que organizava as coisas, até concurso de roupa tinha, de dança, de tudo. Não tinha separação de menino e de menina, as brincadeiras era tudo junto mesmo, hoje é que tudo cheio de frescura e moda, mas antigamente a brincadeira de um era a mesma do outro.
– Zilda, entrevista 2020.

Não era um lugar de crítica, uns com os outros. Uma moradia dessa não tem o que falar, as famílias se combina, o que um precisar de um ao outro tá rente para ajudar. A educação que eu recebi na rua do campo foi boa, tinha um pai muito bom e a irmandade da gente era muito boa. A gente convivia com o que Deus nos dava e com o suor nos dava, a gente tinha muita amizade, Preta era minha melhor amiga, a gente sempre foi unida. Flora colocou uma portinha e sempre ia olhar se a gente tava embrulhada. Preta foi igual uma irmã e ainda é, mesmo ela ausente. – Margara, entrevista 2020.

A Rua do Campo sempre foi uma única família, o respeito do pai e da mãe prevalece, minha avó era como minha mãe, tia Margara a gente respeito como mãe, tia Zilda a gente respeitou como mãe. A casa de vovô Zú sempre foi nossa casa. Aqui não existia famílias, existia sempre uma família. Nós sempre fomos muito unidos... é uma referência muito grande muito é por esse motivo que eu



FOTO 65 – A busca dos umbus nas roças, arquivo pessoal.

voltei para o interior, para que meus filhos vivam isso também. – Sidna, entrevista 2020.

A nossa rua sempre foi uma rua mãe, a gente sempre tinha três casas como referência: a casa de tia Fia (Flora), que era a casa de todas coisas, a casa de

mainha, por eu ser sempre essa pessoa de proporcionar algo de bom na vida das crianças e dos adolescentes, tem a casa de vô Zú, que era a casa do encontro, de fazer amiga secreta, quebra pote, era amiga secreta de doces... isso tudo foi proporcionado pela educação que a gente recebeu nesse espaço, nossos pais proporcionando e nossa família também. – Keu, entrevista 2020.

Um momento marcante para todos era a caçada do Licuri e dos Umbus, principalmente no início do ano. Momento esse que reuniam-se mulheres, crianças e alguns homens da comunidade que entravam Caatinga a dentro em busca dos melhores cachos de Licuri e dos melhores umbus para realizar o momento de partilha nas Rodas de Licuri que aconteciam nos terreiros ou no redondo.



FOTO 66 – Roda de licuri – Arquivo pessoal, 2015

Esse momento de reunião coletiva deu vida a grandes histórias e várias aventuras.

Ir buscar Licuri era um evento, a gente tinha toda uma preparação, programava de ir buscar, marcava o dia, ia lá tirar, depois de tá tudo pronto cada um era responsável pela sua pedrinha, de quebrar seu Licuri, de guardar

a sujeito e principalmente de não se machucar. Então tinha meio que uma autonomia para as crianças. Tinha a questão do compartilhamento e aprender a não ser egoísta. Então esses aprendizados que a gente tinha no Subaé, são coisas que agregam traços da nossa personalidade que são impagáveis para gente. – Kauany, entrevista 2020.

O Licuri para todos nós, era mais um momento de partilha, de buscar e dividir com todos o lanche da tarde. (...) e até hoje todo mundo procura o Licuri, quando a gente chega aqui na roça a primeira coisa que eu procuro aqui na casa de tia Zilda é o Licuri e as comidas da roça. – Sidna, entrevista 2020.

Nós íamos fazer as plantações e víamos os Licuri e aí tinha a ideia para levar as crianças. Pegava os Licuri secos e fazia de cocada, de colar, que as crianças mesmo fazia os colares para usar no pescoço. (...) a gente ia buscar todo mundo junto, despencava cantando em roda e depois juntava em roda para quebrar e conversar. Tantos dias que eu cozinhava na escola mesmo e comia com as crianças na merenda. – Zilda Santiago, entrevista 2020.

Eu amava tirar Licuri, gosto até hoje. Sempre que íamos tirar era uma diversão, pulávamos cerca, fazíamos piquenique na roça que estávamos tirando e sempre tinha muitos animais a volta, como cabras e bois. O Licuri era sempre tirado nas férias e sempre esperava ansiosa por chegar logo, já que eu gostava muito. – Gaby, entrevista 2020.

(...)era momentos de muita conversa, risos, as vezes falávamos coisas sérias, mas a maioria do tempo era só diversão, o valor de ter famílias e amigos, uma grande aventura entrar nas roças e sair correndo, pois, o dono chegava e não gostava de ver tirar os Licuris ou correr de boi brabo tanto nas roças como nas estradas. – Si, entrevista 2020.

Eu fui uma pessoa incentivadora de muitas coisas, eu casei e tive dois filhos e no mundo que nós vivemos hoje estávamos percebendo que perdíamos muitas coisas. Então eu pensei em proporcionar as crianças da minha comunidade, hoje já adolescentes e adultos, e mostrar para eles como se vive

uma infância, e uma infância na roça. Com isso, a gente passou a fazer as rodas de Licuri, para não se perder mesmo a cultura, idas em outras comunidades andando e conhecendo os lugares, pegar umbu... – Keu, entrevista 2020.

As trovoadas de verão sempre trouxeram muita alegria para o povo do campo, além de dar vida as plantações de milho e feijão da roça, traziam grandes cheias para os tanques.



FOTO 67 e 68 – Nados nos tanques, arquivo pessoal

Nesses momentos os banhos na cacimba divertiam as crianças, jovens e adultos. Que juntos aproveitavam a manhã pescando e mergulhando nos tanques cheios de água da chuva.

(...) na cacimba, um tanque que tem aqui, tinha um sangrador que era do lado do tanque e quando tava cheio ele enchia e parecia um rio forte e virava uma escorregadora. Ai a gente descia escorregando, quem sabia nadar se virava, mas quem não sabia a gente fazia uma barreira e pegava. Mas tinha umas boias de litro de guaraná que a gente amarrava na cintura das crianças, foi assim que todo mundo aprendeu a nadar aqui. Até de pneu de carro e de bicicleta a gente fazia as boias. As crianças e os adultos, tudo junto. Oh tempo bom... me deu uma vontade esses dias. Eu lembrei das manzá que pegava nas pernas e a gente só conseguia tirar com velame da roça. Tenho pena dos meninos de hoje que não sabe o que é isso. – Zilda, entrevista 2020.

A gente tinha Zilda como referência, Zilda carregava a gente para tudo... e eu segui isso dela, levava as crianças para tudo quanto é lugar. E nessa época

de chuva, começava a trovoada Zilda já saia gritando ‘bora todo mundo tomar banho de tanque’ e a gente ia pisando em levada, pulando nas grotas e nos sangradores. Ela fazia uma barreira de pessoas para não deixar a gente ser levada pela água. Até hoje eu lembro que na nossa época as boias eram de cabaças mulungu, que na época não tinha vaso de guaraná como tem hoje. – Keu, entrevista 2020.

Minha primeira memória ao lembrar do nado de tanque é uma cena que minha avó ensinou a gente a fazer uma boia de garrafa PET e a gente foi pro Tanque de meu avó nadar, e foi muito engraçado... todo mundo ia, era um evento como se fosse ir pro parque aquático do Subaé, a gente pescava, era o turismo do Subaé. – Kauany, entrevista 2020.

Na Rua do Campo as mulheres reunidas e resistentes cuidaram de muitas crianças, que educadas de forma comunitária se consideravam não apenas primas, mas irmãs e irmãos. E foi nessa construção comunitária que muitas mulheres e meninas conheceram e aprenderam sobre conceitos e valores importante para a vida em comunidade.



FOTOS 69 e 70 – Festival das crianças, arquivo pessoal



Capítulo 4

QUEBRA-HISTÓRIA-QUEBRA: O LICURI ALIMENTANDO GERAÇÕES

Fundo de casa, as 6 horas da manhã, o galo começava a cantar e os passos descompassados a ficarem mais intensos. Iniciava-se a **preparação**. Pega o carro de mão, a foice e o facão. Pega o aió, uma bolacha de água e sal e o litro de água. É hora de acordar as crianças.

As 6 horas e 20 minutos da manhã, os gritos e gargalhadas se misturam nos fundos das casas: “*adianta... para o sol não ficar forte*”. É a hora da caçada. De dez, quinze ou vinte pessoas. Mulheres, homens e crianças, com um único

objetivo: Buscar na Caatinga o lanche da tarde. Ao mesmo tempo todas as frentes da casa enchiam-se de gente, com seus instrumentos de trabalho e sorrisos no rosto.

O caminho era longo e repleto de armadilhas: cercas de arame farpados, vacas, bois e cabras ariscos, cansação, os espinhos, as pedras, as subidas e as decidas com os baldes na cabeça, nada parava aquele povo, que tinha o mesmo desejo: a **busca** pelo Licuri.



FOTOS 71 – Keu e as crianças indo buscar Licuri, arquivo pessoal



FOTOS 72 – O caminho do Licuri, arquivo pessoal



FOTO 73 – A alegria do encontro, arquivo pessoal.

Ao encontrar os coqueiros na roça iniciava-se a seleção, as crianças cuidavam de catar o Licuri seco e o maduro do chão e separa-los em baldes diferentes, já os adultos selecionavam os melhores cachos e iniciavam a colheita utilizando o facão e foice.

Após catar os frutos, a segunda fase da aventura era buscar um pé de umbu no meio da roça. O momento mais esperado, pois durante a colheita e seleção do fruto a merenda coletiva acontecia.



FOTOS 74 e 75 – Transportando o licuri, arquivo pessoal

O mais importante desse momento aparentemente simples, não era a colheita do alimento, mas sim a partilha. A reciprocidade. O contato com a terra. Os vínculos estabelecidos entre as gerações.

Durante o percurso, além do suor e da fadiga, nas histórias contadas das gerações antepassadas as crianças aprendiam sobre a autonomia e encorajamento, seja no subir do pé de Umbu ou na carreira da Vaca braba.



FOTOS 76 e 77 – Cozimento do Licuri no fundo da casa. Kelly Santiago, 2020

Ao retornar carregados de cachos e centenas de coquinhos, era iniciada a fase da **despenca** dos cachos para o cozimento dos frutos. Enquanto as crianças menores arrancavam fruto por fruto dos cachos, os maiores, com o auxílio dos adultos preparavam a fogueira com os troncos de lenha arrancados na roça para iniciar o **cozimento**.

Assim que as chamas eram acesas e a despenca acabava, cada criança deslocava-se para a sua casa para almoçar e retornavam no horário do lanche para degustar o Licuri.

O horário marcado no relógio indicava as 3 da tarde. Mas todos saiam um pouco antes para buscar suas pedras roliças, sua esteira e seu vasinho para guardar os coquinhos e comer depois, com açúcar ou com farinha.



FOTOS 78 e 79 – a quebra na frente das casas, arquivo pessoal

O momento da **quebra** era o mais esperado.

Crianças e mulheres chegavam aos poucos na sombra de árvore escolhida, normalmente na frente da casa de Margara, no redondo ou ao lado da casa de Flora.

Aos poucos o local se enchia de gargalhadas, ‘toc-toc’ de pedras ao encontro das amêndoas e de palavrões após dedos amassados.

Muitos eram os assuntos discutidos em roda, desde a educação das crianças, onde as mães relatavam suas estratégias para a educação doméstica dos filhos ou discutiam sobre alguma atividade que foi passada pela escola, até a organização política da comunidade: quem deveria assumir a prefeitura do município ou qual neto/neta de Flora deveria se candidatar a vereador/a.

Um dos momentos mais esperados pelas crianças eram as histórias antigas sobre o Subaé e a sua construção, as lendas místicas da casa de farinha e os porquês das coisas: Por quê vovô Zú teve tantos filhos? Por quê o nome da escola é Marília Queiroz? Por quê o lobisomem nunca foi pego? Porque o redondo é redondo? Por quê ... por quê... por quê ...

Dentro desse processo cíclico de aprendizado e educação, as crianças iam construindo suas identidades e fortalecendo suas raízes. Conhecendo a história de seu povo e desenvolvendo sua autonomia. Nesse espaço coletivo as mulheres e as crianças fortaleceram sua atuação política e de luta por espaço e por voz dentro da comunidade!

Era o maior divertimento para gente e para nossas crianças. Panhava o Licuri na roça, cozinhava, quebrava, cada quem procurava sua pedrinha, para quebra e comer. Então era o divertimento e era a coisa mais interessante que tinha. – Entrevista oral com Flora, 2020.



FOTO 80 – Licurizeiro, arquivo pessoal

O Licuri, também conhecido como coquinho da Caatinga. Nosso fruto pequeno e precioso de umapalmeira imponente que se destaca na vegetação árida. O fruto normalmente

consumido cozido, seco ou maduro, carrega consigo além do sabor marcante e muito gostoso, a simbologia da força e da garra do povo da caatinga.



FOTOS 81 – a quebra na frente das casas, arquivo pessoal

A planta que carrega o licuri tem características muito particulares, folhas grandes que lembram as pindobas de um coqueiro distribuídas no topo do tronco.

As flores amarelas reúnem-se em cachos que se formam embaixo de conchas de proteção.



FOTO 82 A Flor do licuri, Kelly Santiago, 2020

Da concha da flor nasce o fruto, que possui características diferentes a depender da sua maturação. Quando verde possui dentro da sua amêndoa uma textura mais líquida e cremosa, e vai se tornando mais sólido e seco no decorrer de seu amadurecimento. Quando está maduro demais, tem uma coloração alaranjada, e possui uma polpa visguenta e adocicada. Com o tempo os frutos caem e secam, para dar início a um novo ciclo.

Os Licuris secos a gente pegava do chão, quebrava e fazia colar ou cocada. Os maduros chupava na roça mesmo, pense que era gostoso. E os cozidos a gente quebrava todo mundo junto, comia com açúcar e com farinha. Fazia doce e geladinho. – Zilda Santiago, entrevista 2020.

Para o povo do campo o Licuri tem um significado forte, para além do alimento as barrigas famintas, esse fruto dá gosto e vida as histórias e caminhos seguidos por uma comunidade.



FOTO 83 Pé de Licuri -, Kelly Santiago, 2020

O Licuri significa para mim um momento de resenha, porque os meninos pequenos iam com a gente e aprendia as coisas da roça. Na roda a gente conversava sobre as coisas da vida com as mulheres, todo mundo cozinhava os Licuris e dividia. Até hoje a gente faz isso. Dividindo as coisas. Era a sobremesa de nosso tempo. (...)A gente falava era de muita coisa. Até de política, tia fia (Flora) sempre tava no meio, fazendo as propaganda e dizendo em quem era melhor votar, e como ia ajudar na comunidade. A gente aprendeu sobre muita coisa nessas rodas. – Zilda Santiago, entrevista 2020.

– Zilda Santiago, entrevista 2020.

A gente conversava sobre muita coisa, os namorados, quem gostava de quem, meio mundo de farrá, organizava as torcidas com vovó e tia Zilda. Eu lembro pouco... mas me lembro muito de vovó fazendo política enquanto a gente comia e resenhava. – Sidna, 2020.

Tia Keu sempre contava as histórias de antigamente, falava sempre que tirar Licuri sempre foi uma tradição e que ela gosta de manter até hoje. Outras pessoas contavam também as experiências que tiveram nas roças antes da gente nascer. E assim era nosso piquenique de Licuri. – Gaby, 2020.

Na verdade, a gente jogava conversava fora e dar risada com minha família. Eu percebia que tinha umas conversas de coisa séria também, mas como era muito pequena, eu sempre tava focada em comer o Licuri e não me machucar. – Kauany, 2020.

A gente conversava sobre tudo nas rodas, sobre suas histórias, suas angustias, o que era bom ou ruim para Subaé. Todo mundo queria tá junto mesmo e conversando, era nosso momento de união dentro da rua. A gente conversa saudavelmente, mesmo que uns não concordasse com as coisas que tavam sendo ditas. – Keu, 2020.

Nossos primeiros contatos com o Licuri foram dentro da barriga de nossas mães, mulheres que resistiram dentro do contexto semiárido à fome, a labuta diária do campo e o enfretamento as correntes da sociedade patriarcal.

Quando crianças já éramos inseridas nas caminhadas até a roça para buscar o fruto, esse momento carregava consigo um significado muito forte que permeia a nossa vida até hoje.

O contato com a terra, o peso da sacola ou do carrinho de mão, a seleção do fruto para o cozimento no fundo da casa da avó, da tia ou da mãe, nos ligava de forma muito materna as nossas raízes.

A gente levava as crianças ou no carro de mão ou nos jegues, dentro dos cassuás, colocava uns 3 menino dentro de cada cassuá. Levava até 7 meninos nos jegues, e os pais ou mães puxando para não desembestar. Levava para roça para ajudar mesmo, os menores a gente levava até rede para armar e colocar para dormir, mas os maiores já ajudava. As vezes a gente cozinhava até na roça, quando era tempo de fazer plantação. Fazia caça na roça, comia piaba, preá, tatu. A gente plantava era muita tarefa de terra e não tinha como ficar voltando em casa. Ai os Licuri era os lanche dos meninos, tinha muito na roça, então fazia a fogueira lá mesmo e cozinhava para comer. – Zilda Santiago, entrevista 2020.

Esse espaço formativo e educativo contribuiu muito para a construção das nossas identidades, e sobretudo do nosso amor pelo campo e pelo Subaé. Nas rodas de Licuri as crianças, atentamente ouviam as mulheres, enquanto se deliciavam com o coquinho saboroso que saía do Licuri. As mulheres, entre um riso nostálgico e outro, contavam suas aventuras, estripulias e delicias da infância na roça.



Foto: Mallu, filha de Sidna e seu Avô, 2018

Capítulo 5

O NOSSO SER-TÃO SUBAÉ – MUITAS HISTÓRIAS PARA CONTAR.

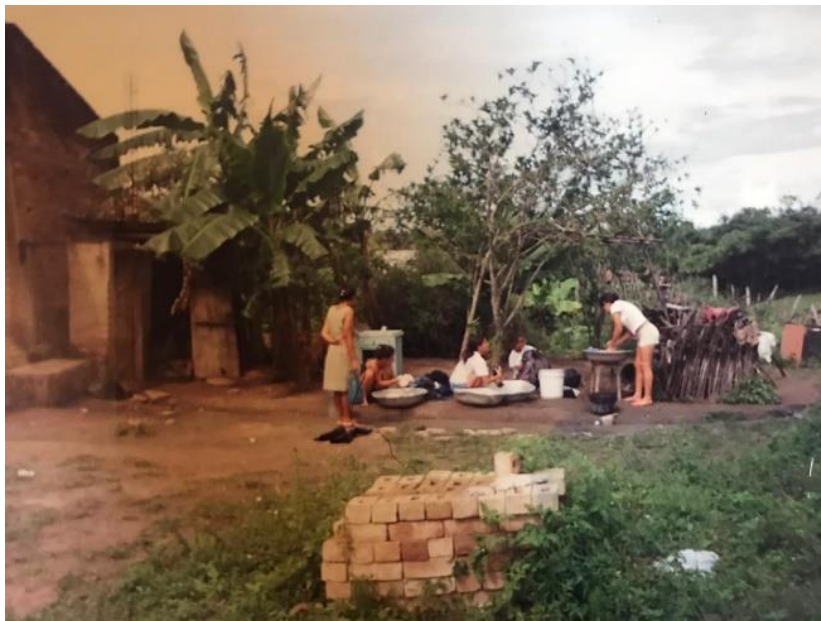


FOTO 84 Lavando roupas no fundo da casa – arquivo pessoal

O nosso Subaé tem muito mais histórias para contar, além dessas poucas páginas escritas aqui. Mas, de todas as histórias contadas e recontadas por tantas gerações, umas das mais significativas no caminho dessa comunidade é a história da matriarca. A líder política mais *retada* que a comunidade de Subaé já conheceu. Franzina, brigona e forte: Dona Flora ensinou muita gente o que é política e o que a luta pela construção de direitos.



FOTO 85 e 86 – Flora discutindo política, arquivo pessoal

Quem me ensinou a fazer política foi a minha cabeça, a minha vontade de tá no mundo ajudando o povo, sem interesse de nada, só de ajudar. Mas como eu gosto de fazer política eu fiz, enquanto eu aguentei fazer eu fiz, quando eu não aguentei mais eu entreguei para as amigas e os amigos. – Flora, entrevista 2020.

Flora para mim era uma mãe. Ela foi uma pessoa muito boa, ajudou a gente a correr atrás de trabalho. Graças a ela a gente é tudo dona de nosso nariz. – Zilda Santiago, entrevista 2020.

Ela é um grande exemplo de resistência na comunidade, em que seu posicionamento sempre esteve presente, eu sempre vi vovó Flora como uma pessoa acolhedora, era rotina chegar na casa dela e pegar um pirulito que ela oferecia, sempre com carinho, ela é a comprovação que a educação vai muito mais além da nossa base escolar formal, suas habilidades comunicativas ocasionaram diversas ações em tal contexto, uma inspiração de mulher. – Kauany, entrevista 2020.

Flora foi e ainda é para todo mundo uma pessoa muito dedicada, apoiava a gente em tudo. O que ela ia fazer, ela pedia a papai para gente ir. A gente tinha Flora para um tudo na vida, de cunhada, de mãe, irmã, ela é tudo na minha vida. Me ensinou as coisas da vida, levou a gente para conhecer as coisas do mundo. Ela fez parte da nossa vida, nos ensinando o que era bom o que não era bom. Ela foi uma mulher forte, em tudo ela tava rente, um jogo quando tinha, ela que organizava. – Margara Santiago, entrevista 2020.

Vovó me ensinou a ser gente. Tudo que eu aprendi sobre valores foi com minha avó. Era ela que me levava para os jogos de futebol, conversava comigo sobre a vida... ela era a maior referência de toda a minha vida, como mulher e como pessoa. Até quando eu fui embora ela conversou comigo e deu o parecer dela antes de eu ir. – Sidna, entrevista 2020.

Tia Fia sempre nos ensinou que devemos lutar pelos nossos ideais e defender o que acreditamos. – Si, entrevista 2020.

Tia Fia sempre foi aquela pessoa que era referência para todo mundo da comunidade, desde a minha mãe e da infância dela, até a gente. Ela sempre foi aquela mulher disposta, aquela mulher que queria proporcionar o bem para todos, e procurava proporcionar jogos, campeonatos, eventos, isso tudo para ver nosso lugar movimentar e crescer, ter história, como tem! (...) ela foi uma grande incentivadora para que nós mulheres nos sentíssemos inseridas dentro da sociedade. Por ser mulher, dona de casa, mãe de família, esposa, isso nunca impediu dela se inserir no meio social, no esporte, ter a opinião própria dela e em diversos espaços que ela ocupava aqui na comunidade. Ela que ensinou as pessoas aqui a ler e escrever, passou o que ela sabia para todo mundo. Ela foi a mulher de maior referência da nossa vida! – Keu, entrevista 2020.

O posicionamento político da comunidade de modo geral passava antes pelas mãos e pela mente de Dona Flora, foi ela que direcionou as mulheres a acessar seus primeiros documentos de identificação (Identidade, CPF e título de eleitor), batalhou pela construção da primeira escola, pelo acesso a saúde, pelo direito a lazer com os campeonatos de futebol, e incentivou tantas meninas e buscarem através da EDUCAÇÃO voar mundo a fora.

Sem dúvidas, Flora teve forte influência em vida, e continuará sendo grande referência de feminismo, luta coletiva e bem-comum para muitas outras mulheres.

As mulheres do Subaé sempre tiveram uma postura imponente, donas de si e de seus narizes, voaram, voltaram, aninharam-se, construíram família e não perderam a sua essência mandona.

Eu acho que a mulher tem que ser independente. Se ficar dependendo dos maridos dar dinheiro a gente nunca ia ter nada. A gente sempre caçou o que fazer, ia para roça rancar pindoba para vender e ganhar dinheiro, fazendo esteira, tapete, bizaco. Eu acho que a mulher que vive na asa do marido só sofre. Por isso que tem que trabalhar, porque quando você tem seu dinheiro, você pode arrumar as coisas e se não der certo no casamento, você não precisa ficar obrigada, sofrendo. (...) aqui em casa as coisas de tarefas de casa é tudo dividido, eu trabalhava o dia todo e ele trabalhava na roça. Então quem

chegava primeiro tinha que fazer as coisas e cuidar dos meninos. – Zilda Santiago, entrevista 2020.

O nosso papel na sociedade é ser corajosa, responsável, direita, honesta, é impor o seu respeito como mulher, que não dá o seu braço a torcer a nada, respeitando sua personalidade. Ter o seu direito de ir e vir, sem medo de nada! É ser independente mesmo. Não se abater, não se dar o luxo dos homens mandarem ou desmandarem nela. Hoje eu sou casada, sou mãe e tenho a minha independência. Não tem emprego formal, mas sempre batalhei para ter as minhas coisas sem depender de ninguém. Sempre fiz minhas coisas, nunca dependi de marido, sempre coordenei as coisas de casa em tudo. Sempre fui disposta e guerreira, sempre ajudei os outros. E nunca me senti diferente de homem nenhum. A única diferença que eu vejo, no meu caso, é só a força física. Porquê das outras coisas eu me vejo igual. – Keu, entrevista 2020.

Não acredito que exista um conceito de “papel” que seja atribuído a mulher, já que todas nós temos o direito que estar em qualquer ambiente que quisermos adentrar, porém, sabemos que a prática não é bem assim, o empenho feminino é inferiorizado, infelizmente, oriundo de construções históricas. As leis podem até afirmar que os direitos são iguais, mas a aplicação apenas se concretiza com a mudança da mentalidade machista presente. – Kauany, entrevista 2020.

São essas mulheres que coletivamente construíram estratégias de encorajamento e de transformação da comunidade.

São essas mulheres que conquistaram seu espaço no grito, na força e na garra, batalhando para dar sempre o melhor para sua família e sua comunidade.

São essas mulheres que caminharam descalças nos trajetos até a Caatinga em busca de alimento para barriga e para a alma de suas crianças.

São essas mulheres que educam no coletivo as crianças que continuaram e continuarão dando voz as histórias do Subaé.

Crescer dentro de um contexto onde as mulheres possuíam vez e voz, tinham participação ativa dentro dos espaços de decisão e construíam estratégias para o desenvolvimento da comunidade, sem ao mesmo conhecer os conceitos e

as lutas feministas, contribuiu de forma significativa para a minha construção identitária enquanto mulher, feminista e da roça.

Para tanto, essas relações estabelecidas não apenas dentro dos espaços privados e de cuidados, mas sobretudo nos espaços públicos, que em muitos lugares não era (e não é) permitido a participação de mulheres, nos incentivou, meninas e mulheres do Subaé, a ocuparem cada vez mais espaços de resistências e engrossarem seu cangote na vida.

Podemos perceber que as relações de gênero estabelecidas na comunidade de Subaé, passaram a ser fortalecidas com a chegada de Flora - tia Fia. Uma mulher com uma infância marcada pelo patriarcado e a violência do machismo de seu pai, Flora encontrou no casamento a libertação para escrever sua história e incentivar outras tantas meninas-mulheres da roça a viver o mesmo. Construiu um legado de respeito dentro da política, da educação, do esporte e dos movimentos sociais.

As visões das mulheres coautoras desse livro sempre referenciam a forma como Flora se posicionava e como ela contribuiu para o encorajamento e a força das mulheres, em busca de autonomia, identidade e sobretudo dos seus próprios sonhos.

Essas estratégias de vida eram dialogadas e compartilhadas durante os encontros das mulheres, que aconteciam principalmente a tarde, sentadas em roda e comendo Licuri.

Foi na roda de Licuri, com as histórias da minha avó (Flora Gomes) que aprendi o significado de fazer política, considerando sempre a visão coletiva e não individual. E não a política da politicagem. A política da estratégia de luta por direitos coletivos.

A política é uma coisa que a gente não sabe dizer o que é bom deles, ou o que não é. De antigamente a gente conseguiu muitos direitos, água, energia. Tia fia era uma pessoa bem influente na política, eu aprendi muita coisa com ela. Agradeço muito a ela, por ter lutado pelos nossos direitos. De ter trabalho. – Margara Santiago, entrevista 2020.

A política aqui era tratada para resolver as coisas da comunidade, se tava precisando de alguma coisa, a gente falava com Flora e ela ia atrás de

quem resolver. Era uma coisa de estratégia mesmo, de ver o que a gente precisava e ver quem podia ajudar. – Zilda, entrevista 2020.

Política para mim tem um valor mais social, em nossas relações e debates, como tornar um espaço democrático e político e o uso da ética, por exemplo. Estou ainda aprendendo sobre o tema, e lendo sobre, mas eu me inspiro muito no meu pai e sua habilidade em se comunicar além da empatia que herdei da minha mãe com o fato dela sempre se colocar no lugar do outro, passei a admirar ainda mais vovó Flora conhecendo sua história e tudo que ela construiu na comunidade. – Kauany, entrevista 2020.

Foi na roda de Licuri, com as histórias de minha mãe (Maria Zilda) que aprendi sobre a educação da roça e do campo. Os aprendizados matemáticos de contagem e a poesia da escrita embaixo de uma árvore.

A gente ensinava as coisas as crianças nas roças, usando as coisas que tinha, fazia problema de matemática contando quantos Licuris que tinha no cacho e pedia para eles ir diminuindo e aprendendo sobre as coisas. Escrevia sobre o que tinha acontecido. Fazia igual a redação da faculdade, sobre as coisas da roça e do campo. E as crianças aprendiam assim, hoje tão aí tudo formado já de faculdade com os aprendizados para roça. E hoje eu vejo que a maioria só faz coisa dentro da sala e não ensina as crianças o que é a vida. (...). As crianças precisam conhecer as histórias da roça, não pode deixar isso acabar. Hoje se chama uma criança para ir na roça não quer ir, tem medo de se furar. Acho um absurdo isso. A escola tem que trabalhar com essas coisas também. – Zilda Santiago, entrevista 2020.

Foi na roda de Licuri, que aprendi sobre as estratégias femininas de enfrentamento ao contexto machismo e de gritos de liberdade. De liberdade de ser quem a gente é, e de assumir os nossos lugares de direito.

Ter sua liberdade. Ter seus direitos. Ser dona do seu nariz e da sua vida. Hoje as mulheres já têm mais liberdade, antes para gente sair só era uma luta. Mas comigo nunca teve essa, eu sempre trabalhei e sai sozinha, e meu pai

mesmo falava, que eu tinha que ter meu espaço e meu dinheiro e não deixar que ninguém me desrespeitasse. – Zilda Santiago, entrevista 2020.

A mulher que trabalhava na roça, cuidava dos filhos, viveu. Ser mãe, ser esposa, trabalhar. A mulher hoje tá sendo igual ao homem, antigamente não era assim, a mulher era submissa. Hoje tá diferente, graças a Deus, tem mulher que é vereadora, tem médica, trabalha, faz o que homem faz. Tem homem que acha que é melhor que as mulheres, mas não é isso, hoje tá sendo tudo partes iguais. – Margara Santiago, entrevista 2020.

Foi na roda de Licuri que descobri o meu lugar no mundo, as minhas raízes e minha chama ardente de luta pela construção de um campo mais justo e solidário.

Aprendi muita coisa, sobre convivência. Sem briga, com palavras que não desrespeitava. E principalmente a união. Cada um respeitando o direito e a palavra do outro. – Zilda Santiago, entrevista 2020.

O Licuri para mim foi uma aprendizagem. E foi crescendo, e através do Licuri a gente aprendeu o quanto é bom ter amizade. Foi uma coisa que eu já tinha dentro de mim, eu já gostava muito de acolher o pessoal. A gente aprender mais um pouco sobre o que a gente não sabia. – Margara Santiago, entrevista 2020.

Eu aprendi que a vida deve ser compartilhada entre pessoas, se eu tenho a oportunidade de proporcionar o bem-estar de alguém, de mostrar aquela pessoa o que ela não conhece o que ela não tem, o que ela não viveu ainda, eu vou proporcionar esse bem. Então para mim, foi muito gratificante essa época e até hoje a gente faz isso. Quer dizer que nessa roda de Licuri ficou essa ligação, esse elo de amizade. A gente aprende com todos, e acaba aprendendo com criança também. Porque todo mundo tem alguma coisa para ensinar. (...) na verdade, Zilda foi quem proporcionou tudo isso, e eu peguei esse legado dela para dar continuidade, porque com ela era o início das aventuras... foi uma grande referência para gente também. – Keu, entrevista 2020.

Será dentro da roda de Licuri que ensinarei as minhas crias, minhas próximas gerações sobre o mundo, as dores e as delícias de ser da roça e do campo, e a importância de manter sempre viva as memórias das nossas antepassadas. Conhecer essas vivências contribuirá para a construção da identidade das nossas crianças, e a continuidade do legado político do Subaé.



Foto: Levi, filho de Sidna brincando na roça , 2019

Capítulo 6

AS SEMENTINHAS DE LICURI – A CONTINUAÇÃO DA NOSSA HISTÓRIA.



FOTO 87 Flora e suas netas e bisnetos, arquivo pessoal, 2019

O contexto do mundo dói, rasga a alma, entristece e dá medo. O contexto político do Brasil não tem pena do pobre, não respeita as mulheres, não ouve as nossas histórias e invalida a nossa luta. Um governo fascista, elitista, xenofóbico, machista, genocida e tantos outros adjetivos, que vem pregando uma proposta que desrespeita as construções educativas de tantos povos, e sobretudo das mulheres da roça.

O nosso combustível de luta vem da esperança. Esperança de dias melhores. Esperança nas novas gerações.

A nossa esperança vem das crianças e das sementinhas de Licuri plantadas nos ventres das mulheres da minha comunidade. Os nossos nenéns... a chama da nossa luta. As nossas crianças trazem consigo a resistência do nosso



FOTO 88 Malu e Levi, filhos de Sidna – arquivo pessoal, 2020

legado. Educá-las dentro das rodas de Licuri e das manifestações culturais e coletivas das nossas roças, é contribuir para o enfrentamento a esse contexto político tão desonesto..



FOTO 89 - Apresentando o nosso lugar no mundo ao meu filho, Kauany Santiago, 2020

mulheres e das crianças, as manifestações culturais e de vida que acontecem dentro desse espaço.

Para tanto, é necessário que a Universidade, a educação formal, o elitismo acadêmico abra suas portas e dispa-se de suas vaidades para que essas histórias sejam contadas, para as crianças, para os adolescentes e para os adultos.

Considerar esse contexto e permitir que essas histórias sejam escritas é aflorar em tantas outras mulheres o desejo de buscar, lutar e resistir para a construção de uma Educação do Campo que contribua para a disseminação desse conhecimento.

É um direito nosso conhecer a história do nosso povo.

É um direito nosso valorizar a nossa cultura.

É um direito nosso que a universidade e a produção científica relate, publique e considere que os saberes e fazeres da roça também são educação.

Contribuir para essa construção através da Educação do Campo é (re)significar a roça, as produções identárias das



FOTO 90 - Flora conhecendo seus últimos bisnetos. Arquivo pessoal, 2020

Esse pedacinho de chão, ora esquecido, ora envaidecido pela sociedade, sobretudo, pelo poder público, foi e ainda é, um espaço de construção de saberes e fazeres que permitem a continuidade do legado de um povo, sobretudo das mulheres.

Desse modo, é importante refletir que, as mulheres co-autoras desse livro em sua maioria são mães – e como eu, recontaram a sua história a partir desse lugar, percebendo as suas crianças como peças fundamentais para o presente e o futuro da nossa comunidade.

Construíram conceitos próprios de luta feminista, de percepção das relações de gênero e de enfrentamento ao contexto machista e patriarcal do campo, no qual para as mulheres o espaço invisível do lar e dos cuidados sempre foi lhes atribuído.

Mesmo ocupando os espaços públicos e tendo consciência da sua importância para a educação, transformação e luta da comunidade, as mulheres do Subaé tiveram a sua história marcada pela sobrecarga de trabalho doméstico, da roça e a representação social, entretanto, na educação das suas crianças e das suas meninas, esses conceitos foram sendo desconstruídos e assim, a maioria das meninas que acompanharam as andanças de Flora, de Margara e de Zilda, voaram e conheceram novos rumos, questionando, brigando e demarcando seu lugar de direito dentro da sociedade.



FOTO 91 Identidade tatuada na pele, Kauany Santiago, 2020

São para essas mulheres, mães, políticas, trabalhadoras, educadoras, roceiras, lutadoras e resilientes, que historicamente foram silenciadas pelas letras e pelos livros, que escrevemos essas histórias, para que as

nossas sementinhas as conheçam e também as vivenciem. Como forma de resistência política do meu povo e das nossas identidades enquanto povo da roça, da Agricultura Familiar, que por vezes foi deixada de lado nas discussões dentro da própria Educação do Campo.



A CHEGADA, A PARTIDA... E SEUS ENSINAMENTOS

Após a escrita desse livro popular dois grandes eventos
marcaram a minha vida, e não poderia finalizar esse
produto sem relatá-los.

A chegada e partida. O nascimento e a morte.

As mulheres são sinônimo de força.

As mulheres são combustíveis da luta.

As mulheres, com todas as suas singularidades, são
capazes de transformar a dor em poesia.

A chegada e a partida nos ensinam tantas coisas ...

A CHEGADA DA MINHA PEQUENA E FORTE PEDRA: RELATO DO NASCIMENTO DE ARTHUR PIETRO.

“Ouvir o tempo não é coisa para qualquer ouvido, nem qualquer coração, porque o tempo é ancestral”. – Kiki Givigi, 2020

Os caminhos e descaminhos do gestar uma criança em plena pandemia mundial, sem as certezas que eu precisava ter para conseguir me achar forte o suficiente, nunca foram tão quentes e pedregosos quanto nos últimos dias do mês de Julho 2020.

Trinta e três semanas e três dias, alguns incômodos e uma pilha de pendências para resolver: mestrado, trabalho, uma mudança de casa, o enxoval de um bebê que logo chegaria e algumas questões pessoais, ocuparam a minha manhã inteira do dia vinte e nove de julho.

Minha mãe, sempre muito atenta me lembra que precisava ir ao Postinho de Saúde para minha visita mensal de pré-natal, sem muita disposição após o almoço, pegamos o carro e dirigi por quatro quilômetros, enquanto relatava a ela o que vinha sentindo: muitas dores nas costas no final do dia, alguns corrimentos e contrações de treinamento. Ela muito preocupada alerta-me que poderia estar “quebrando água” (perdendo líquido amniótico) e consequentemente prejudicando o bebê.

Após a consulta médica recebo um relatório que precisava de extremo repouso e a solicitação de um ultrassom, que no dia seguinte me daria uma posição de como estava meu bebê.

No retorno para casa, decidimos passar para receber a benção de Vovó. Entre uma risada e outra ela me alerta: “minha fia, esse negócio aí é para criança nascer... e olhe seu parto não vai ser de água, igual ao de Ariana, vai ser seco. Sonhei isso essa noite. Vá logo amanhã ver”. Conversamos sobre o mestrado e o vídeo que faríamos no qual ela contaria a sua história. Nos despedimos e ela nos acompanhou até a cancela: “se cuide, minha fia”.

Mesmo sem levar muito a sério as palavras das minhas ancestrais, não consegui dormir bem aquela noite, e junto com meu companheiro, no dia trinta de julho, nos direcionamos até a clínica para realizar a ultrassom. E eis que, após a ultrassom foi identificado que, de pouco em pouco, estava perdendo todo o meu líquido amniótico e que, devido a isso, precisaria intervir em um parto prematuro. E dessa forma, precisava ser transferida urgentemente para Feira de Santana.

Mesmo com a notícia inesperada meu coração seguia tranquilo, e ao lado da minha família seguimos para a cidade grande em busca de atendimento. Sem plano de saúde tudo é mais difícil, e após receber algumas “portas na cara” de maternidades particulares fomos para a nossa última e definitiva alternativa, a maternidade pública – o Hospital Estadual da Criança, no qual, fui acolhida e internada.

Posso afirmar, com toda a certeza, que as minhas ancestrais – minha mãe e minha avó, e o Sistema Único de Saúde – SUS, salvaram a minha vida e a vida de Arthur Pietro.

Naquela quinta-feira, trinta de julho de 2020, quando dei as costas para a minha família e entrei sozinha, com meu filho na barriga, em plena pandemia da COVID-19 naquele hospital, tive a certeza que a minha vida mudaria para sempre. E mudou.

O tempo é ancestral e foi com ele que aprendi. Aprendi sobre a paciência, o amor e, sobretudo sobre a FÉ, em Deus e também na mulher forte que eu sempre fui.

Durante os quatro dias de internamento até a chegada de Arthur, experienciei momentos de angústia, e ao mesmo tempo de força. Um momento impar para a construção da minha mulher-mãe. Fui forte por mim, por Arthur e pela minha família. Sabia que ali, naquele espaço de tempo, precisava manter a minha serenidade, pois sabia que era o alicerce para a minha família, e não poderia desmoronar.

Tinha confiança e um coração tranquilo que aquele momento de aprendizado, por mais doloroso que fosse logo passaria.

Tive medo... parir nunca coube em um planejamento pedagógico. Todas as construções empíricas e acadêmicas que me rondavam e rondavam o meu fazer

pedagógico não se encaixavam naquele momento, e eu precisava esperar, e aprender com a espera.

A COVID-19 me assustava, a máscara me sufocava, e em muitas madrugadas as lágrimas escorriam rosto a fora. E eu continuava forte, sendo forte por mim e por toda a minha família.

O celular – e as ligações para a minha família, o banho frio e os pés descalços no banheiro eram um acalento, enquanto cada medicação não fazia efeito, a dor era minha companheira e a dança de Arthur dentro do ventre me dizia que ele precisava nascer.

No dia três de agosto de 2020, completando as trinta e quatro semanas, após uma noite repleta de contrações, fiquei aflita, e por vezes gritei com a equipe médica que meu filho precisava nascer! Que seu tempo havia chegado...

Após o almoço, as quatro e trinta e cinco desci para realizar a ultrassom, e nela foi identificada sofrimento fetal. Meu filho precisava nascer!

E nesse estalo de dedos, às dezessete horas, já me encontrava na sala de parto, nua, sozinha, chorosa e com medo. Avisei a família em tom de brincadeira: “partiu parir!” e anotei o número do meu companheiro no tornozelo. Implorei para que a enfermeira me deixasse com o telefone e que avisasse a minha família se algo me acontecesse.

Arthur esteve sentado (pélvico) desde o início da gestação, e por conta disso, sempre me preparei para uma cesariana. Sabia que precisava ter um tempo sem comer para realizar o procedimento, e naquela segunda-feira eu havia me alimentado no horário do almoço.

De forma rápida a equipe me direcionava para a posição da anestesia, e após informar ao anestesista que havia almoçado aquela tarde, o mesmo levantou-se e recusou continuar com o procedimento, mas a obstetra gesticulando explanava a urgência do parto: “bolsa rota e sofrimento fetal, precisamos operar”. E nesses minutos de angústia eu implorava para que meu filho nascesse. Fui informada que poderia sentir a dor do parto, e isso para mim, naquele momento era o mínimo.

Mesmo aplicando a anestesia⁶ continuei a sentir a minha perna esquerda, mas devido à urgência, o parto foi iniciado. E em meio à dor que senti, a qual é impossível descrever em palavras, o cheiro da pele queimando e as fortes mãos que seguraram meu corpo enquanto gritava, meu filho nascia. Sem ar. E sem choro.

Após as sete camadas de pele serem cortadas, Arthur não saiu... e precisou ser literalmente arrancado de mim. A dor insuportável me fez desmaiar por alguns minutos, e acordei sem meu filho no ventre ou nos braços. Não teve choro, só uma respiração extremamente ofegante. As cinco e cinquenta e cinco da tarde, tão pequeno e tão forte, Artur Pietro veio ao mundo cumprir o seu propósito, e trilhar os seus caminhos.

Arthur nasceu, e eu renasci. Mais forte mais determinada e mais protetora.

Ser mãe de prematuro é aprender sobre o tempo e a paciência. É suportar a ausência no ventre e nos braços. E foi assim que subi para o quarto, e encontrei com meu companheiro, que em meio a lágrimas e sorrisos comemorávamos a sua chegada e orávamos pela sua recuperação.

Ao amanhecer do dia seguinte, assim que soube que poderia ver meu filho no Centro Obstétrico, nada me parou. As dores e a tontura da cesariana desapareceram e eu já estava de pé e pronta para vê-lo.

E foi ali, naquela caixinha, cheio de fios e monitores, que vi meu filho nitidamente pela primeira vez. Eu sabia que ele lutava pela vida e que precisava ainda mais da minha fé e do meu amor. Eu sabia que seu propósito seria cumprido, e que no tempo dele estaríamos todos juntos.

Durante a madrugada do terceiro dia de nascimento de Arthur, uma das noites mais frias da cidade de Feira de Santana, eu corizei e fui isolada com suspeita de Covid. Dentre todos os dias naquela batalha esse foi o mais difícil para mim, pois a partir daquele momento não poderia mais ver o meu filho. Fui colocada cara a cara com todos os meus medos, e continuei precisando ser forte.

Por conta do isolamento não poderia mais ver meu filho e saber do seu boletim diário, e toda essa situação me desestabilizou completamente. Enfrentamos dois dias de batalhas dentro daquele espaço, e conseguimos após

⁶Além da anestesia, recebi anestesia geral e algumas doses de morfina, que me renderam uma coceira insuportável no corpo inteiro no decorrer da noite.

muita luta com o setor de Assistência Social do hospital, que meu companheiro, o pai de Arthur, tivesse a oportunidade de gestar ele dentro na Unidade de Tratamento Semi-Intensivo – UCINCo7 enquanto eu me recuperava e aguardava o resultado do teste de Covid.

Recebi alta da obstetrícia e voltei para o interior onde colheria o teste de Covid – swab, que demoraria longos cinco dias para ter o resultado. Sempre muito ansiosa, decidi colher além do teste “do nariz”, solicitado pelo hospital, um teste rápido de laboratório, antes de encontrar com meus pais e poder abraçar a minha família. E para a nossa surpresa, o teste rápido positivou. Isso significava que poderia ter contaminado meu filho no nascimento e a minha família durante o contato que tivemos com o meu retorno do hospital.

Mesmo sabendo das possíveis falhas desses testes rápidos, decidimos testar toda a família, até os nossos pais que estavam isolados no Subaé desde o início da pandemia. E para a nossa angústia a minha mãe, idosa e diabética, positivou.

Naquele momento enquanto meu mundo desabava, comecei a questionar de modo desesperado tudo que estava acontecendo, e qual o propósito de tantas provações.

Duas mães afastadas de suas crias.

Após três dias de espera, o meu resultado do teste do nariz negativou, e finalmente podia ficar com o meu filho. E assim, no dia doze de agosto de 2020, após nove dias peguei o meu filho nos braços e pude amamentar pela primeira vez.

Um misto de sentimentos nos invadiram naquele momento, estávamos juntos finalmente. Mas a nossa batalha ainda não tinha acabado. Arthur precisava aprender a mamar. E mais uma vez fui colocada à prova de fogo.

Naquele espaço frio e doloroso, durante quatro dias, vivi e revivi os medos e as angústias da construção materna, sozinha, sem o apoio presencial da minha mais velha (minha mãe), sem uma rede de apoio, sem meu companheiro... Apenas eu, minha cria e os olhares de outras mulheres-mães pelo vidro do nosso quatro.

⁷ São destinadas ao atendimento de recém-nascidos considerados de médio risco e que demandem assistência contínua, porém de menor complexidade que na UTIN.

A maternidade para mim foi (e tem sido) uma construção diária de sacrifícios dolorosos. Cicatrizes repletas de amor.

Aquele pequeno ser me ensinou que, não posso criar expectativas ou esperar dele atitudes, pois ele não é uma extensão minha, mas sim, um ser individual e singular, com gostos e vontades próprias, mesmo que inicialmente dependa exclusivamente dos nossos cuidados.

De volta ao Hospital, pude perceber o quanto a figura materna é colocada a teste pela sociedade patriarcal. Julga-se que ser mãe é um dom natural, é puro instinto. Que não há o que aprender, já que “pé de galinha não mata pinto” (frase pronunciada por uma enfermeira enquanto pedia ajuda para posicionar Arthur no berço para dormir).

Quando o pai assumiu o seu lugar ao lado do nosso filho, sendo ele a única figura masculina naquele espaço majoritariamente feminino, além de muita surpresa da equipe médica e das mães que ocupavam os outros leitos, houveram inúmeras tentativas de convencê-lo que não havia necessidade dele estar ali, já que o mesmo não poderia amamentar. Além disso, durante a sua estadia, recebeu total apoio, nas trocas de fralda, nos banhos, na alimentação e no trato com Arthur, aprendendo junto com a equipe as melhores formas de ninar, posições para dormir, dentre outras questões.

No primeiro dia que cheguei ao hospital recebi nos peitos e nas costas o peso da maternidade, e ouvi em determinados momentos frases absurdas da equipe de enfermagem e de outras mães, tais quais: “já que mãe chegou, agora toma conta direito da criança”; “mãe não reclama não, não dorme, fica sentada nessa cadeira aí ó”; “aqui ninguém tem resguardo não, querida”; “se não aguenta é só ir embora”; “tem mãe ai pior que você e não chama a gente toda hora”... dentre tantas outras absurdas frases e atitudes que me fizeram sentir-se culpada por não saber muito que fazer com aquele ser pequeno, que chorava copiosamente e não aceitava o meu peito.

Uma mãe de primeira viagem, pós-operada, pontos inflamados, com medo daquele lugar, e uma cadeira reclinável precisou aprender – sozinha – a conhecer a sua cria. Uma pequena criança prematura, que pesava pouco mais de dois quilos, mas já era cheio de vontades e escolhas.

Foram longos quatro dias e noites, em que por vezes me questioneei, sobre mim e sobre a minha potência enquanto mulher. Me senti fraca, exausta, e sem

rumo. Pensei muitas vezes em pegar aquele menino nos braços e fugir daquele lugar e ir para bem longe daquelas pessoas. Correr para o nosso ninho. Mas era necessário passar por mais esse desafio.

Eu sentia um amor puro e singular pelo meu filho, mas não conseguia sentir prazer ao amamentar, e isso me trazia uma culpa sem tamanho, pois compreendia que a nossa alta dependia exclusivamente disso.

Tratavam-me como se eu, enquanto mulher tivesse a obrigação e o dom de entender o que aquele bebê que eu acabara de conhecer desejasse. E aos poucos moldavam-se dentro de um padrão de mãe que não pode “reclamar”, se cansar ou dormir por mais de duas horas seguidas.

Após muita persistência, mesmo chorando copiosamente dias e noites a fora, com os peitos feridos e doloridos, consegui amamentar meu filho, construindo junto com ele uma conexão surreal, repleta de amor e cuidado.

No dia dezesseis de agosto, após treze dias de UTI/UCINCo recebemos a nossa tão sonhada alta. Estávamos prontos para conquistar o mundo e encontrar a nossa família.

Caminhamos para frente, deixando as nossas costas a vivência de um momento ímpar, o qual jamais vamos esquecer. A experiência vivenciada durante os dezessete dias naquele hospital transformou as nossas vidas e, sobretudo, as nossas escolhas desde então.

Já em casa, juntamente com a alegria imensa de ter Arthur em meus braços e estar com a nossa família, ainda me faltava um pedaço muito grande: a presença da minha mãe. Devido ao teste dela ter positivado, ficamos distantes dela e do meu pai por dezessete dias, até ela testar negativo.

Foram longos onze dias após a alta que passamos longe uma da outra, as chamadas de vídeo não suprimam a necessidade que eu tinha do seu abraço e do seu acalento. Durante essa vivência compreendi muito sobre a maternidade, e a construção das nossas identidades enquanto mulheres-mães. Foram dias dolorosos, nas quais as horas se arrastavam, e a ansiedade tomou conta de mim. No dia vinte e sete de agosto, em meio a lágrimas e sorrisos, nos reencontramos novamente.

Todo esse caminho para a chegada de Arthur Pietro a esse mundo, no pico da pandemia mundial, com um vírus altamente infeccioso e imprevisível, em um

país (des)governado por um presidente genocida, me fortaleceu ainda mais na luta política pela construção de um mundo equitativo para mulheres e homens. Trazer essa reflexão, em meio ao caos que o mundo e, sobretudo o Brasil se encontra, é ressaltar a importância de um posicionamento político humano e social, que defenda os direitos humanos, considerando as singularidades dos indivíduos. E para, além disso, reforce a necessidade de um Sistema Único de Saúde para todos, que funcione e continue a salvar vidas, como salvou a minha e a do meu filho.

Relatar toda essa experiência, que para mim foi extremamente difícil de escrever, nos faz refletir sobre a importância da discussão e da educação feminista, para a desconstrução de conceitos pré-estabelecidos sobre o papel da mulher dentro da sociedade. Nós, mulheres, não nascemos sabendo “ser mãe”. A maternidade é um conceito/vivência/experiência que é construída no decorrer do tempo.

Ficar longe da minha mãe durante esse período fortaleceu a nossa conexão, e contribuiu para a construção da minha identidade enquanto mulher-mãe, compreendendo o nosso lugar político dentro da sociedade. Lembro-me claramente de uma conversa com Kiki, minha orientadora, no qual em uma das suas frases explicou: “estando você mais perto de sua mãe velha, mais fácil será. (...) localizando politicamente seu momento, sua escolha, sua vida...”.

E sim, ficando mais perto dela, consegui me reerguer do chão, junto alguns caquinhos que se despedaçaram com todas as experiências violentas e tristes, mas que somadas, hoje são parte de mim e da minha identidade.

E o que é identidade, se não for a soma de todas as experiências boas-ruins-dolorosas-alegres que vivemos durante a nossa vida? E o que é identidade, se não for a construção do nosso “eu” que transmuta a cada segundo que passa? Identidade não é um conceito estático. É mutável. É bonito. É mar e não rocha. E é nesse mar que velejamos durante os nossos dias terrenos. Construindo histórias, desconstruindo e reconstruindo conexões com os nossos pares, e com nós mesmos.

Tenho aprendido no maternar sobre a infância, e suas singularidades. As crianças não são uma extensão dos adultos, e não podem ser por nós, controladas. Mesmo com poucos centímetros de comprimento já possuem traços identitários singulares, que precisam ser respeitados. Observar, estudar e, sobretudo

conhecer/conectar-se com esses traços são de suma importância para a criação dos filhos.

Tenho aprendido no maternar sobre a desconstrução do machismo, sobretudo da ideia de incapacidade paterna. A sociedade impõe, historicamente, os cuidados com os filhos às mulheres, excluindo a figura paterna da responsabilidade na criação (principalmente nos primeiros dias) do bebês.

Acredito que existem fatores que nos fazem muitas vezes potencializar essa ideia e não permitir que os homens assumam o seu lugar na vida dos bebês: um histórico de abandono paterno na nossa sociedade; pais acomodados que acreditam ser responsabilidade exclusiva da mulher; e as mães que centralizam e não confiam nos homens para exercer essa função.

É quase que natural acreditar que só nós mães temos instinto e sabemos que é melhor para os nossos filhos. Quando precisei ser afastada de Arthur nos seus primeiros dias de vida, Luan – meu companheiro assumiu o seu papel de pai e ficou ao lado do nosso filho enquanto ele se recuperava. Essa atitude que para nós mulheres, parece ser tão natural, foi clamada por todos que acompanharam a nossa história, como um grande sacrifício, e uma loucura da minha parte permitir que ele assumisse esse lugar. Bem como, criou-se uma ideia de questionar a sua capacidade de lidar com um ser tão pequeno, pois, segundo a nossa educação, “homens não tem jeito com crianças”.

Como relatado no hospital, poucos são os homens que se disponibilizam a dormir e acordar ao lado de um recém-nascido de UTIN – Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal, quando a mãe não pode assumir esse lugar normalmente uma outra mulher, seja avó, tia ou parente, a substitui. Normalizar essa ausência paterna, e não cobrar ou permitir, que os homens assumam a sua responsabilidade enquanto pai-genitor dos filhos é reforçar a estrutura patriarcal que sobrecarrega e mata as mulheres todos os dias.

Assim como nós, não nascemos sabendo ser mães, os homens também não nascem sabendo ser pais. Esses papéis são construídos a medida que nos conectamos e aprendemos a lidar com os nossos filhos.

Por essa razão, a educação feminista na vida das crianças é, ao meu ver, o caminho principal para a desconstrução do machismo, sobretudo a masculinidade tóxica. Uma criação/educação feminista, livre de estereótipos de gênero, não é criar meninos com o objetivo de se comportarem “como meninas” – considerando os

padrões atribuídos pela sociedade a esses dois gêneros, mas sim, educar as crianças para o caminho da liberdade, sem as correntes dos padrões e dos papéis pré-estabelecidos, sem sobrecarregar ou violentar ninguém.

Tenho aprendido com o maternar a importância do eu, e, sobretudo, da saúde mental. Sem mim, e sem uma “cabeça boa” não conseguiria chegar até aqui e contar essa história. E para isso acontecer eu precisei me desnudar da culpa, me permitir fraquejar, delegar e confiar nos meus pares. Sem romantizar a maternidade e as suas labutas diárias.

Tenho aprendido com o maternar que a entrega e o sacrifício na criação dos filhos, pode ser revolucionário. E construir estratégias políticas de educação para essas crianças poderá transformar o mundo em um espaço mais justo, solidário e equitativo. E não romantizar a maternidade não significa que não amo o meu filho, pelo contrário, o amo tanto que busco através do meu posicionamento político contribuir para a desconstrução do patriarcado e dos padrões impostos pelo mesmo.

E afirmo: **“a revolução será materna e feminista”**.

Seguiremos na luta, meu filho! Por você, e por todas as outras crianças que ainda virão.

A PARTIDA DA MINHA FLOR(A): O REPENTINO FALECIMENTO DE MINHA AVÓ, A PROTAGONISTA DESSA HISTÓRIA.

Sempre acreditei que tenho uma missão na terra. Pode parecer clichê, mas sinto que algum propósito muito grande se estabeleceu em minha vida quando iniciei as discussões em Educação do Campo – primeiro na disciplina da faculdade, depois na pós graduação e por fim no mestrado.

Durante toda a minha trajetória escolar, escrever histórias de vida sempre foi um dos meus maiores prazeres. Sobretudo, quando essas histórias envolviam as mulheres da minha família, entre elas a minha avó.

Não compreendia muito bem a importância do papel político desenvolvido por minha avó dentro da nossa comunidade, mas sabia que a sua forma de conduzir as decisões, direcionar as demandas e organizar o povo, era de forma orgânica, uma revolução.

Sua casa sempre cheia, um cafezinho na mesa, as revistas de botânica espalhadas pela sala - sempre gostou de compreender sobre as plantas - e o discurso empoderador, conduziram parte das minhas escolhas de vida, e de muitas outras crianças-mulheres que tiveram a oportunidade de conviver com aquela mulher forte e determinada.

A Flora, Tia Fia, Florinda, Maria Bonita e tantos outros nomes pelos quais era chamada, foi referência no esporte, na educação e na política da nossa comunidade, partiu no dia dois de outubro de 2020, mais uma vítima da COVID-19.

Minha avó, grande mulher, uma flor que semeou muitos saberes na nossa comunidade. Sou uma de suas sementes, que germina a cada luta, a cada posicionamento político, e se fortalece sempre que conta a sua história.

Findou a sua história exatamente no período de campanha eleitoral, época que mais gostava e se dedicava de corpo e alma, discutindo sobre as propostas e organizando o povo para “brigar” pelos seus direitos. Mesmo estando “adoentada” ainda pontuava em tom firme quais os caminhos e atitudes deveríamos seguir dentro da política municipal.

A pandemia e o isolamento social a entristeceu ressaltava sempre em suas falas que “essa doença” não deveria nos afastar que ela sentia saudades da bagunça em sua casa e das “prosas da luta”. Por vezes não respeitamos e a visitamos, proseamos enquanto tomávamos um cafezinho e andávamos pelo terreiro. Falamos sobre a criação dos filhos, sobre o quanto o fazer política tinha mudado, sobre as flores e as novas mudas que ela, com muita dificuldade, tinha feito, sobre o meu trabalho da faculdade de Amargosa que nunca terminava, e sobre o vídeo que gravaríamos contando a sua história no mês de setembro.

No último dia que proseamos, ela me chamou atenção com relação a minha gestação. Ressaltou que eu precisava prestar mais atenção no meu corpo e procurar logo um médico, pois o que eu estava sentindo era “coisa de menino que quer nascer”. E mais uma vez a sua sabedoria me deu uma aula, e no dia seguinte me internei para trazer ao mundo o meu pequeno.

Após o nascimento de Arthur mantive vovó informada, mas ela sempre cobrava a nossa presença, pois segundo ela, sabia que seu fim estava próximo e não queria morrer sem conhecê-lo.

No dia dezenove de agosto ela sentiu-se muito mal e precisou de atendimento médico. Após as medicações melhorou o quadro, porém voltou a si de forma diferente, com menos lucidez.

Percebendo que seu quadro se agravava a cada dia mais, assumi o risco e no dia trinta de agosto levamos Arthur para que ela pudesse conhecer, em meio as lágrimas e as orações, explanou a sua gratidão, pois estava sonhada com a aquele momento desde o último dia que havíamos nos visto.

E no decorrer do mês de setembro ela foi partindo aos poucos, entre as memórias que ia esquecendo dos seus noventa anos de luta, foi forte durante todo o tempo, venceu uma parada cardiorrespiratória, dias e noites intensas de alucinações, dores e muito sofrimento. Até o dia que apresentou sintomas gripais.

No dia vinte e sete de setembro foi internada apresentando sintomas gripais e muita falta de ar. Colheram seu teste rápido de covid que negativou, mas,

devido os sintomas apresentados também realizou o teste swab, que teve seu resultado positivo três dias depois, e dois dias depois após o resultado precisou ser entubada e não resistiu.

No dia dois de outubro de 2020, a nossa flor descansou, mas espalhou as suas sementes para que outras flores continuassem a semear a sua história. Nosso último adeus foi rápido e repleto de protocolos de segurança, não foi como ela merecia.

Vovó Flora partiu, mas jamais será esquecida. Continuaremos seguindo seus passos e contando a sua história para o mundo. Escrever esse livro popular com ela, e sobre ela, foi um grande privilégio.

Ela foi e sempre será uma grande referência de mulher de luta, que defendeu seu povo e da sua comunidade. Construiu um legado histórico, findou seus dias na terra, mas plantou sementes que florescem na luta política pela construção de um mundo melhor.

Aprendemos com vovó sobre a educação da terra, das flores e da resistência. Quebrar correntes, fortalecer as nossas raízes identitárias, enfrentar o machismo e contribuir para o empoderamento de outras mulheres é sem dúvidas um caminho que iremos trilhar, por ela e para ela.



Vovó conhecendo Arthur. 2020

GRATIDÃO...

A Deus, pelo dom da vida;
A mim, por ter continuado firme, mesmo quando a minha maior vontade era
abandonar toda essa trajetória;
A meu filho, por ter transformado a minha vida;
A meu companheiro de vida, por ter permanecido ao meu lado;
A minha mãe, por ser a minha maior inspiração;
A meu pai e a minha família, por estar sempre me incentivando a voar mais alto;
A minha avó (*in memoriam*) que escreveu esse texto junto comigo e contribuiu
para a construção da nossa história;
A todas as mulheres da minha família que participaram dessa pesquisa;
As minhas colegas e companheiras de turma;
As minhas professoras e professores da Educação do Campo;
A vida e suas idas e vindas.
Ao destino que nunca me deixou controlar os momentos;
Ao tempo por ter me fortalecido.

SER-TÃO: A FLOR(A) E O LICURI

As Escrituras das Mulheres-Mães do Subaé e a Educação do Campo

Um convite a leitura.

1. AS CORRENTEZAS QUE MUDARAM MEU DESTINO.

Eu, Kelly Santiago Oliveira.

Antes, menina da roça, sozinha e cheia de sonhos na mochila entrando no ônibus na rodoviária de Feira de Santana, em busca no meu destino: **estudar para transformar**.

Hoje, mulher da roça (com uma entonação de valentia grande nessas palavras), MÃE, em frente a um computador tentando transcrever em palavras todas as emoções/sensações de estar fechando um ciclo.

Antes, metódica e disciplinada, na pesquisa, na escrita, na vida.

Hoje, mãe.

E mãe, dentro de um contexto caótico de pandemia mundial.

Mãe, dentro de um contexto exaustivo de trabalho home-ofício, dividido entre organizar as pendências (que deixei antes de parir um menino prematuro de 34 semanas) e pensar novas formas de trabalhar educação nos Projetos de Extensão Rural.

(...respira...)

Quando criança fui poucas vezes ao mar, minha referência de fortes correntezas e agito da água eram as escorregadeiras improvisadas no sangrador⁸ da Cacimba⁹, que com as trovoadas de verão se tornava o local de maior aventura e diversão do meu povo.

Minha mãe, tão protetora, porém “doida” (como era conhecida na comunidade) e aventureira, liderava as expedições de nado com as crianças e adultos e denominava responsabilidades: “Os menores escorregam e os maiores aparam lá no finalzinho, para

⁸ Sangrador: Como é denominado o local onde, após muitas chuvas, a água dos tanques ou açudes da roça esvaziam-se.

⁹ Cacimba – Nome do tanque que existe no Subaé e era utilizado pela população quando não havia água encanada para lavar roupas, e também para diversão das crianças e adultos da comunidade.

não deixar passar direto por causa da cerca da roça de Zezinho”. Que aventura... um misto de medo e liberdade.

Escorregar por alguns segundos, ora doía e ralava a bunda (devido aos matinhos que estavam no chão), ora era a maior sensação de liberdade e de voo que a gente sentia naquela pequena comunidade do campo.

Essa sensação de **medo e liberdade** nunca fez tanto sentido para mim, como agora na finalização desse ciclo. E é com essa referência com começo esse texto, que apresentará as mudanças metodológicas e adotadas durante o processo de escrita desse Produto.

2. MUDANÇAS, ANDANÇAS, APRENDIZADOS: O QUE ERA ANTES AGORA NÃO É MAIS...

Nunca, em nenhum processo acadêmico-educativo que vivenciei durante os meus poucos, vinte e seis anos de idade, mudei tanto o **meu ser** e a **minha essência** como no Mestrado em Educação do Campo da UFRB.



Registros 1 e 2 – O primeiro passo de uma jornada cheia de descobertas e aprendizados

Primeiro, pela experiência vivenciada na disciplina Estudos Feministas, ministrada pela Mãe-Professora (hoje, por destino, minha orientadora) Kiki Givigi, a qual cursei como aluna especial, em 2018. Ali, durante aqueles intensos dias descobrir que o mestrado era meu lugar – político, educativo e de direito, e que precisava contar a história das mulheres que, com muita labuta, contribuíram para a minha criação e para que eu me tornasse a mulher-feminista que sou hoje.



Registro 3 – Turma da disciplina estudos feministas

Segundo, pela acolhida e experiências compartilhadas com minhas colegas de casa, que partilharam, dividiram e somaram vivências à minha formação feminista durante os nossos poucos (mas intensos) dias juntas.



Registro 4 – Nossa tão sonhada matrícula

Como também, pela experiência de maternidade (sem ainda sonhar em ser mãe tão jovem e tão bagunçada) vivenciada junto a minha companheira de estradas e pelejas, Selma Freitas, que enfrentou uma ladeira e uma seleção peneira de furo fino¹⁰ com uma menina na barriga, que, após nascer acompanhou todas as nossas leituras e discussões de textos nas madrugadas intensas das disciplinas que cursamos juntas.

Quando a tão sonhada aprovação (e que palavra de peso) aconteceu, um misto de medo tomou conta de mim, e minha primeira reação foi a de negar a minha conquista. Quase não me matriculei, me sentia inapta a carregar um título tão pesado nas costas,

¹⁰ Como diz Mainha para ilustrar algum momento/atividade difícil de ser realizada.

ainda doloridas pela pesquisa da especialização em Educação, mas, após ser encorajada pelos meus, peguei a mochila e fui.



Registros 5 e 6 – As paredes que falavam.

E chegando lá ... tudo era tão diferente do havia pensado vivenciado como aluna especial.



Registro 7 – tantos signos, tanta cultura, o nosso povo em um único espaço.

Falar sobre o meu povo, e sobre a minha pesquisa dentro da Extensão Rural e da construção das identidades das crianças do campo em um espaço, no qual, eu, não estava representando uma sigla da luta camponesa foi motivo para deboche. Bem como, demarcar o espaço que estava ocupado com a bandeira feminista e com o meu discurso sobre o encorajamento das mulheres do campo, me desapartou do rebanho.



Registros 8 e 9 – Eu e minha farda: Blusa do movimento, lenço na cabeça e sandália de couro.

Colegas (e não companheiros) de mestrado - moças e rapazes, Professoras e Professores, demonstraram, em poucos dias de experimentação mestranda, que dentro da academia há segregação de luta, que há (muito doído falar isso) correlação de forças e hierarquização de bandeiras no qual, ser mulher e ser da roça¹¹, com raízes junto a um povo “desorganizado” e utilizado pelo “capitalismo como mão de obra barata” é não ter voz, não ter vez, e sobretudo, ocupar um espaço que não lhe pertence.

Foi dentro desse campo minado, dividido em epistemologias, militâncias e lutas individuais com máscaras coletivas, que percebi o quanto precisava continuar gritando a (resis)existência das mulheres rurais.

Foi dentro desse campo epistemológico e traiçoeiro de pesquisa, que percebi, que o meu discurso feminista e de defesa da Agricultura – DESORGANIZADA – Familiar era pouco, ou quase nada importante, comparado as discussões de classe e de luta pela terra. Como se, construir diálogos sobre as subjetividades e das identidades das pessoas, e sobretudo das crianças, invalidasse a luta de classe e não contribuísse para a soma da luta da Educação do Campo.

Essas divisões de trincheiras, resultou na ampliação a minha sensibilidade junto as mulheres rurais, e sobretudo, as mulheres próximas a mim, como a minha mãe, a minha

¹¹ Desde criança a palavra roça e roceira sempre estiveram dentro das negativas que perduraram quase que toda a minha vida, adotar esse termo, para mim, tem um significado expressivo de identidade construída com muita luta, pesquisa, extensão e educação. Por essa razão, adotei esse termo como forma de demarcação política e de valorização do meu lugar de fala. Aqui eu trago roça com muita força nas minhas palavras, pois durante uma aula do mestrado, quando utilizei o termo para reforçar a minha identidade, fui reprimida por uma colega, que segundo ela, eu estava manchando a luta camponesa por utilizar um termo pejorativo para a população do campo.

avó... e as suas lutas para a construção de uma comunidade menos patriarcal e machista, que difere dos padrões hierárquicos do campo.



Registros 10 e 11 – Dois momentos significativos do mestrado para mim – a nossa ida ao terreiro de Kiki e o Seminário de Educação do Campo

Entretanto, pesquisar a Extensão Rural e sua ação junto a construção das identidades das crianças ainda era o meu maior desejo e, por trabalhar junto aos extensionistas na construção dessas metodologias, o caminho mais natural (e porque não dizer confortável) a ser seguido.

Durante a especialização em Educação do Campo no IF Baiano realizamos a pesquisa “SER-TÃO: as contribuições da ATER da UNICAFES BA no fortalecimento do sentimento de pertença das crianças do semiárido baiano”¹², que tinha como objetivo principal compreender até que ponto as contribuições metodológicas da UNICAFES Bahia, por meio da efetividade de ATER, fomentam a (re)construção das identidades das crianças situadas nos municípios de Gavião e Nova Fátima, localizados no Semiárido baiano. Para tanto foram realizadas atividades formativas e de intervenção com os/as extensionistas contratados pela Chamada de ATER Sustentabilidade, de forma coletiva com as crianças do campo de cinco comunidades, buscando compreender de que forma a ação dos/as extensionistas dentro das comunidades atendidas influenciava de maneira positiva ou negativa nas construções das identidades das crianças do campo.

Tal pesquisa apresentou resultados pertinentes acerca da ação dos extensionistas, técnicos contratados pela UNICAFES BA, nas comunidades atendidas pelo Projeto, sobretudo no que se refere a construção das identidades das crianças a partir da sua interação dentro da escola, através das construção de hortas escolares e de oficinas com as crianças. Após a finalização da pesquisa em 2018, muitos caminhos foram mudados e

¹² A pesquisa-ação citada acima foi fruto dos estudos, vivências e paixões desenvolvidas durante a especialização de Educação do Campo, cursada por mim de 2016-2018 no IF BAIANO – CAMPUS SERRINHA, a mesma foi desenvolvida em coletivo com os extensionistas da UNICAFES BA e as crianças do território Bacia do Jacuípe.

redimensionados, principalmente com relação aos atores sociais da pesquisa, que inicialmente seriam os técnicos já formados e que atuam em comunidades rurais através das Chamadas Públicas executadas pelas Organizações da Sociedade Cível e Entidades Não Governamentais.

Porém com a finalização da Chamada de ATER do Governo do Estado, mesmo com todas as negociações para a continuidade das Chamadas, foi necessário pensar uma nova categoria de atores sociais para construir de forma coletiva essa pesquisa.



Registros 12 e 13 – Grupo JURÚS e creche do Subaé

Para tanto, durante o processo de qualificação redirecionamos o objeto de pesquisa para trabalhar junto ao grupo de pesquisa JURÚS, do qual faço parte, e construir ações coletivas, interventivas e educativas junto as crianças do campo da comunidade de Subaé.

Nessa minha mania exaustiva de gostar de abraçar o mundo, continuamos a pesquisa e realizei algumas atividades dentro da metodologia da pesquisa-ação, que sempre foi o meu direcionamento de militância e de vida acadêmica. Porém, ainda sentia que precisava explorar mais o meu lugar, a minha história, a história das minhas ancestrais e de como elas construíram um legado que motivou e direcionou as minhas escolhas de vida.

No decorrer do processo de construção do meu texto de qualificação, escrevia sem fôlego e conseguia enxergar um produto cheio de identidade e relevância para a Extensão Rural e a Educação do Campo. Bem como, conseguia perceber, mesmo que ainda distantes, as vozes das minhas ancestrais dentro do meu texto, que de forma ainda bem acadêmica relatava a história da nossa comunidade e do nosso povo.

Entre os dias corridos e exaustivos, enquanto preparava a apresentação de qualificação, fui “sequestrada” pelo meu companheiro de vida (Luan Nunes) e mais alguns amigos, dois dias antes de qualificar, com o objetivo de me fazer relaxar na praia.

No caminho, conversávamos sobre o quanto uma ação como essa - decidir de um dia pra noite fazer uma viagem à praia - era estranho para mim, menina na roça, que na

infância e adolescência foi tão poucas vezes a praia, e tinha dentro da sua comunidade o seu cantinho de esporear e também de refrescar em dias de calor.

Nesse processo de reflexão sobre a infância, um simbólico fruto permeava a minha mente e as histórias que contava – o Licuri. Esse fruto tinha uma força política educativa muito mais complexa do que havia percebido antes.



Registro 14 – Os Licuris do fundo de nossas casas

O licuri para mim e para o Subaé (sobretudo para as minhas ancestrais) tinha um significado identitário de luta, coletividade e construção de emancipação educativa e política das crianças e das mulheres, que partilhavam suas estratégias de resistência e de vida.

Foi construindo esse caminho do Licuri que qualifiquei, no dia 17 de dezembro de 2020 (dia importante pra mim já que era aniversário de minha mãe). E ouvi, da minha banca (sensível e escolhida a dedo por nós) que a minha apresentação e aquele simbólico fruto tinha grandes histórias para contar. Histórias que permeavam as lutas das mulheres da minha família, a educação do campo da minha comunidade e sobretudo, a construção da nossa identidade coletiva.



Registro 15 – Qualificação e o caminho do Licuri

Após a qualificação um misto de sentimentos, ideias, permeavam a minha cabeça, e já queria chegar em Serrinha escrever, planejar, escrever, desenvolver, e continuar escrevendo...



Registros 16 e 17 – todos os sentimentos envolvidos no processo.

Foi durante a minha fervorosa apresentação de ideias que ouvi da minha banca “Relaxa, Kelly. Descansa e começa a pensar nessas ações para 2020. Faz essa menina relaxar, Luan”. E foi, nesse mesmo dia – *17 de dezembro de 2020*, que por ordem do universo, que germinamos a nossa sementinha do Licuri e fruto do meu mestrado. Fizemos um filho, um menino, uma continuidade da nossa história da na terra.

Após a descoberta da maternidade, no dia 12 de janeiro de 2020, toda minha vida mudou. E por dias e dias não conseguia dormir, comer, estudar ou trabalhar, sem ouvir uma voz ecoando na minha cabeça “agora eu sou mãe... agora eu sou mãe...”.

Logo eu sempre tão planejada me vejo em 2020 recebendo a maior surpresa da minha vida... Os caminhos mudaram do dia pra noite e passaram a ser escritos não apenas por mim, e pelas minhas vontades, mas também pelo meu desejo de ser melhor, pelo meu amor inexplicável que eu tenho sentido desde que descobri a existência da minha sementinha.



Registro 18 – A nossa primeira fotografia juntos.

E em poucos dias fui aprendendo que a maternidade é um mundo novo, bonito e doloroso. Atréada a ela muitos dedos se estendem, e as decisões de uma vida individual passam a ser julgadas de forma coletiva.

O “agora você é mãe” veio composto de pitacos, sobre o que eu (mulher e mãe), estudante e trabalhadora, deveria fazer, como deveria agir, como deveria me sentir ou me vestir. E esse misto de sentimentos, atrelado ao medo e a ansiedade de ser responsável pela vida de alguém, contribuiu muito para o direcionamento final do meu produto.

Decidi escrever, registrar e eternizar nesse produto a história das mulheres da minha comunidade, que para serem mães nunca deixaram de ser trabalhadoras, que educaram as suas crianças em comunidade, nas nossas rodas de Licuri, e assim, contribuíram para a construção de um lugar considerado por muitas mulheres de gerações diferentes o “pedacinho de céu na terra”.

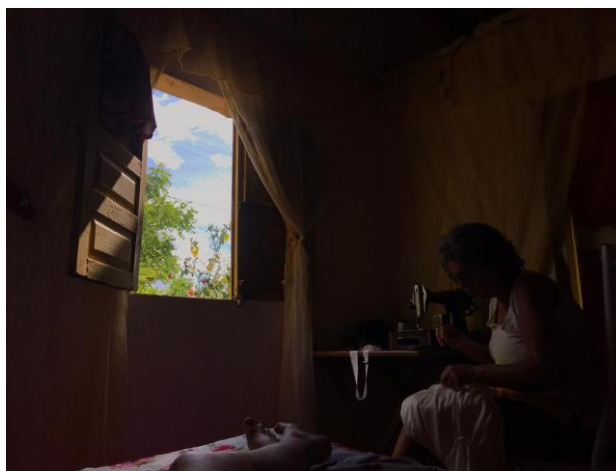


Registros 19 e 20 – Um pouco do nosso povo.

Decidi escrever a nossa história, para que meu filho, meus sobrinhos/as, primos/as – e as gerações que vierem depois de nós, conheçam os caminhos que percorremos, os legados que construímos e as estratégias de resistência adotadas pelo povo, mas principalmente pelas mulheres, para que o Subaé fosse reconhecido como um espaço político e de emancipação de uma cultura patriarcal e machista. As mulheres, trabalhadoras, educadoras e políticas da minha família e da minha comunidade, construíram através das rodas cantadas de Licuri processos educativos de vida que resultaram na construção das identidades coletivas de inúmeras gerações.

3. DESCAMINHOS METODOLÓGICOS - DA PESQUISA-AÇÃO PARA AS ESCRITURAS

A reconstrução em meio aos cacôs é um processo doloroso e desesperador. Mas necessário, e essencial para o desenvolvimento de uma pesquisa, que como a minha, se deparou com tantos agentes externos que obrigatoriamente mudaram as suas categorias analíticas, os seus atores sociais, os seus instrumentos... Todas essas mudanças no caminho me tiraram o sono, a estabilidade emocional e por vezes, quase que o fôlego para finalizar esse ciclo de mestrado.



Registro 21 – Nossos momentos de reflexão: Mainha e costura e eu e a pesquisa

A pesquisa-ação sempre foi um processo metodológico que me inspirou, me apaixonou e sustentou a minha identidade como pesquisadora e militante da Educação do Campo.

Dessa forma, após direcionar o meu produto de mestrado junto as mulheres da minha comunidade, pensamos em um plano de ação que integrasse as crianças e recontasse e vivenciasse com elas as nossas rodas de licuri.

As atividades planejadas para essa pesquisa-ação tinham como objetivo integrar crianças e mulheres, em roda para partilhar as histórias do Subaé, bem como, realizar todo o percurso educativo do Licuri, no qual as crianças iam ser levadas até a roça, apresentadas a cultura da colheita, do preparo e da partilha do Licuri, enquanto construíam coletivamente com as mulheres as narrativas sobre o Subaé e suas identidades.

Iniciei a mobilização com a comunidade, conversei com as famílias sobre a pesquisa e a produção do produto, ouvi as ideias que elas apresentavam, e preparamos o nosso plano de ação para o mês de março de 2020.

No dia 08 de março de 2020, nos reunimos para comer os Licuris que já haviam sido colhidos, e discutir a trajetória da pesquisa, que seria iniciada junto as crianças no domingo seguinte.



Registro 22 e 23 – O licuri cozido no fundo de casa e nosso primeiro encontro para discutir a pesquisa

O que não imaginávamos naquele dia 08 é que a pandemia mundial da COVID-19 iria se espalhar de forma tão devastadora, e chegar tão perto do nosso município e da nossa comunidade. Permanecemos com as atividades e reunimos as crianças no dia 23 de março, para iniciar a partilha sobre as nossas histórias.

Nessa atividade, entre uma quebrada e outra de Licuri, as mulheres relatavam suas travessuras, aventuras e contavam as histórias de assombração e medo às crianças, que atentamente ouviam e se deliciavam com o Licuri. Ficamos a tarde inteira rindo e compartilhando aventuras. Aquele foi nosso último encontro...



Registros 24 e 25 – Nosso primeiro e ultimo encontro da pesquisa

Desde aquele dia, as nossas risadas passaram a ficar presas dentro das cercas e dos muros das casas. O medo no olhar daquele povo coletivo, que gostava de festa, reunião e licuri, passou a ser constante. E falar com a vizinha de roça só por traz da cerca e seguindo distanciamento.

A veronez que levava o povo ao município as 6h da manhã, sempre tão cheia e disputada parou de rodar. A reunião das noites no redondo para jogar a conversa fora não

mais aconteciam. Os babas dos “veios”¹³ precisou ser suspenso. Flora não era mais vista cuidando das plantas e recebendo uma visita. As aulas das crianças canceladas. Nas paredes da venda de Dona Lurdes uma placa, que assustava: permitida a entrada apenas de máscara. O bar de Tonho baixou as suas portas. O Subaé mudou. A vida mudou. E foi com esse contexto assustador que precisamos reinventar toda a nossa construção coletiva de vida.



Registro 26 e 27 – A Rua do Campo pós-pandemia

E outra vez (mais precisamente pela quarta vez) me vejo sem rumo, com um planejamento completamente bagunçado pelo destino. E sou obrigada a me recolher enquanto pesquisadora, e me fortalecer enquanto ser humano.

Por conta desse contexto, passamos a construir nossos encontros de pesquisa através de rodas virtuais de bate-papo através de um grupo no WhatsApp, onde mulheres e crianças compartilhavam seus áudios, vídeos e fotografias sobre o Subaé e suas histórias de vida.

Para tanto, o método de pesquisa adotado durante esse caminho final de construção do produto foi baseado nas “escriturências” de autoria da escritora Conceição Evaristo, enquanto uma ferramenta metodológica poética, política e fundamental para balançar e bagunçar os paradigmas do academicismo.

Dessa forma, utilizamos as entrevistas narrativas, no qual as mulheres contaram sobre momentos importantes de sua vida dentro dos eixos principais para a construção do produto: infância, trabalho, lugar como mulher, brinquedos e brincadeiras, as buscas do licuri.

¹³ O baba realizado todo domingo pela manhã pelos homens mais velhos da comunidade, grande momento de descontração da comunidade.



Registros 28 e 29 – Nossas fotografias que foram disponibilizadas para o produto

Os áudios foram enviados pelo Whatsapp, algumas delas se disponibilizaram a ir até a minha casa, disponibilizaram fotografias de arquivos pessoais, que foram anexadas a esse produto de uma forma bem sensível, com o intuito de ilustrar e materializar um pouco do que estava sendo contado no decorrer do texto.

Entre um café, um choro, uma cerca, um áudio e outro escrevemos juntas esse produto. Nas madrugadas chuvosas do mês de maio, Mainha ao meu lado relatava suas aventuras e refletia sobre aquele velho estereótipo “mulher-macho”. Enquanto a gente arrumava as roupinhas de um bebê que logo chegaria, descascava um feijão de corda e mudava de canal (pois segundo ela não aguentava mais ouvir falar do corona) transcrevíamos as histórias das mulheres, e refletíamos o quanto o nome de Flora Gomes (minha avó) era citado como referência de resistência feminina.



Registros 30 e 31 – Nossas muitas mãos.

Esse produto foi escrito por muitas mãos, que juntas, lembraram histórias, construíram momentos educativos e eternizaram a trajetória de um povo, feliz e resistente, que educou em comunidade suas crianças e que busca fortalecer seus vínculos de comunidade mesmo em tempos tão individuais.

As visões das mulheres que participaram desse processo de escrita mostra que mesmo com o passar do tempo, o legado do nosso povo de educar coletivamente, de fazer

política visando o bem-comum, de construir estratégias para quebrar (mesmo que de forma tão inconsciente) o patriarcado, através da educação das crianças, segue firme dentro daquela comunidade. E isso, é Educação do Campo.

Uma Educação do Campo que permeia as relações sociais e as estratégias de vida de uma comunidade de trabalhadoras e trabalhadores, que tem como sua maior liderança uma mulher, política, que encorajou os voos de tantas outras meninas e meninos e que contribuiu de forma significativa para a emancipação daquele espaço.



Registros 32 e 33 – Registros disponibilizados pelas mulheres de suas aventuras no campo

O povo do Subaé, e sobretudo o meu povo da rua do campo, construiu o seu legado e a sua história através de suas andanças educativas, pelas roças em busca de licuri, umbu e cajá, plantando feijão e milho, jogando bola domingo de manhã e conversando no redondo sobre como organizar o São João daquele ano.

Para tanto, com a construção desse produto e o caminhar dessa pesquisa de mestrado percebemos que a Educação do Campo é um espaço político, de resistência e de emancipação do povo da roça, sejam eles agricultores/as, pescadores/as, professores/as... o povo do campo organizado em associação ou cooperativa, ou não. O povo do campo com raízes estrangeiras, indígenas ou quilombolas. O povo do campo que precisou sair do rural para estudar ou trabalhar, mas ainda tem em seu pulsar o desejo de retornar a sua comunidade e fortalecer as suas identidades.



Registro 34 – Fotografias dos momentos de ida a roça - 2013

Eternizar a história desse povo, e sobretudo das mulheres mandonas do Subaé, é uma estratégia política e de resistência dentro das próprias discussões sobre o que é Educação do Campo e para quem essa militância se destina.



Registros 35 e 36 – as nossas gerações.

Eternizar essa história é garantir que as gerações futuras do Subaé, conheçam as nossas trajetórias de lutas ancestrais para a educação, transformação social e emancipação da nossa comunidade. Por meio desse produto, materializado através de um livro popular, buscaremos fortalecer os nossos vínculos e continuar a realizar as nossas educativas do licuri.

E o privilégio de ter escrito e ouvido tantas histórias antes da partida da nossa matriarca não há palavras e expressões que traduzam o quanto sou grata por ter escolhido esse caminho metodológico.

4. O QUE APRENDI COM AS MUDANÇAS DO DESTINO...

Gerar e parir uma criança, trabalhar/produzir em regime home-ofício, e ainda construir uma nova estratégia de pesquisa em tempos de pandemia mundial com um (des)governo incentivando a população a caminhar até a morte, foi um dos processos mais difíceis de minha vida.



Registro 37 – O nosso cantinho no mundo

Aprendi nesse processo – entre, engravidar sem ter me preparado para ser mãe e, ter que enfrentar os problemas da vida enquanto construía uma forma de eternizar as histórias das minhas ancestrais e da minha identidade, que um planejamento, por mais bem estruturado que seja não é **n-a-d-a** sem o destino.



Registro 38 – Nossa conexão

Aprendi que a construção acadêmica ela deve ser popular, e que esse produto, que por diversos momentos julguei “sem conteúdo” e com escrita rasa, nada mais é do que a forma de resistência do meu povo dentro desse processo caótico de isolamento social, de enfrentamento ao inimigo invisível e de “novo normal” que estamos vivenciando desde o início do ano de 2020.

Percebi que escrever de forma acadêmica e trazer as proposições dos diversos autores é mais fácil do que contar a sua própria história, e a história do seu povo. Escrever abandonando o vocabulário rebuscado que construímos durante o processo acadêmico é doloroso, e desnudar-se de toda vaidade para escrever de modo poético e principalmente, como o seu povo, é um processo de (des)(re)construção.

Aprendi que o tempo é mãe e pai, e que sem ele não há histórias ... vivenciar um parto prematuro, sozinha, dividida entre a dor e o amor, foi a experiência que mais me transformou.

Aprendi que a dor da partida deve ser vivida e sentida, mas que plantar a semente e gritar a história é necessário e essencial para manter o legado vivo e pulsando.



Registro 39 e 40 – Os grandes protagonistas dessa história – encontros e despedidas.

Hoje, posso afirmar com todas as letras que a minha titulação de Mestre em Educação do Campo é fruto de uma construção coletiva com a minha história e a história da minha comunidade. E foi construída com o propósito de registrar as nossas formas de educar, amar e resistir.

“Meu título” é da minha avó, da minha mãe, do meu pai, do meu irmão, do meu filho ... meu título é do Subaé. Meus passos dentro desse programa foi dado por esse povo, agricultoras e agricultores familiares, professores e professoras, mães e pais, que por vezes em sol quente e na chuva passaram pelo pequeno caminho cheio de carrapichos e “pega-pintos” para colocar a comida na mesa e garantir que eu, menina da roça que foi

poucas vezes ao mar, pudesse estudar e contribuir para o desenvolvimento da minha comunidade.

Para além da titulação, a entrega desse produto é uma forma de resistência política do meu povo e das nossas identidades enquanto povo da roça, da Agricultura Familiar, que por vezes foi deixada de lado nas discussões dentro da própria Educação do Campo.

Encerro esse ciclo com a certeza que a história da minha avó, hoje não mais nesse plano terreno, jamais será esquecida. Eternizaremos as suas palavras, o seu legado e a sua vida.

Encerro esse ciclo com a certeza que as vozes das mulheres transcritas nesse livro popular ecoaram por longas distancias, e trarão reflexões pertinentes para as discussões sobre as identidades, os feminismos rurais e a desconstrução dos estereótipos de gênero.



Registros 41 e 42 – Nossos momentos junto a conexão com o Licuri

Que o meu filho, e as nossas futuras gerações possam conhecer e valorizar a história da nossa comunidade e junto com ela escrever o seu próprio legado.

Kelly Santiago Oliveira.

26 de Novembro de 2020, 22:14.